Organizadores:
ITAMAR SPANHOL • HELENA BEDENDO
FERNANDO COSTELLA • ENEIDE NEGRI

Município de Vila Lângaro

UMA HISTÓRIA DE SONHOS, TRABALHO E FÉ.

2020

REVISTA comunicação

Organizadores:

ITAMAR SPANHOL • HELENA BEDENDO
FERNANDO COSTELLA • ENEIDE NEGRI

Município de Vila Lângaro

UMA HISTÓRIA DE SONHOS, TRABALHO E FÉ.

2020

REVISTA comunicação

[Ficha Catalográfica]

Mensagem do prefeito municipal Claudiocir Milani e vice-prefeito Anildo Costella

Um Município se constitui por um território, população organizada e um governo. Para a formação do município de Vila Lângaro, diversos fatores contribuíram para que esse sonho fosse alcançado, a boa vontade da sua gente, dedicação por esta terra, religiosidade e fé, além do desejo de evoluir.

Desta maneira, nasceu a nossa Colônia Lângaro que em1995 passou a denominação de Vila Lângaro, hoje em crescente desenvolvimento.

Para a formação do Município houve a contribuição de diversas pessoas dedicadas e trabalhadoras, capazes de transformar matas aqui existentes nos primórdios dos tempos, em áreas de agricultura e pecuária que alavancaram o desenvolvimento das famílias e localidades interioranas, as quais compõem o mapa geográfico do Município.

Na condição de atual Prefeito municipal de Vila Lângaro eu Claudiocir Milani e o Vice-Prefeito Anildo Costella estamos muito felizes por estar a frente da administração municipal nesta importante data, quando comemoramos o Jubileu de Prata de emancipação politico administrativa deste município. Por isso investimos na edição deste livro, não só como documento de registro de memória e história até aqui vivida, mas também como instrumento de pesquisa às gerações dos tempos presente e futuro.

O Livro Vila Lângaro, uma História de Sonhos, Trabalho e Fé não se tornaria um documento tão importante caso não tivesse sido construído e elaborado por uma equipe de pessoas dedicadas e comprometidas como às senhoras Helena Langaro Bedendo, Eneide Negri, e o senhor Fernando Costella, que ao assumirem a responsabilidade de dar consistência ao livro, deixaram de lado por vezes os compromissos familiares, indo a campo para pesquisar e coletar

informações, tanto junto aos mais idosos, como nas comunidades, Municípios da região e entidades e organizações locais.

Também gostaríamos de agradecer a participação dos demais membros da comissão organizadora, aos senhores Joel de Almeida Teixeira, Alencar Biazotto, Valdemar Rovani. Marcelo Biazutti, Josemar Comiram e ao professor João Carlos Tedesco, pela contribuição que os mesmos deram para a concretização desta obra.

Nosso agradecimento especial ao Historiador Itamar Spanhol pela orientação dada a comissão organizadora para que o livro pudesse ser construído abordando todos os aspectos históricos do município de Vila Lângaro.

Também gostaríamos de lembrar a importância de todos aqueles munícipes que não se encontram mais entre nós, mas que lutarm muito para construir neste lugar um espaço de muita prosperidade para todos que nele habitam.

Parabenizamos a todos os cidadãos aqui nascidos, ou que por este município passaram, que com sua fé e trabalho construíram com determinação o Município que neste ano comemora Jubileu de Prata de história e desenvolvimento.

Parabéns Vila Lângaro! Parabéns a todos que fizeram e fazem parte desta história.

Claudiocir Milani
Prefeito Municipal

Anildo Costella
Vice-Prefeito Municipal

Agradecimentos

A elaboração deste trabalho não teria sido possível sem a colaboração, estímulo e empenho de diversas pessoas. Quero expressar toda a minha gratidão e apreço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta tarefa se tornasse uma realidade.

A atual Administração Municipal representada pelo senhor Prefeito Claudiocir Milani pelo apoio dado para a concretização desta obra que trás o resgate histórico do município e assim concretiza a idealização do sonho de muitas pessos de registrar a trajetória do município de Vila Lângaro, desde o início da colonização bem como o caminho trilhado pelo município nos seus 25 anos de emancipação.

A equipe de pesquisadores, e em especial coordenadora Helena Langaro Bedendo, a vereadora Eneide Negri e o professor Fernando Costella, agradeço o modo como se disponibilizaram no auxílio dos trabalhos, a colaboração prestada sempre que solicitada, a amizade e o companheirismo.

Muito obrigado ao sennhor Josimar Comiran, Procurador do Município de Vila Lângaro, por orientar a Administração Pública sobre o valor e importância de dotar Município de um registro impresso nas páginas de um livro. Ele argumentou: "não só como documento de registro de memórias e história até aqui vivida, mas também como instrumento de pesquisa às gerações dos tempos presente e futuro".

Agradecimento ao Sandro Rampazo da Editora de Comunicação Norte Gaúcho de Tapejara, diretor e editor da Revista Comunicação pela assessoria de editoração e impressão.

Um agradecimento especial a todas as pessoas da cidade e do interior que participaram de entrevistas, bem como aquelas que forneceram fotografias, documentos e relatos sobre a formação do Município de Vila Lângaro.

Muito obrigado à Paróquia Nossa Senhora da Saúde de Tapejara e a Paróquia Santo Antônio de Água Santa, bem como a Prefeitura Municipal de Tapeja-

ra pela contribuição de seus registros históricos contidos em suas publicações, livros, que foram relevantes fontes de informações e dados para embasamento desta obra.

Queria agradecer aos funcionários do Memorial do Legislativo do Rio Grande do Sul por disponibilizarem os autos do processo de emancipação político – administrativo de Vila Lângaro que continham valiosas informações para o suporte da obra em tela.

Agradecimento aos Vereadores e Vereadoras da Câmara de Vereadores de Vila Lângaro pela decisão de autorizar bem como o apoiar para que este livro pudesse ser publicado.

Muito obrigado as Secretarias Municipais em especial da Educação e suas equipes, pelas informações disponibilizadas, bem como os representantes das entidades, Associações, Agremiações que disponibilizaram informações, registros, documentos e fotografias.

Ao concluir este trabalho População e o Governo Municipal de Vila Lângaroneste 25 anos de emancipação política - administrativa comemora mais uma conquista em sua trajetória de preservar e difundir a sua memória e história. Nesse tempo vivido, geração após geração diversas foram as pessoas que se dedicaram a construir a história de Vila Lângaro terra de Fé e Trabalho.

Itamar Spanhol
Historiador

Sumário

Mensagem do prefeito municipal
Claudiocir Milani e vice-prefeito Anildo Costella 7

Agradecimentos 9

Apresentação 13

1. Aspectos físicos e geográficos do município de Vila Lângaro 16

2. O povoamento do Rio Grande do Sul e a
colonização do norte do estado (Século XVIII - XX) 20

3. A origem do povoado e a formação do município de Vila Lângaro 28

4. Outras famílias que deram início à colonização de Vila Lângaro 44

5. Evolução política e territorial do município de
Vila Lângaro 1910-2019 55

6. Atividades econômicas de Vila Lângaro: considerações
sobre diferentes atividades econômicas do município
ao longo de sua história 66

7. Históricos das comunidades de Vila Lângaro 107

8. O passado e o presente na educação do município de Vila Lângaro 141

9. A trajetória do acesso à saúde no município de Vila Lângaro 152

10. Assistência social do município de Vila Lângaro 161

11. Esporte, cultura e lazer 163

12. Comunicação 186

13. Entidades, sindicatos, associações 192

14. Atrativos turísticos de Vila Lângaro 204

15. Fatos que marcaram a história de Vila Lângaro 210

Considerações finais 220

Referências bibliográficas 221

Apresentação

A história do município de Vila Lângaro será contada neste livro para que a trajetória desse povo fique para sempre registrada e para que as futuras gerações conheçam um pouco do caminho trilhado pela sua gente desde o início do povoamento do território até os anos de 2020. Esse caminho foi marcado por muita luta, desbravamentos, trabalho e fé, de um povo que acreditava ser possível transformar o território Vila Lângaro em um lugar próspero para se viver com suas famílias.

Cabe ressaltar que o livro foi elaborado com o objetivo principal de fazer um pequeno resgate histórico da ocupação humana e formação territorial, bem como conhecer os caminhos que foram trilhados para a conquista da emancipação política-administrativa de Vila Lângaro. O trabalho foi construído por várias pessoas do município, que disponibilizaram seu tempo, abdicando de ficarem com suas famílias, de horas lazer, para se dedicarem a pesquisar como ocorreu o povoamento do atual município de Vila Lângaro e a formação territorial do mesmo.

Naturalmente, pelo fato de o livro contar a história da ocupação do território por várias gerações ao longo dos anos, nem todas as histórias puderam ser resgatadas. Com certeza muitos acontecimentos, muitas belas histórias familiares, muitos fatos interessantes, infelizmente podem ter ficado de fora, mas em nenhum momento foi por má fé dos organizadores e sim pela falta de tempo disponível para se ampliar ainda mais a pesquisa e poder ouvir todas as pessoas de todas as comunidades.

No entanto isso não impede que este material, futuramente possa servir de alicerce para uma nova pesquisa, muito mais aprofundada e detalhada, onde novas fontes de informação poderão ser encontradas detalhando ainda mais as riquezas do passado do povo Vila Langarense.

O método de construção dessa obra se deu através de pesquisas bibliográficas, coleta de dados (pesquisas em Cartórios de Registros, em Mitras Diocesanas, através de depoimentos de pessoas idosas, bem como daquelas que de

uma forma ou de outra fizeram parte da história de Vila Lângaro), interpretação e produção textual.

Procuramos registrar todos os fatos históricos importantes que foram vivenciados pelo povo Vila Langarense, mas isso não descarta a possibilidade de algo não ter sido registrado nesse livro.

No decorrer da leitura desta obra, o leitor perceberá que inúmeras vezes aparecerão as denominações Colônia Lângaro e Vila Lângaro, isso ocorre porque o nome do povoado antes da emancipação era Colônia Lângaro e com a fundação do município passou a ser chamada de Vila Lângaro.

Outra informação importante é que o sobrenome Langaro não leva acento circunflexo, mas na escrita de Colônia Lângaro e Vila Lângaro sempre utilizou-se essa acentuação na primeira vogal(a).

No que se refere à organização do presente livro, este em seu primeiro capítulo nos apresenta as características físicas do município de Vila Lângaro, bem como a localização do mesmo no espaço territorial do Rio Grande do Sul.

O segundo capítulo aborda de maneira sucinta o povoamento do Rio Grande do Sul pelos indígenas, luso-brasileiros e africanos, e seu papel na formação territorial e ocupação do espaço geográfico do norte do estado. A colonização alemã e italiana também está registrada neste capítulo, pois foram essas duas etnias que povoaram de forma mais intensa o norte gaúcho, diversificando a economia, que até então era baseada apenas na pecuária, e trazendo consigo a riqueza da cultura européia.

Como ocorreu a legalização da posse das terras no final do século XIX, onde hoje se localiza o município de Vila Lângaro, bem como a chegada dos imigrantes italianos e alemães, são descritas no terceiro capítulo do livro. Nele relata-se o caminho percorrido pela família Langaro desde a sua partida da Itália, a chegada ao Brasil bem como os primeiros anos de vivência na serra gaúcha, de onde partiram novamente para em 1910 se estabelecerem no então município de Passo Fundo.

No quarto capítulo falaremos um pouco das primeiras famílias que imigraram para Colônia Lângaro, após a chegada dos Langaros. Essas famílias participaram ativamente no processo de desenvolvimento do povoado e grande parte de seus descendentes permanecem residindo até hoje o município.

A evolução do processo de formação territorial do município de Vila Lângaro, assim como o surgimento do movimento emancipacionista, seus desdobramentos até a conquista da emancipação e a criação dos símbolos oficiais, são apresentados no quinto capítulo desta obra. Nele também estão registrados todos os prefeitos, vice-prefeitos e vereadores eleitos, que administraram o município de Vila Lângaro entre 1997 e 2020.

O sexto capítulo nos trás as características econômicas de Vila Lângaro, desde os primeiros anos do povoado até os dias atuais, destacando as principais

atividades econômicas que fizeram parte da história.

A formação das comunidades do município serão descritas no sétimo capítulo, juntamente com a fundação das igrejas que as pertencem.

A trajetória da educação do município será o tema do oitavo capítulo. Nele contém o surgimento das escolas que fizeram parte do sistema educacional de Vila Lângaro ao longo da história.

No nono capítulo apresentará o histórico do acesso a saúde em Vila Lângaro, desde o papel dos benzedeiros e curandores, até a chegada dos primeiros médicos e postos de saúde, os quais trouxeram assistência a população do município.

O trabalho realizado pela Secretaria de Assistência Social do município ganha destaque no décimo capítulo desta obra. Grande parte das ações dessa Secretaria e seus objetivos para com munícipes serão abordados neste capítulo.

O décimo primeiro capítulo trará boa parte da trajetória esportiva do município de Vila Lângaro, com as principais atividades esportivas praticadas pelos munícipes ao longo da história.

Os meios de comunicação que serviram a população de Vila Lângaro ao longo dos tempos é tema do décimo segundo capítulo, onde também serão citados os fotógrafos que registraram os principais acontecimentos neste município.

A participação dos sindicatos, entidades e associações no cotidiano social dos munícipes de Vila Lângaro estão contidos no décimo terceiro capítulo.

No décimo quarto capítulo serão abordados os pontos turísticos espalhados por todos os cantos do município.

Para finalizar esta obra, o décimo quinto capítulo apresentará um resgate dos eventos climáticos que marcaram Vila Lângaro e interferiram diretamente na vida de sua população.

1

ASPECTOS FÍSICOS E GEOGRÁFICOS DO MUNICÍPIO DE VILA LÂNGARO

1.1 Localização

O Município de Vila Lângaro situa-se na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente na latitude 28º06'26" sul e a uma longitude 52º08'39" oeste.

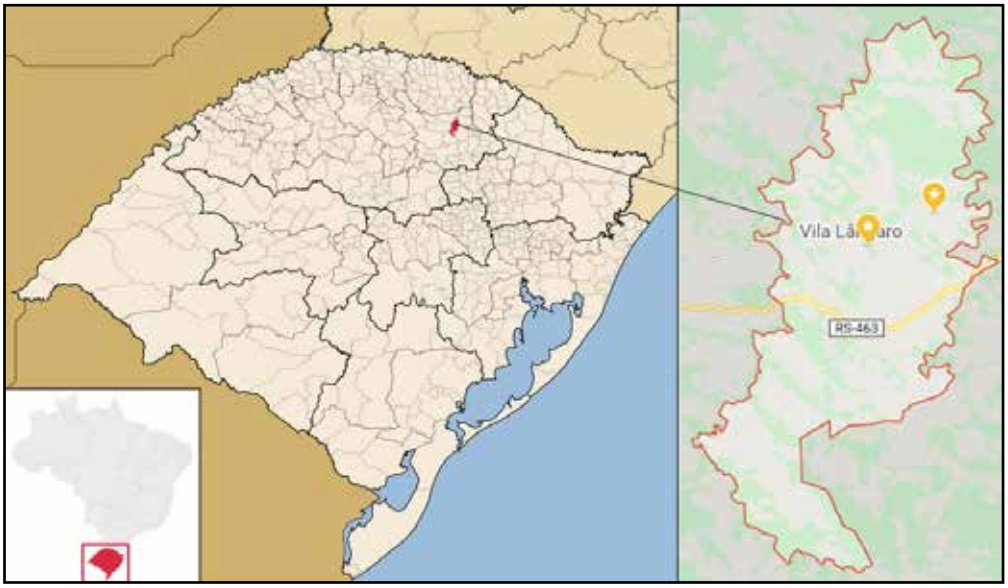


Figura 1: Mapa do Rio Grande do Sul à esquerda e mapa da localização de Vila Lângaro à direita.
Fonte: Google Maps. (Adaptado por Vagner Biazus).

Vila Lângaro possui uma população aproximada de 2.152 habitantes e uma área territorial de 152,172 Km^2, o que resulta em uma densidade demográfica de 14,14 (hab/Km^2) conforme último Censo do IBGE de 2010.

A estimativa populacional do IBGE para o município em 2019 é de 2091 habitantes, ou seja haverá um declínio no número de habitantes do município de Vila Lângaro, fato esse que não se concretizou segundo a administração pública

que estima uma população de 2.250 habitantes. Cerca de 60% da população vive no meio rural e 40% reside na área urbana do Município.

O acesso principal ao município de Vila Lângaro se dá através da RS 463, via Tapejara ou Coxilha. Vila Lângaro esta à 330 Km de distância da Capital do Estado, Porto Alegre, e a 40 Km de Passo Fundo que é a principal cidade da região.

1.2. Limites

Quase todo o município está "cercado" por dois rios; Rio Carreteiro e Rio do Peixe. A divisa a seco ocorre em uma pequena parte do território que se limita com o Município de Água Santa.

- A leste o Município de Vila Lângaro faz divisa com Tapejara e Água Santa pelo Rio Carreteiro.
- O Oeste com os municípios de Sertão e Coxilha. A divisa é o Rio do Peixe (Pirassucê).
- Ao Norte com os municípios de Tapejara e Sertão. A divisa também é o Rio do Peixe (Piressucê).
- Ao Sul Vila Lângaro limita-se com os municípios de Água Santa e Mato Castelhano sendo em partes pelo Rio do Peixe e por divisa seca.

Figura 2: Mapa de Vila Lângaro e municípios limítrofes.
Fonte: Prefeitrua Municipal de Vila Lângaro.

1.3. Relevo

O relevo do município de Vila Lângaro é caracterizado por Planaltos com morros levemente ondulados e a presença de algumas regiões planas, desgastadas pelo processo natural de intemperismo.

A Altitude média de nosso município em relação ao Nível do Mar é 643 metros. As rochas que compõem nosso subsolo são predominantemente de origens basálticas.

1.4. Clima

O clima predominante em nosso município, assim como em todo estado é o subtropical com as quatro estações bem definidas. A temperatura média anual gira em torno de 17°C. Os verões são brandos, uma vez que a temperatura média oscila em torno de 21,5°C e a média das máximas em torno de 32°C.

O inverno é bastante rigoroso, com temperaturas médias em torno de 13°C. Nesta estação as médias das mínimas diárias variam entre 0°C e 6°C, e não são raras às vezes que os termômetros registram mínimas absolutas inferiores de 0°C.

Situado em latitudes médias, o município sempre está sujeito a constantes invasões de frentes de origem polar, implantando em bruscas mudanças de clima e consequentemente estando sujeito a ocorrência de geadas durante o inverno e até o início da primavera.

A precipitação anual é elevada, ficando na faixa de 1.800 a 2.000 mm, ocorrendo às chuvas com maior intensidade no inverno e na primavera. Estas precipitações não ocorrem sempre de maneira uniforme, podendo ocorrer períodos de estiagem ou de enchentes.

1.5. Fauna

Com relação à fauna, esta não é muito diversificada, havendo porém, em certas áreas a presença de ratões do banhado, tatus, perdizes, capivara, veados, quati e lebres, além de uma variedade considerável de aves de diversas espécies.

Quanto ao ambiente aquático, existem nos rios e açudes de nosso município carpas, jundiás, traíras, tilápias, bocudos, sardelas, cascudos e principalmente lambaris.

1.6. Vegetação

A vegetação original de Vila Lângaro era caracterizada pela floresta subtropical, com bastante presença de araucárias, vegetação típica do Planalto Rio-grandense.

Em decorrência do extrativismo madeireiro, notadamente do pinheiro do Paraná, bem como das atividades agrícolas, a fitofisionomia primitiva sofreu profundas alterações.

Hoje o Município possui aproximadamente 8% da área total coberta com mata nativa, onde podemos encontrar o cedro, timbaúva, araucária, ipê, canela, angico, camboatá dentre outras espécies de árvores nativas. .

A madeira que é liberada para retirar das matas nativas e beneficiadas por serraria é destinada para a construção civil. Nas áreas de reflorestamento, o eucalipto também é utilizado na construção civil, em galpões e instalações rurais, para uso e secadores de cereais, ou para aquecimento de fogões nas residências.

1.7. Hidrografía

Em relação com a Rede Hidrográfica, o município, pertence à grande bacia do Uruguai, fazendo parte de uma Bacia hidrográfica com densidade concentrada, embora com rios de pequenas extensões.

Os rios do Município de Vila Lângaro município são caracterizados por leitos rasos e pouco profundos. A configuração de seus leitos, a partir do tipo de relevo, favorece em rápido aumento do nível das águas por ocasião das chuvas.

A Rede Hidrográfica do município é formada pelos rios: Rio do Peixe (Piraçucê) que faz divisa do Município de Vila Lângaro, com Sertão e Coxilha, e o Rio Carreteiro que faz divisa do Município de Vila Lângaro, com Água Santa e Tapejara.

No interior do município existem outros córregos e sangas de pequeno porte, ex.: Arroio Arcari, que corta a sede do Município, Arroio Tapera, em São Bernardo, Arroio Paiol, em São Luiz do Gramadinho, Sanga Porteira em Colônia Nova, Arroio Campo Comprido em Campo Redondo.

2

O POVOAMENTO DO RIO GRANDE DO SUL E A COLONIZAÇÃO DO NORTE DO ESTADO (SÉCULO XVIII - XX)

2.1. Os indígenas

A conquista do território do planalto Médio Rio-grandense, região de Passo Fundo, se deu em 1632, com a chegada dos Jesuítas espanhóis, na região que era habitada por índios descendentes dos Gês, que são os Caingangues e os Coroados, que viviam de acordo com seus usos e costumes. Segundo Nonnenmacher, De forma milenar, praticavam a caça, a coleta, o cultivo de erva-mate, milho, mandioca e outras plantas faziam parte das suas atividades; produziam, coletavam e caçavam somente para sua subsistência; viviam em aldeias, em casas onde moravam mais de uma família e tinham sua própria religião e sua cultura.

Outros grupos indígenas que habitavam o Rio Grande do Sul foram os Guaranis subdivididos em: patos ou arachanes, que viviam às margens do rio Guaíba e na parte ocidental da lagoa dos Patos; tapes, indígenas missioneiros dos Sete Povos, que ocupavam as margens dos rios a oeste do atual território do RS e o centro da bacia do rio Jacuí, cainguás, carijós que habitavam o litoral, desde o atual município de São José do Norte até Cananéia, ao sul de São Paulo.

Já os indígenas Pampeanos são subdivididos em: charruas, minuanos, iarós, guenoas e chanás. Ocupavam o sul e o sudeste do Rio Grande do Sul.

Segundo Cafruni (1966) os Padres Jesuítas chegaram com o intuito de catequizar os índios introduzindo a cultura europeia, o que não foi aceito de forma imediata e pacífica, pois, de certa forma, promoveu a desestruturação cultural e social desses nativos. Os indígenas eram forçados a trabalhar, produzindo em larga escala a erva-mate, que era exportada para diversas reduções da região platina, como Montevidéu e Buenos Aires, e também para a Europa, através do porto de Rio-Grande; além disso, trabalhavam na criação do rebanho de gado bovino, introduzido pelos jesuítas, pois no Brasil não existiam esses animais até a chegada dos europeus.

Além desse trabalho, os índios eram obrigados a aceitar uma religião dife-

rente da sua, pois para os Jesuítas, esse era o bem maior feito a esses povos sem a Luz do Cristianismo. Muitos desses nativos não se deixavam escravizar e se refugiavam pelo interior do Estado, onde havia mata fechada, formando outras aldeias e desenvolvendo papéis fundamentais para a colonização e apropriação privada da terra, além do que viabilizaram o extrativismo da erva mate e da madeira e abriram caminhos para passagem de mercadorias agrícolas, tropas de gado e de muares, bem como interligaram territórios.

No atual território do município, não foram encontrados indícios de aldeias indígenas, mas devido à proximidade com a reserva indígena Carreteiro, localizada no município de Água Santa, e a reserva indígena do Ligeiro, localizada no município de Charrua, acredita-se que essas duas tribos transitavam também nessas terras em busca de alimentos para seus povos.

2.2. Portugueses e o Tropeirismo

A chegada dos portugueses ao Brasil (1500), nosso território foi aos poucos sendo ocupado pelos povos ibéricos. Parte do atual território brasileiro pertencia a Portugal e a outra a Espanha. Muitos conflitos começaram a surgir, especialmente no Rio Grande do Sul, pela disputa da terra, forçando a delimitarem as mesmas através do Tratado de Madri (1750). Este documento delimitou que Portugal dava a Colônia de Sacramento (Nordeste do Uruguai) para a Espanha em troca dos Sete Povos das Missões (oeste do Rio Grande do Sul).

Segundo Bueno (2008), com esta nova e vasta área de terras para ser ocupada e protegida pelos portugueses a coroa portuguesa resolveu criar as Sesmarias, que foram a doação de grandes áreas de terras para a formação de fazendas para a criação de gado e, consequentemente, a ocupação e proteção do território de Portugal. A produção de gado necessitava ser comercializada e o mercado consumidor mais próspero era a região Sudeste do Brasil, o que incentivou o surgimento dos tropeiros.

O Tropeirismo iniciou-se entre os séculos XVII e XVIII com o desenvolvimento da mineração. A descoberta do ouro e posteriormente de diamantes, foram responsáveis por um grande fluxo populacional para a região das minas gerais, de paulistas, portugueses e escravos. Essa corrida pelo precioso minério fez com que ocorressem sucessivas crises pela falta de alimentos, oriundos da agricultura, pois grande parte da população se dedicava a mineração e poucos se dispunham a trabalhar a terra.

Com isso o gado criado nas estâncias do Rio Grande do Sul era fundamental para o abastecimento de carne para o mercado consumidor do centro do país. Os animais eram transportados a pé pelos tropeiros que desbravavam os sertões, cortavam campos, ladeavam rios, abriam novas estradas para sua passagem com o objetivo de vender o gado na feira de Sorocaba estado de São Paulo.

Nos caminhos dos tropeiros foram surgiram muitos povoados com pequenos comércios que com o passar dos anos se tornaram cidades.

Um desses tropeiros, João da Silva Rocha muito provavelmente tenha sido o primeiro homem a fixar residência e a criar gado onde hoje se encontram as terras do município de Vila Lângaro, pois foi ele que requereu a posse dessas terras junto ao governo do estado por volta de 1886.

2.3. Os Afrodescendentes e sua Participação no Povomento do Norte Do Rio Grande Do Sul

Os negros tiveram um papel muito importante na construção do espaço geográfico brasileiro e do Rio Grande do Sul, pois foi através de seu trabalho, lamentavelmente escravo, que muitas atividades econômicas prosperaram e que muitos de seus hábitos culturais foram introduzidos na sociedade brasileira. Como é de conhecimento de todos, os negros foram trazidos da África para serem escravos no Brasil, principalmente nos canaviais do nordeste brasileiro que até então era uma das primeiras atividades econômicas introduzidas em nosso país.

Posteriormente os negros foram trazidos ao Rio grande do Sul para trabalhar nas estâncias de gado e nas Charqueadas, que eram trabalhos árduos e sem as mínimas condições humanitárias de trabalho. Devido as atrocidades cometidas pelo homem branco, muitos negros fugiram de seus patrões afugentando-se em matas e lugares de difícil acesso, formando assim o Quilombos.

Negros quilombolas na região do Planalto Médio

Em se tratando de comunidades quilombolas o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) nos apresenta a seguinte definição: o

> As comunidades quilombolas são grupos étnicos – predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana – que se autodefinem a partir das relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias. Estima-se que em todo o país existam mais de três mil comunidades quilombolas. (INCRA, 2020)

Um dos Quilombos mais conhecidos do Planalto médio gaúcho localiza-se no interior do município de Sertão- RS. Segundo Oliveira (2012) vários negros formaram o que é hoje a Comunidade Quilombola da Mormaça. Vivem hoje em

uma área aproximada de 15 hectares (conforme estudos, já foi bem maior) e vinculam-se ao local cerca de 30 famílias.

A comunidade surgiu como a maioria dos quilombos, em local de difícil acesso, anteriormente coberto por matas nativas regionais, especialmente floresta de araucárias, hoje desflorestada e substituída por plantações de soja, milho e trigo. Indícios apontam que a comunidade foi formada por negros escravos fugidos das fazendas e charqueadas do sul do estado, por volta de 1780.

Com a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888 a escravidão no Brasil ficou proibida e os negros conquistaram a tão sonhada liberdade, que num primeiro momento parecia que seria plena o que no entanto nem sempre aconteceu, pois como não possuíam propriedades nem dinheiro para adquiri-las, ainda dependiam de seus ex- donos para sobreviver. A maioria dos escravos libertos continuou a trabalhar por baixos salários, sem acesso a educação vivendo nas margens da sociedade por muitos anos.

Em Vila Lângaro não se tem conhecimento de ter havido uma comunidade quilombola, mas devido à proximidade com os quilombos de Mormaça e Arvinha é bem provável que aquelas pessoas se relacionassem com os primeiros moradores que detinham a posse das terras locais.

Atualmente nosso município possui um povoado chamado de Vila Rocha (falaremos dele no capítulo das comunidades), que é bastante antigo e que os primeiros moradores que formaram o mesmo eram negros, mas não provas concretas que se tratava de um quilombo.

2.4. A Chegada dos Alemães no Brasil

Os alemães assim como os italianos passaram por muitas dificuldades antes, durante e após a imigração para o Brasil. Em virtude das guerras na Alemanha, onde os jovens eram obrigados a se alistarem no exército, a falta de terras para cultivar seu alimento, a falta de empregos na cidade, também obrigou os alemães a buscar novos rumos para suas vidas do outro lado do continente.

O Brasil necessitava povoar seu território por uma série de fatores como destacam Lando e Barros:

> O Brasil precisava de pessoas para habitarem as terras ainda ociosas do sul do país, a fim de manter suas divisas, e no caso de guerras, ter pessoas que pudessem formar um exército. Para este fim, foi encaminhado à Europa o major Schaeffer, para alistar famílias que desejassem habitar o sul do Brasil. (LANDO E BARROS,1976)

Os imigrantes alemães foram os primeiros a imigrar para o Brasil no período pós independência, se estabelecendo principalmente na região do vale do rio dos Sinos (São Leopoldo, Novo Hamburgo) e na região de Santa Cruz do Sul. Para convencer os interessados, o governo brasileiro acenou com uma série de vantagens como passagem à custa do governo; concessão gratuita de um lote de terra de 78 hectares; subsídio diário de um franco ou 160 réis a cada colono no primeiro ano e metade no segundo; certa quantidade de bois, vacas, cavalos, porcos e galinhas, na porção do número de pessoas de cada família.

Depois de passarem pelo Rio de Janeiro, onde eram recebidos e distribuídos pelo Monsenhor Miranda, foram então enviados para a desativada Real Feitoria do Linho Cânhamo, localizada à margem esquerda do Rio dos Sinos, onde chegaram em 25 de Julho de 1824. Os primeiros imigrantes que chegaram encontraram diversas dificuldades, pois adentravam nas matas fechadas, onde tiveram que abrir estradas com pás, enxadas, foices e arados de tração animal, e mantê-las conservadas. Seus objetivos eram derrubar as árvores das matas virgens, roçar e fazer as primeiras lavouras e plantar os seus alimentos, como milho, feijão, arroz, mandioca, batata-doce, amendoim e abóbora. Suas casas foram feitas com coqueiros lascados e cobertas com folhas dos mesmos.

Com o passar do tempo, construíam casas melhores de madeira, e faziam seus próprios móveis. As dependências eram simples, e cada família providenciava o melhor conforto possível, como costurar colchões enchidos de palha de milho, improvisando diferentes formas de obter iluminação artesanalmente e, mais tarde surgiram as lamparinas e lanternas.

A distância de cidades maiores dificultava o acesso a alimentação e saúde, não havia assistência médica, e em casos mais graves, muitas vezes, não se alcançava socorro. Os partos eram feitos por parteiras, que tinham conhecimento da medicina caseira.

Os pastores e igrejas tinham papel fundamental para proporcionar consolo e amparo aos imigrantes, que traziam com eles dor, medo, incerteza, isolamento, rejeição, angústia, criando um ambiente favorável para outras mazelas, entre elas o suicídio.

Com visão da amplitude dos valores do Reino de Deus, por meio da igreja, a comunidade e da fé, os Pastores pregavam uma mensagem profética, de uma nova vida em Jesus. Esse meio foi usado para renovar as forças, recobrar o ânimo, tornando-se os conselheiros para toda hora, auxiliando nas práticas econômicas dos imigrantes, incentivando serviços profissionais de carpintaria, marcenaria, ferraria e a troca de serviços entre as pessoas.

Figura 3: Imagem ilustrativa de casas de pau-a-pique.
Fonte: bibliodigital.unijui.edu.br › xmlui › handle

2.5. A Chegada dos Imigrantes Italianos no Brasil e Rio Grande do Sul

No século XIX, a Itália era uma colcha de retalhos de reinos independentes que atraíram a cobiça das grandes potências mundiais da época. Os italianos viviam num período de muita turbulência política, onde o nacionalismo florescia e as idéias republicanas vindas da Revolução Francesa eram cada vez mais enaltecidas, o que gerava uma grave crise fundiária, econômica e política.

A região do Vêneto, que fazia parte da República de Veneza, era constituída por monarquias independentes o que fazia efervescer as discussões e indignações políticas. Esta região que abrange quase todo o nordeste do país, estava sob o domínio da Áustria há mais de cinquenta anos e foi repassada à Itália em 1866 depois de uma árdua luta social. Foi dessa região de onde vieram a maioria dos italianos que imigraram para o Brasil a partir da metade do século XIX.

Segundo Maestri,

> Muitos italianos decidiram sair do país e tentar a sorte em outro continente onde se anunciava a oportunidade de uma vida melhor. Nos primeiro anos de imigração o governo brasileiro pagava a passagem dos imigrantes e ainda lhes fornecia sementes e

> ferramentas de trabalho para iniciarem suas atividades nas colônias. Viajando em trens, carroças e até mesmo a pé, milhares de famílias abandonaram suas casas e percorrem enormes distâncias até os portos de embarque para o Brasil. (MAESTRI, 2000, p. 42)

Os principais portos de embarque na Itália foram o de Nápoles e Gênova. Para chegarem ao Brasil os imigrantes fizeram uma longa e difícil viagem, por meses em alto mar e a norma estabelecida pelo Governo era que as passagens concedidas gratuitamente às famílias seriam na terceira classe do navio. concedia passagens gratuitas apenas às famílias que viessem de terceira classe. Como à maioria das famílias não disponibilizavam de recursos para custear a própria passagem, aceitavam as condições oferecidas pelo estado brasileiro e então eram embarcadas nos porões dos navios quase sempre superlotados.

O grande número de passageiros e as precárias condições sanitárias favoreciam a proliferação de doenças contagiosas, pois os porões eram escuros, úmidos e pouco ventilados. Era o pior lugar do navio e não eram raras as ocorrências de mortes e mesmo de nascimentos durante a viagem. Quando alguém morria, o corpo era colocado dentro de um saco de lona juntamente com algumas pedras de carvão mineral para fazer peso. Costurava-se o saco que, após uma rápida cerimônia religiosa, era lançado ao mar. Sem possibilidade de manter o corpo a bordo, esse procedimento era necessário para evitar o contágio dos demais passageiros.

No início do processo imigratório, a rota Europa-Brasil era realizada por navios a vela. Sujeitos a variações climáticas e calmarias, chegavam a levar de 35 à 45 dias sem ver terra, só água e céu. A comida era escassa e os passageiros viajavam amontoados, pois os navios transportavam um número bem maior do que poderiam transportar.

O imigrante era visto como objeto de comércio e quanto mais pessoas imigrassem para o Brasil, maior seria o lucro para as empresas. Depois da longa e cansativa viagem de navio entre a Itália e o Brasil, ao desembarcar em Santos ou no Rio Janeiro, os imigrantes italianos eram direcionados para a Hospedaria dos Imigrantes e em seguida para as fazendas para onde haviam sido designados.

As famílias italianas colonizadoras do Rio Grande do Sul, quando chegaram no território brasileiro, desembarcaram no Porto de Dona Isabel, hoje Porto de Santos e logo muitos deles seguiram para o Rio Grande do Sul, principalmente para as localidades de Alfredo Chaves (atual Veranópolis), Dona Isabel (atual Bento Gonçalves), Conde D'eu (atual Garibaldi), e Caxias do Sul.

Ao saírem da Itália em busca de melhores condições de vida e moradia não imaginavam que o estado do Rio Grande do Sul ainda era um território tão de-

sestruturado, sem estradas, pontes, e recobertos por um mata densa e animais perigosos.

Enfim, ao se estabeleceram em solo Riograndense, os imigrantes Italianos não tiveram outra alternativa senão desbravar essas terras com muito trabalho e perseverança pois precisavam transformar aquele espaço natural em um lugar produtivo para a sobrevivência de suas famílias.

3

A ORIGEM DO POVOADO E A FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE VILA LÂNGARO

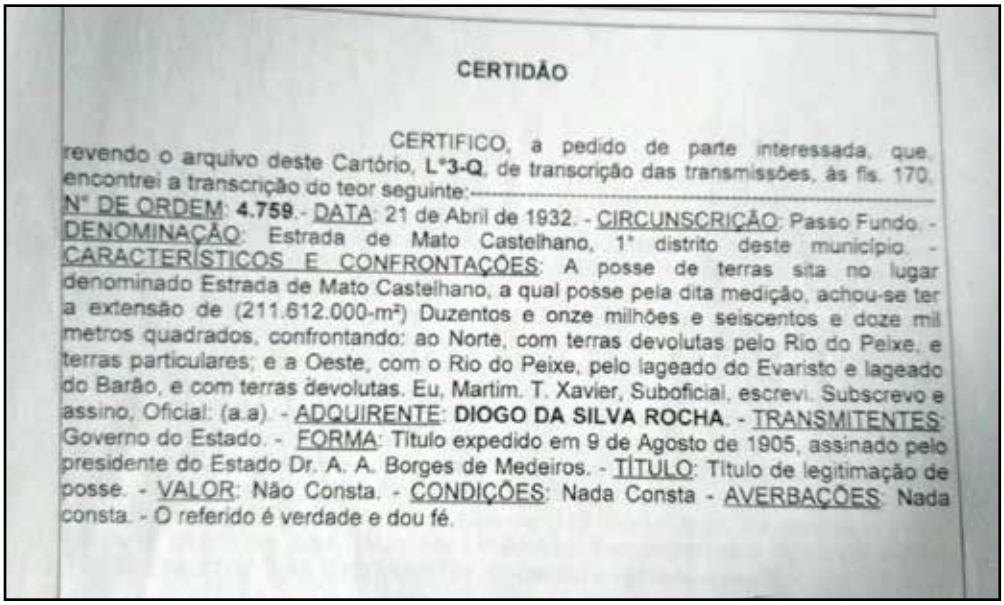
3.1. Os Primeiros Habitantes a Tomar Posse das Terras

A partir de 1850 com a criação da lei de terras[1] houve uma corrida para a legalização das estâncias no Rio Grande do Sul. O principal caminho era a busca pelo título de posse, ou seja, legitimar terras que estavam sendo ocupadas por antigos moradores, mesmo que muitas vezes essas terras fossem devolutas (pertencentes ao estado). Pelos documentos encontrados no Cartório Registro de Imóveis de Passo Fundo, o primeiro estancieiro a legalizar as terras onde hoje se localiza o território do município de Vila Lângaro foi o casal João da Silva Rocha (conhecido por Jango) e sua esposa Francisca de Oliveira (conhecida por Chica).

João e Francisca eram descendentes de tropeiros, casaram-se no dia 25/02/1838 e ambos migraram para a região de Passo Fundo junto com seus pais, oriundos do Paraná, tendo uma passagem pelos Campos de Cima da Serra. De acordo com as pesquisas realizadas só foram encontrados registros de dois filhos de João e Francisca, (possivelmente tiveram mais), sendo eles: Diogo da Silva Rocha e Felicidade da Silva Rocha.

Segundo documentos existentes no Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo, em 11 de setembro de 1886, ocorreu uma medição judicial nas terras requeridas pelo casal, onde a área territorial da fazenda era de 21 mil hectares. Mas foi somente no ano de 1905 que o filho de João da Silva Rocha, o senhor Diogo da Silva Rocha, casado com Anna Theodora de Oliveira Rocha (Nharica), conseguiram legitimar as terras dessa enorme fazenda, mediante recebimento de título de posse (ver figura 4) expedido pelo então presidente do estado do Rio Grande do Sul o senhor Antônio Augusto Borges de Medeiros.

1 A **Lei de Terras**, como ficou conhecida a lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, foi a primeira iniciativa no sentido de organizar a propriedade privada no Brasil. Até então, não havia nenhum documento que regulamentasse a posse de terras e com as modificações sociais e econômicas pelas quais passava o país, o governo se viu pressionado a organizar esta questão. Disponível em: https://www.infoescola.com/historia/lei-de-terras



CERTIDÃO

CERTIFICO, a pedido de parte interessada, que, revendo o arquivo deste Cartório, **L°3-Q**, de transcrição das transmissões, às fls. 170, encontrei a transcrição do teor seguinte:----------
N° DE ORDEM: **4.759**.- DATA: 21 de Abril de 1932. - CIRCUNSCRIÇÃO: Passo Fundo. - DENOMINAÇÃO: Estrada de Mato Castelhano, 1° distrito deste município. - CARACTERÍSTICOS E CONFRONTAÇÕES: A posse de terras sita no lugar denominado Estrada de Mato Castelhano, a qual posse pela dita medição, achou-se ter a extensão de (211.612.000-m²) Duzentos e onze milhões e seiscentos e doze mil metros quadrados, confrontando: ao Norte, com terras devolutas pelo Rio do Peixe, e terras particulares; e a Oeste, com o Rio do Peixe, pelo lageado do Evaristo e lageado do Barão, e com terras devolutas. Eu, Martim. T. Xavier, Suboficial, escrevi. Subscrevo e assino, Oficial: (a.a) - ADQUIRENTE: **DIOGO DA SILVA ROCHA**. - TRANSMITENTES: Governo do Estado. - FORMA: Título expedido em 9 de Agosto de 1905, assinado pelo presidente do Estado Dr. A. A. Borges de Medeiros. - TÍTULO: Título de legitimação de posse. - VALOR: Não Consta. - CONDIÇÕES: Nada Consta - AVERBAÇÕES: Nada consta. - O referido é verdade e dou fé.

Figura 4: Certidão de escritura de terras fornecida pelo Cartório Registro de Imóveis de Passo Fundo onde consta o título de posse à Diogo da Silva Rocha (1905).

Além da escritura também foi encontrado no Arquivo histórico Regional de Passo Fundo, cópias dos mapas dessa medição judicial, onde consta que a área requerida pela família Rocha abrangia terras além dos limites territoriais do município de Vila Lângaro, ocupando parte das terras onde hoje se localizam os municípios de Mato Castelhano e Água Santa.

Figura 5: Mapa das terras de Diogo da Silva Rocha.
Fonte: Arquivo histórico Regional de Passo Fundo.

Diogo da Silva Rocha e Anna Theodora Oliveira da Rocha residiram um certo tempo onde hoje é a comunidade de Linha Schleder e tiveram sete filhos: Ubaldina da Rocha Schleder casada com Antônio Garbis Schleder, Lucinda da Rocha Morsch casada com Ernesto Morsch, Aurelino da Silva Rocha casado com Astre Camatte, Etelvina da Silva Rocha casada com Juvêncio da Silva Duro, Benvenuto da Silva Rocha, Julieta da Silva Rocha e Alaíde da Silva Rocha.

Posteriormente Diogo da Silva Rocha e sua esposa foram morar em Passo Fundo, sendo que Diogo veio a falecer no dia 25 de agosto de 1908. Anna Theodora de Oliveira da Rocha comandou os negócios da família, até 1941, ano de seu falecimento. Tanto Diogo como Anna Theodora estão sepultados no cemitério da Vera Cruz em Passo Fundo.

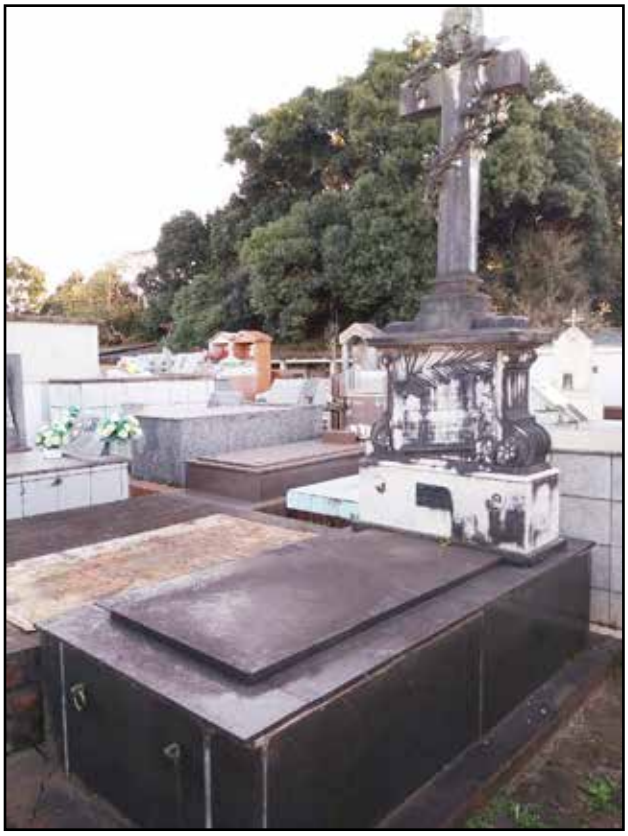


Figura 6: Túmulo de Diogo da Silva Rocha e Anna Theodora de Oliveira Rocha (2019).
Fonte: Fernando Costella

A filha de João da Silva Rocha e Francisca de Oliveira, Felicidade da Silva Rocha, casou-se com Antherio Boeira no dia 22 de Fevereiro de 1879, conforme registro de casamento obtido junta a Mitra Diocesana de Passo Fundo, livro 2 página 158 vs, 418. O casal herdou significativa quantidade de terras de seus pais e sogro que, posteriormente foram repassadas à seus sucessores dando início a uma ocupação mais efetiva do território onde hoje se localiza o município de Vila Lângaro.

O senhor Antherio Boeira e Felicidade da Silva Rocha tiveram seis filhos: Esbella da Silva Boeira, casada com João Gabriel Kurtz, Elvira da Silva Boeira casada com Manoel da Silva Rocha, Gentil Boeira (Tico) casado com Lídia de Oliveira Boeira, Gil da Silva Boeira (Zico) casado com Alvina Albertina Augusta Seidler, Gilberto da Silva Boeira casado com Antonina Gomez de Souza e Elisa da Silva Boeira casada com Honório Luiz de Almeida.

Por ter herdado a parte norte da fazenda de seu sogro abrangendo onde hoje se localiza a sede do município o senhor Antherio da Silva Boeira é tido como fundador do povoado que mais tarde passaria a se chamar Colônia Lângaro.

Segundo depoimentos do senhor Domingo Antônio Costella atualmente (janeiro 2020) com 90 anos de idade, a residência do senhor Antherio Boeira ficava à margem esquerda da atual Rua 22 de outubro, próximo a o riacho que ladeia a cidade ao norte onde hoje se localiza a loja Deagro.

O senhor Antherio Boeira e sua esposa Felicidade da Silva Boeira estão enterrados no cemitério comunitário da capela Nossa Senhora do Rosário que fica no centro da cidade de Vila Lângaro, sendo o túmulo mais antigo existente no local.

Figura 7: Túmulo de Antherio Boeira e família (2019).
Fonte: Fernando Costella

Com o passar dos anos os herdeiros das terras das famílias Rocha e Boeira foram colocando a venda parte de suas terras, atraindo assim a vinda de italianos e alemães para Vila Lângaro que na época seu território pertencia ao município de Passo Fundo.

Grande parte do Sul da fazenda dos herdeiros de João da Silva Rocha, onde hoje se localiza as comunidades de Campo Redondo e São Miguel do Parador, foram adquiridas pelo senhor Amantino da Silva Rocha um tropeiro, descendente de Luso-brasileiro que migrou do Paraná para a região do planalto médio a fim de se dedicar à pecuária. O senhor Amantino da Silva Rocha e sua esposa se encontram sepultados no cemitério da comunidade do Campo Redondo, ver figura 8.

Figura 8: Túmulo de Amantino da Silva Rocha e sua esposa Deolinda Maria Teixeira Rocha.
Fonte: Fernando Costella.

3.2. A FAMÍLIA LANGARO NA ITÁLIA E A SUA CHEGADA AO BRASIL

Figura 9: Galhardete da Família Langaro.
Fonte: Família Langaro

O nome Langaro é tipicamente veneziano, muito raro, e proveniente de Vicenza. O galhardete dos Langaro, que mostra a figura acima, era a antiga carteira de identidade da família e se usava bordado na vestimenta e/ou como bandeira. A cruz com dupla barra significa, provavelmente, que os Langaro participaram das Cruzadas.

O mais remoto nome Langaro que aparece com esta ortografia na bibliografia é Corradino Langaro (século XII), também ancestral é Borghesino Langaro (século XIII).

Figura 10: Vicenza, Itália.
Fonte: planetware.

Na Itália os Langaro que imigraram para o Brasil residiam na comune de Campodoro, há 12 km da província de Padova. Florindo Langaro um dos quatro irmãos que se aventuraram na troca de sua terra natal para a colonização da serra gaúcha era filho de Francesco e Paola Cavalieri (nascidos em 1820). Florindo casou-se com Rosa sendo que desse matrimônio nasceu Luigi (1868), o mais velho dos cinco filhos que o casal teria.

Figura 11: Padova, Itália.
Fonte: Italy magazine

A vida na Itália era dura e simples, mas nunca lhe faltavam os recursos para prover sua família. Florindo não era um homem de política, era um simples agricultor que sofria com as constantes incertezas e crises econômicas originadas por tanta instabilidade e desmandos governamentais. A unificação da Itália foi, nos seus primeiros anos, um desastre econômico. O país empobrecido devido a tantas guerras levou milhares de famílias e trabalhadores, principalmente no campo, à miséria. Florindo não ficou imune à esta crise e começou a pensar em alternativas que pudessem lhe tirar desta difícil situação.

Falava-se muito de um país, há milhares de quilômetros dali, que diziam ser a terra das oportunidades, onde havia trabalho e o governo cedia terras para os agricultores que tivessem interesse em cultivá-las. Esta ideia era vendida por agentes e subagentes que seduziam e recrutavam todo o tipo de imigrantes em potencial para virem morar no Brasil.

No Brasil, a falta de mão de obra para trabalhar nas lavouras de café no sudeste do país era uma realidade, e o governo junto com os grandes proprietários de terras estavam empenhados em resolver. O ciclo da cana de açúcar havia se encerrado e com o fim do regime escravocrata se aproximando já dava mostras de que o sistema agrário brasileiro necessitava de uma diversificação dos produtos cultivados.

Devido a isso os incentivos à imigração foram muitos e Florindo Langaro com 42 anos de idade, resolveu tentar a sorte no Brasil, chegando em 3 de março de 1887 juntamente com mais três irmãos Federico Langaro, Ferdinando Langaro e Francesco Giuseppe Langaro.

O senhor Florindo veio para o Brasil também acompanhado de sua esposa Rosa e outros cinco filhos: Luigi, Francesco, Giovanni Battista, Mathilde e Alberto, este com apenas cinco anos de idade. Luigi e o irmão Francesco já tinham mais de 18 anos e deveriam prestar o serviço militar na Itália, mas conseguiram liberação do governo para vir ao Brasil junto com sua família.

Dentre os irmãos de Florindo, o Federico foi o primeiro a chegar em 3 de maio de 1886, com sua mulher e cinco filhos. O Francesco Giuseppe e o Ferdinando vieram alguns meses depois do Florindo, em 18 de junho de 1887, também com sua mulher e três filhos.

Chegando ao Brasil, os Langari (plural de Langaro, em italiano) vieram para o Rio Grande do sul se instalando na região serrana onde hoje se localiza o município de Antônio Prado.

Após alguns anos residindo na serra gaúcha resolveram se deslocaram para Passo Fundo para adquirirem maiores propriedades de terras devido ao preço ser inferior aos cobrados nas já populosas Colônias Velhas. Sendo assim, Luigi lângaro, filho de Florindo, veio à frente para prospectar as possibilidades que surgiram na região de Passo Fundo com a abertura da estrada de ferro. Florindo Langaro e sua família fixou residência em Passo Fundo se dedicando a

atividades comerciais.

Após sua morte o Senhor Florindo foi sepultado no cemitério da Vera Cruz no município de Passo Fundo.

3.2. A Chegada da Família Langaro ao Interior de Passo fundo e a Fundação da Colônia Lângaro

Depois de se instalar na Cidade de Passo Fundo, Luigi retorna à Antônio Prado para buscar seus pais e tio juntamente com seus familiares. Dos quatro irmãos que vieram da Itália somente seu pai Florindo Langaro ficou residindo na cidade Passo Fundo.

Os outros três irmãos: Federico, Ferdinando e Francesco Giusepe, preferiram adquirir terras no interior do município de Passo Fundo se dirigindo com suas respectivas famílias, a região onde hoje se localiza o município de Vila Lângaro, tendo em vista que ouviram falar que a família Boeira estaria vendendo áreas de terras férteis para á prática da agricultura.

A chegada dos três irmãos Langaro nas proximidades da atual sede do município de Vila Lângaro ocorreu por volta de 1910. Antes disso fizeram uma parada na propriedade do senhor Chrispim Procópio Teixeira e sua esposa Isabel Kurtz Teixeira. O senhor Chrispim era um dos antigos moradores das proximidades da atual comunidade de Linha Scheleder, onde hoje é a propriedade de seu filho senhor Sutel Kurtz Teixeira e dona Jurema de Fatima Almeida Teixeira.

Os Langaros foram acolhidos pela família de seu Chrispim, que cedeu um galpão para as pessoas da família se alojarem até que concretizassem a compra de suas terras.

Figura 12: Chrispim Procópio Teixeira e sua esposa Isabel Kurtz Teixeira.
Fonte: arquivo da família Teixeira.

Os irmãos Lângaro foram até a casa de seu Antherio Boeira e compraram oito colônias de terra, onde hoje é o centro da cidade de Vila Lângaro. As terras eram de mata fechada com algumas "picadas" que serviam de estradas, mas prometia ser um chão fértil e muito apropriado para o cultivo do milho, feijão, mandioca e para a criação de animais.

Figura 13: Família dos colonizadores, os irmãos Langaro.
Fonte: Arquivo da família Langaro.

Enquanto os irmãos Langaro faziam suas novas moradas nas terras que adquiriram dos Boeiras, as mulheres e crianças continuaram acampadas no galpão cedido pelo Sr. Chrispim.

As primeiras casas construídas eram de madeira lascada (primeiro se lascava com ferro e faziam as tabuinhas e somente muito tempo depois é que surgiu a serra). Quando os irmãos Langaro se mudaram para suas novas casas, as dificuldades em se adaptar ao novo lugar foram amenizadas pela ajuda que a família de seu Chrispim disponibilizava.

Eles ajudavam as famílias principalmente quando as vacas de leite dos irmãos Langaro secavam seu Chrispim trocava com as suas que estavam produzindo, para não faltar leite, queijo e a manteiga, para a alimentação.

Figura 14: Modelo de galpão utilizado pelos imigrantes
Fonte: wikipedia Acessado em: 09/12/19.

Os colonizadores abriram caminhos e espaços na mata com machados para plantar e depois fecharam as roças para que o gado que estava solto nas invernadas não invadisse. Os instrumentos que usavam para plantar eram a enxada para carpir, a foice para roçar e o machado e serrote para derrubar as árvores. O plantio de milho era feito com o sacho (bastão de madeira com ponta de ferro) e a colheita era feita manual.

A terra era muito boa e produtiva, e mesmo quando ocorria um período de estiagem se colhia o suficiente para a subsistência das famílias. As primeiras árvores frutíferas foram as parreiras, devido ao clima favorável e por eles já terem o conhecimento técnico para a cultivo das mesmas.

As estradas seguiam pelo meio do mato, eram de terra, feitas a muque (mão de obra sem máquinas e pouquíssimas ferramentas) e a picão. Cada pessoa tinha o dever de cuidar das estradas, e quando precisava de concerto, a comunidade se reunia e, em mutirão, realizavam os reparos necessários.

Sentindo a necessidade de se construir um local para reunir as pessoas do povoado que estava surgindo o senhor Geraldo Langaro, filho de Federico Langaro um dos colonizadores, doou para a comunidade o terreno onde foi construída uma pequena igrejinha e posteriormente um pequeno salão para a realização das festas da comunidade que surgia.

O primeiro casamento realizado, na primeira igreja construída, foi de Florindo Langaro, filho do colonizador Francesco Giuseppe Langaro, com Anna Maria Conte. Naquela época casava-se com a roupa que usavam no dia a dia. Compravam os tecidos de fazenda e faziam as roupas em casa, mas mesmo assim não tinham roupas em abundância, normalmente era uma muda para sair e duas para ficar em casa, às vezes um ou dois pares de calçados.

Nos casamentos as comidas oferecidas na festa eram, no almoço o cardápio era comida de panela, sopa, bife, massa (não tinha churrasco), de tarde se oferecia café e a noite tinha o baile, sendo que a única bebida servida era o vinho.

Quando alguém morria, o presidente da capela é que tomava frente para preparar o velório, e quem fazia o enterro era o capelão Guerino Langaro, filho de Federico Langaro também um dos colonizadores de Colônia Langaro.

Do primeiro casamento celebrado na igreja de Colônia Langaro nasceu Maria Langaro, Aurélio Langaro e José Langaro. O senhor Aurélio Langaro, segundo conta a história pelos mais antigos moradores, muito contribuiu para o progresso local. O Sr. Aurélio Antonio Langaro, nasceu nas proximidades do Rio Carreteiro, em 09 de novembro de 1918. Era neto do colonizador Francesco Giuseppe Langaro e filho de Florindo Langaro (*10-01-1887, †22-041959) e Ana Conte Langaro (*29-07-1881, †27-07-1965).

Figura 15: Aurélio Langaro.
Fonte: arquivo pessoal da família Langaro.

Aurélio nunca se casou e vivia com seus irmãos Maria Langaro e José Langaro, também solteiros. Eram pessoas muito corretas e carinhosas.

Os irmãos resolveram adotar uma menina que se chamava Eliane que veio morar com os irmãos com 2 anos e 9 meses de idade. Devido à cultura da época, apenas Maria Langaro registrou Eliane como sendo sua filha.

O senhor Aurélio era muito inteligente, uma pessoa doce, querida e bem vista por todos os moradores e sempre solicitado a colaborar na comunidade atendia prontamente. Como era carpinteiro ajudou a construir o primeiro salão de material, depois de desmanchar o salão velho que era de madeira. Seu Aurélio também fazia caixões para o sepultamento das pessoas que faleciam sendo que e sempre tinha alguns prontos em casa.

Aurelio Langaro subprefeito de Colônia Langaro, quando a mesma era distrito de Tapejara. Era muito respeitado por todos, e quando as máquinas da prefeitura de Tapejara vinham para trabalhar no distrito, era ele quem ajudava e organizava os serviços.

Por fim a família Langaro foi crescendo e muitos foram residir em outros municípios, ainda assim é uma das famílias mais numerosas do nosso município.

3.3. Os Alemães em Vila Lângaro: Família Seidler

Segundo relatos de membros da família Seidler esta foi à primeira família de descendência alemã a colonizar as terras onde hoje se encontra o município de Vila Lângaro. O Imigrante Guilherme Seidler, veio da Alemanha (data incerta), com 12 anos e fixou residência em Santa Rosa. Casou-se com Ida Vitt Seidler e tiveram nove filhos: Lindolfo, Bertoldo, Emílio, Helmute, Bruno, Matilde, Ida, Luiza e Hilda. Quando completou 42 anos veio morar em Colônia Lângaro, numa pequena casa de pau a pique onde produzia alimentos somente para comer.

Com o passar do tempo os filhos foram crescendo e começou a criar porcos para vender. Helmute, filho de Guilherme era o carroceiro que levava até Passo Fundo, a carne, o salame, a banha e o torresmo para ser negociado por peças de tecido, querosene e sal.

Sua roça colhia entre 20 a 25 sacas de milho, que primeiro era dobrado com um facão feito de madeira, depois as espigas eram quebradas e armazenadas no galpão. Também tinha uma plantação de nozes e os netos ajudavam na época da colheita. Guilherme sempre recompensava seus netos e como forma de pagamento doava um canivete pequeno ou uma corrente de colocar no cós das calças.

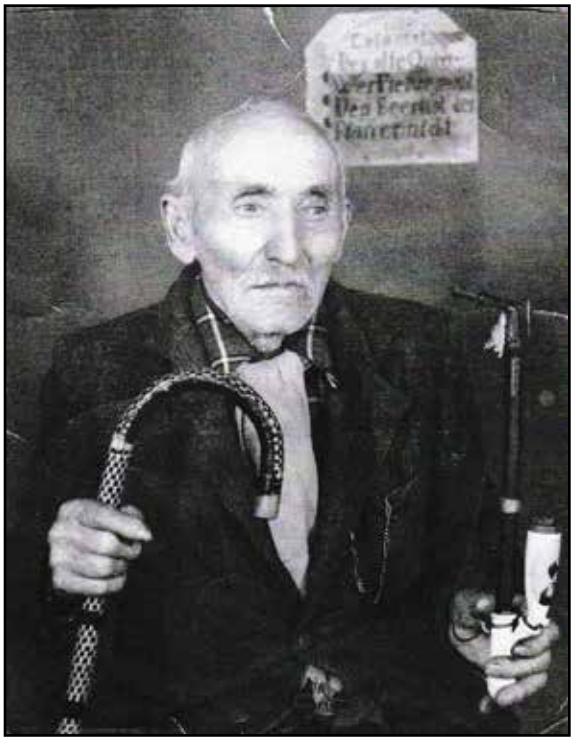


Figura 16: Guilherme Seidler com mais de 80 anos.
Fonte: José Urbano Seidler.

Figura 17: Guilherme Seidler, com seus netos e o amigo Carlos Abeling (1941).
Fonte: Arnaldo Langaro.

Guilherme e sua esposa eram da religião protestante e para participar de cultos precisavam ir até Cachoeira Alta, município de Tapejara, aos domingos. Geralmente quem participava era Guilherme, que ia a pé, e se alguém lhe oferecesse carona ele dizia: "até que bato o pé na bunda, vou a pé". Com o passar do tempo a família Seidler tornou-se católica. Guilherme Seidler falava a língua alemã e pouquíssimas palavras em Português.

Um dos filhos de Guilherme Seidller o senhor Bertoldo Seidler foi residir na localidade do Rio do Peixe, hoje pertencente ao município de Coxilha onde com seus filhos fundou a comunidade local.

Figura 18: Passagem da Doutrina de Helmute Seidler (em pé o terceiro da direita) na religião Evangélica no Brasil. Terceiro da direita.
Fonte: arquivo Família Seidler.

Os filhos de Guilherme gostavam muito de jogar baralho. Até na roça, especialmente quando trilhavam o milho ou o trigo, em cada troca de lugar da trilhadeira, sentavam em uma sombra para o carteado. Quando o jogo foi proibido pelo governo de Gaspar Dutra (1946) sob o argumento de que o jogo era degradante para o ser humano, eles jogavam à noite, usando um lampião sobre um toco de pinheiro.

Figura 19: Residência de Bruno Seidler, filho de Guilherme, com sua família. Figura: em pé da esquerda para a direita; Norberto Osvald, Arlindo Seidler, Edmundo Seidler, Helena Seidler, Agregado da família, Elvira Seidler, Bruno Seidler, Nelda Tognon segurando no colo seu filho Daltro Tognon, Rosilda Seidler (sentada na escada) e Olinto Tognon. Da esquerda para a direta na frente Rosina segurando seu filho no colo, Ilza Seidler e Hélio Seidler (sentado a frente).
Fonte: Norma Rovani.

4

OUTRAS FAMÍLIAS QUE DERAM INÍCIO À COLONIZAÇÃO DE VILA LÂNGARO

A família Langaro foi a primeira dentre as várias famílias de imigrantes que chegaram para residir onde hoje é a sede do município, porém outras famílias migraram das Colônias Velhas para Colônia Lângaro após os anos de 1910.

4.1. Família Arcari

Romeo Giovani Arcari, segundo conta a história, nasceu em Piadema, Província de Cremona na Itália, no dia 12 de outubro de 1879 e veio para o Brasil, ainda criança, com seus pais Ezechieli Arcari e Maria Ponzoni Arcari. Casou-se com Rozalia Martarello em Alfredo Chaves, hoje município de Veranópolis.

Logo após migraram para Colônia Langaro, onde com muita dificuldade fixaram sua moradia. Tiveram vários filhos: Pedro, Fiori, Clementina, Luiz, Verginio, Graciosa, Angelina, Santina, Santo, Maria e Antônio.

Figura 20: Romeu Arcari e Augusta Martarello.
Fonte: Alcides Benetti.

Homem de fibra, trabalhador, com carinho talhava a madeira para fazer seus baldes, gamelas, pipas, mastéis, mesas, camas, roupeiros, enfim, aquilo de que necessitasse para o conforto seu e de sua família. Pessoa caridosa, acolhedora, não media esforços para ajudar as outras famílias que aqui chegavam para morar. Ensinou e educou seus filhos, os quais tornaram-se homens e mulheres que contribuíram com a colonização, emancipação e o progresso de Vila Lângaro.

Aos 54 anos foi acometido por uma enfermidade que o deixou muito debilitado e para se locomover precisava de bengalas. Sobreviveu mais onze meses e faleceu.

Seus filhos, juntamente com a mãe Rozalia, que também era pessoa de muita fibra, apesar das dificuldades, batalharam até que todos estivessem estabelecidos. Alguns deles foram os primeiros moradores do local onde hoje é a sede de nosso município e, muito generosos, doaram para a capela um terreno onde hoje é a igreja e o cemitério. Gostavam de ajudar as pessoas e nunca mediram esforços nos serviços comunitários.

4.2. Família Biazotto

Gaudêncio Biazotto e Ana Piccinin Biazotto imigraram para o Brasil por volta do ano de 1915 com seus filhos Astério, Arcenio, Adelinda, Adriano, Angélica, Atílio e Iolanda e, posteriormente, tiveram mais: Diego, Ester, Silvio, Lino e Floresta. Segundo relatos de sua filha Adelinda, nascida em 22 de maio de 1906, a família veio para o Brasil por não haver, na sua região, terra suficiente para sobreviverem, precisando então, trabalhar de agregados.

Figura 21: Oliva (sentada ao centro da foto) era nora casada com Arcenio Gaudêncio Biazotto.
Fonte: Gilberto Langaro.

Eles sabiam que aqui havia bastante espaço a ser cultivado. Como vieram fora do tempo de imigração, tiveram que pagar antecipadamente a viagem. Para tanto venderam suas terras e contaram com a ajuda de um padre de confiança para calcular a despesa com a viagem, antes de partirem para o Brasil.

Viajaram de trem e de navio. A viagem de navio durou trinta dias, somente céu e água. A alimentação era baseada em peixe e massa estocados em um depósito no navio. Desembarcaram no Porto de Santos e, posteriormente, se alocaram em D. Isabel, hoje Bento Gonçalves.

Ficaram um determinado tempo em Alfredo Chaves (atual município de Veranópolis), onde aprenderam a falar um pouco do português, de lá, vieram com carroças até Colônia Lângaro. O percurso demorou vários dias, chegando aqui trabalharam nas terras arrendadas de André Rovani até se estabelecerem e adquirir suas próprias terras. Adelinda destacou a grande ajuda recebida por parte dos vizinhos até eles se estabilizarem.

No ano de 2019, com 84 anos, Victorino Biazotto, neto de Gaudêncio, continua a contar histórias. Desde muito novo dedicou-se a política e por esse motivo foi Subprefeito de Vila Lângaro, por duas vezes, e Secretário de Obras quando Vila Lângaro já era município. Sempre desempenhou um grande trabalho na comunidade.

4.3. Família Bordignon

Angelo Bordignon, imigrou com sua família, ainda pequeno, para o Brasil, por volta de 1890, se estabelecendo, como agricultores, na Colônia de Alfredo Chaves, hoje município de Veranópolis.

Casou-se com Santa Zandola, e com ela teve 15 filhos: Genoefa, Vitória, Oliva, Páscoa, Maria, Rosina, Margarita (que faleceu pequena, por isso, deram novamente o nome para outra filha), Alba (outra coincidência de nomes por falecimento), Santo, Fortunato, Pompeu, Bortolo Antonio e Domingos.

Figura 22: Santa e Angelo Bordignon.
Fonte: Família Bordignon.

Comprou cinco colônias de terra por títulos e por volta de 1911 migrou para Colônia Lângaro com sua esposa e filhos. Pelo menos sete destes filhos nasceram na colônia de Alfredo Chaves e migraram, ainda pequenos com os pais para esta localidade, o restante dos filhos nasceram em Colônia Langaro.

Quando chegaram as casas eram construídas de pau a pique e cobertas com capim ou madeira lascada. Depois com o tempo foram refeitas com tábuas lascadas e falquejadas. As primeiras estradas abertas para a passagem de cavalos e as primeiras carroças, foram abertas com picão e enxada. Delfino Tognon seu genro, casado com Vitória Bordignon e também Vitório Costella seu genro, casado com Pàscoa Bordignon, contribuíram bastante neste processo.

Angelo Bordignon faleceu em 10 de janeiro 1951 com 74 anos e Santa Zandola Bordignon faleceu em 09 de novembro de 1952 com 72 anos, aqui em Colônia Lângaro.

Figura 23: Foto tirada +/- na década de 50 de alguns dos filhos de Santa e Angelo. Da esquerda para a direita: Vitória, Páscoa, Albina, Genoefa e Santo.
Fonte: arquivo família Bordignon.

Nesta história cabe destacar que seus filhos; Santo, Fortunato, Oliva, Marieta, Margarida, Páscoa, Vitória, Genoveva e Alba, sempre ajudaram as pessoas que necessitadas e nas tarefas da comunidade Nossa Senhora do Rosário.

4.4. Família Tognon

Ângelo Tognon, segundo seus familiares, nasceu na Itália, por volta de 1882. Imigrou com sua família, aos 12 anos para o Brasil, por volta de 1894, sendo que se estabeleceu na Colônia de Alfredo Chaves, hoje município de Veranópolis.

Figura 24: Ângelo e Rosa Tognon
Fonte: arquivo da família Tognon.

Casou-se com Rosa Cenci, e com ela teve quinze filhos: Domingos, Delfino, Miguel, Vitório, Olivio, José (que faleceu pequeno, por isso deram novamente o nome para outro filho), Ernesto, Ângelo, Angelina, Joana, Albina, Veronica e Maria, Antonia. Alguns deles nasceram com deficiências físicas e mentais.

Ângelo comprou algumas colônias de terra por títulos e migrou para Colônia Lângaro com sua esposa e os primeiros filhos nascidos. Para chegar até essas terras precisaram vir abrindo caminho de facão e foice para conseguir passar de mula e carroça.

O senhor Ângelo tinha as suas terras, em grande parte, onde hoje é o centro de Vila Lângaro, e como aqui é uma terra de acidentes geográficos a melhor forma de aproveitamento era o plantio de parreiras para o cultivo de uva. Com isso sempre tinham fartura de vinho e cachaça, e tinham no porão grande estoque de pipas.

Muitos contam que Angelo e Rosa gostavam muito de vinho e muitas vezes a única alimentação do dia era pão e vinho. Também contribuíram na construção e manutenção das primeiras estradas. Juntamente com seus filhos, sempre ajudavam na comunidade, no preparo de festividades e inclusive na construção da primeira igrejinha de madeira.

Ângelo junto com Florindo Langaro, Guerino Langaro, José Tognon, Angelo Bordignon e com as famílias Costella, Arcari, Rovani e Biasotto construíram a primeira escola, um edifício de madeira, coberto com tabuinhas e construída no terreno onde hoje está situado a Unidade de Saúde. Terreno doado pelo colonizador Ferdinando Langaro.

Seus filhos, Olívio, Delfino, Miguel e Vitório compraram equipamentos para construção de uma Tafona, e passaram a cultivar mandioca, nas terras mais altas, para a produção de farinha de mandioca. Iam fazendo a colheita das raízes aos poucos e transportavam-nas de carroça até a Tafona. Os homens cuidavam da farinha e as mulheres do polvilho doce e azedo, produtos usados na alimentação das famílias e o que sobrava vendiam em Passo Fundo na Loja João Café ou Busatto.

Ângelo Tognon ficou insano após visitar seu filho Domingos, que morava na Argentina, pois viviam na precariedade, no meio do mato e com muitos animais ferozes. Ele acreditava que as onças iriam comer as crianças.

Muito doente da mente, por 22 dias perdeu por completo à razão e a capacidade de agir e pensar, quando então com 68 anos faleceu em 27 de junho 1950. Após a morte de Ângelo, sua esposa Rosa Cenci Tognon ficou enferma e durante um ano precisou de cuidados, falecendo em 11 de maio de 1953 em Colônia Lângaro, com 65 anos de idade.

Figura 25: Foto da família de Ângelo e Rosa Tognon (ao centro), com parte de sua família.
Fonte: Arquivo pessoal família Tognon.

4.5. Familia Costella

Giovanni (João) Costella migrou com sua família para o local onde hoje se encontra a comunidade de Linha Costella, Vila Lângaro, em 1916. João saiu de Alfredo Chaves (atual município de Veranópolis), com um cavalo e com seus dois filhos mais velhos para conhecer e comprar terras onde hoje se localiza a comunidade de Linha Costella, até então totalmente cobertas de mato.

Chegando em Colônia Langaro adquiriu sete colônias de terra. Após ter construído um pequeno rancho para morar, João deixou os dois filhos: David (14 anos) e José (12 anos), cuidando da pequena morada e derrubando mato para poder plantar, enquanto voltava para Alfredo Chaves (Veranópolis) a fim de buscar toda a sua família: esposa Luiza Zatt e os demais filhos do casal, Tereza, Vitório, Guerino, Fiorelo, Santa e Ida. Os pertences foram transportados em carroça, numa viagem que durou vários dias. As vacas foram conduzidas a pé, sob cuidado de Tereza, a filha mais velha com 16 anos de idade.

Figura 26: Família de João Costella e Luiza Zat Costella.
Arquivo família Costella.

Na Linha Costella estabeleceram residência, onde atualmente é propriedade de José Costella (neto). Tiveram que recomeçar a vida praticamente do nada, inclusive abrindo picadas para, a pé ou a cavalo, irem até capela de Colônia Lângaro, a Passo Fundo (cidade mais próxima) e ao moinho de Guerino Langaro, situado às margens do rio Carreteiro, atualmente Comunidade do Caravágio, Tapejara.

No começo a família dedicou-se à agricultura, cultivando no novo espaço, especialmente, trigo e milho. O milho era colhido manualmente transportado em cargueiros. O trigo era cortado com foices, amarrado em feixes ao anoitecer e recolhido antes do sol apontar, caso contrário debulharia com facilidade, resultando em perdas. Para malhá-lo, o processo era artesanal, semelhante a um engenho de cana tocado por bois. O trabalho na lavoura era realizado por toda a família. Nos primeiros anos no novo local, tudo era dificuldade, mas as colheitas rendiam extraordinariamente bem, sem necessidade de adubos químicos. Eram as chamadas "terras novas", isto é, terras de mato.

A noite, após a reza do terço, as mulheres trabalhavam com a roca e o fuso, produzindo tecidos para suas vestimentas. Na nova morada, nasceram mais três filhas: duas que faleceram e logo após a Genoveva (irmã Salete). Todos os filhos de Giovanni (João) Costella, menos Genoveva que se tornou religiosa, formaram novas famílias. Além da atividade agrícola e familiar, Luiza exerceu o trabalho de parteira por muitos anos, atividade essa muito importante para a época, pela inexistência de auxílio médico.

Com idade avançada, João e Luiza foram morar na cidade de Passo Fundo;

Luiza veio a falecer em 1949, com 70 anos de idade. Pouco tempo depois, João passou a morar com a nora Santa Rovani e, posteriormente, com a filha Ida Maria. Faleceu em 1953, com 77 anos de idade. Ambos estão sepultados no cemitério de Vila Lângaro.

4.6. Família Rovani

Em meados da segunda década do séc. XX, Andrea Rovani, esteve à procura de terras novas em Colônia Lângaro. Foi, ali, entre os Rios Carreteiro e do Peixe (Piraçucê) que Andrea, entre os anos de 1918-1919, comprou extensa gleba de terras, coberta de mata virgem, distante uns dois quilômetros da capela Nossa Senhora de Salete. Somente em 1922, a família toda se mudou, definitivamente, de Bela Vista, de Alfredo Chaves, para Colônia Lângaro.

A mudança foi feita em carroças, e devido ao tempo chuvoso, o percurso do trajeto levou em torno de uma semana: à noite, enquanto os animais se alimentavam e descansavam, as pessoas dormiam em galpões existentes às margens da estrada. Foram, então, surgindo pequenos núcleos colonizadores, que viviam do cultivo de pequenas propriedades, ditas colônias, para a própria subsistência, além de trabalhar na extração da madeira, principalmente de araucárias.

Figura 27: Família de André Rovani.
Fonte: Arquivo família Rovani.

Em Colônia Lângaro, a família de Andrea dedicou-se à agricultura, principalmente, como o cultivo de milho, trigo, arroz, feijão e mandioca, à criação de suínos e a fruticultura e à viticultura. Já naquela época, a família de Andrea tinha água encanada dentro de casa, colhida em fonte límpida e conduzida através de carneiro ou aríete hidráulico – o único da região – a martelar dia e noite. Desde que se estabeleceu em Colônia Langaro com a família, passou a puxar e conduzir, aos domingos e dias santos de guarda, as preces e os cantos da capela de Nossa Senhora do Rosário da comunidade de Colônia Langaro; e, depois do ato religioso, ensinava catecismo à meninada da região, preparando, assim, os filhos menores dos agricultores para a primeira comunhão, hoje denominada primeira eucaristia.

A tranquilidade do trato da terra, uma das lidas elementares dos colonos, foi, no entanto, perturbada pela Revolução de 1923 Eis que os revolucionários, por onde passavam, invadiam abruptamente as moradias dos colonos a pretexto de busca de adversários escondidos e saqueavam tudo o que lhes seria útil – armas, dinheiro, alimentos, arrebatavam cavalos e muares com os arreios para a luta, e não raro matavam rezes que encontravam para alimentar os companheiros de guerra, obrigando-se, desta forma, os colonos a esconder os animais no seio da mata, o que infelizmente aconteceu, por algumas vezes, com a família de Andrea Rovani e seus vizinhos, como recorda muitas vezes o filho João Baptista.

Andrea e Luigia Perin Rovani geraram os filhos: Pedro Jacob, Antonina Maria, José, João Baptista, Luiz Fortunato, Teresa Angela, Rosa Palma, Antonio, Santa Catherina, Victoria, Umberto deixando assim um grande legado ao povo vilalangarense. Cabe destacar que o primeiro vereador a representar Colônia Lângaro em 1989 e ainda no exercício dessa função até os dias atuais foi o Senhor Valdemar André Rovani, filho de João Baptista Rovani e Elisabetha Miorando. O primeiro Prefeito de Vila Lângaro também foi um Rovani, o Senhor Miguel Alécio Rovani, filho de Pedro Jacob Rovani e Genoveva Bordignon Rovani, ambos netos de Andrea Rovani.

Andrea ficou viúvo com 60 anos – em 18.01.1929 – e, aos 11.08.1932, com 63 anos, contraiu matrimônio religioso, na Igreja de Nossa Senhora da Saúde, de Tapejara, então Sede Teixeira, com Rachele Bolsanello, com 54 anos de idade.

Andrea, depois de alguns dias de internação no hospital de Sede Teixeira, veio a falecer aos 08.07.1941, com 72 anos e seus restos mortais transladados para o cemitério municipal da sede de Tapejara.

Figura 28: Valdemar Rovani 1° Vereador a representar o povo de Vila Lângaro quando esta ainda pertencia a Tapejara.
Fonte: Valdemar Rovani.

Figura 29: Miguel Alécio Rovani 1° prefeito de Vila Lângaro.
Fonte: Miguel Rovani.

5

EVOLUÇÃO POLÍTICA E TERRITORIAL DO MUNICÍPIO DE VILA LÂNGARO 1910-2019

Nos primeiros anos do povoamento as terras, onde hoje se localiza o município de Vila Lângaro pertenciam ao distrito de Coxilha que fazia parte do município de Passo Fundo.

Em meados da década de 1930, Colônia Lângaro passou a pertencer ao distrito de Sede Teixeira, criado aos 25.01.1929, pertencendo ao município de Passo Fundo. Em dezembro de 1944, ocorreu uma mudança de nome do distrito de Sede Teixeira para Tapejara, sendo que em 09.08.1955, este distrito conseguiu sua emancipação política da munucípio de Passo Fundo.

Com a Emancipação de Tapejara em 09 de agosto de 1955 o território de Colônia Langaro, passou a fazer parte desse novo município encurtando assim à distância com a sede do município, tendo em vista que Passo Fundo ficava a 45 Km de distância, enquanto Tapejara fica a menos de 20 Km. Com o passar dos anos Colônia Langaro foi crescendo sendo promovido a distrito de Tapejara através da Lei n° 82 de 13 de dezembro de 1957.

5.1. Comissários e Sub-Prefeitos que Administraram Vila Lângaro 1957-1996.

Os Comissários e Sub-prefeitos que ajudaram a administrar Colônia lângaro no período que a mesma era distrito de Tapejara: Guilherme Langaro, Vitório Langaro, Aurélio Langaro, Ivo Langaro, Victorino Biazotto, Arcenio A. Biazotto, Adão Tognon, Ivo A. Bordignon, Ivo Benetti, e novamente Victorino Biazotto.

5.2. Movimento Pró Emancipação

Colônia Lângaro progrediu desde sua fundação, por volta de 1910, e seus habitantes sentiram a necessidade de uma independência político - administrativa para melhorar ainda mais a vida de seus habitantes.

Segundo depoiemto do senhor Ivo Benetti, em meados de 1993, com uma população aproximada de 1800 habitantes, surgiram as primeiras discussões

sobre a Emancipação desta localidade. Incentivados pelo senhor Vildo Rovani (in memória), na subprefeitura de Colônia Lângaro, compareceram somente cinco pessoas: Vildo Rovani, Realdo Savaris, Valdemar Rovani, Ivo Benetti e Arcenio Angelo Biazotto.

O senhor Vildo (in Memorian) não se intimidou pelo número de participantes e fez as colocações sobre a emancipação. Falou da importância e que já tinha levantado dados referenciais, feito busca de documentos e se informado sobre como proceder para lutar pela emancipação.

A partir de então essas pessoas começaram a acredita re novos encontros foram marcados nas casas, como o número de pessoas foi aumentando, resolveram se encontrar no subsolo do salão da capela Nossa Senhora do Rosário, com um número bem maior de participantes e com representantes das comunidades locais.

Figura 30: Vildo Moisés Rovani, presidente da Comissão de Emancipação.
Fonte: Samantha Rovani Cecchetti.

Em relatos, o senhor Ivo Beneti, diz "a dificuldade em iniciar os trabalhos foi muito grande pois não tinham nem uma caneta, nem livro ata para os registros das ideias e é por esse motivo que os primeiros encontros não há registros". Então nesse encontro resolvem passar um chapéu e "pedir a colaboração dos presentes para angariar recursos para comprar pelo menos um livro ata e caneta, onde todos os presentes colaboraram".

Posteriormente as lideranças locais criaram uma comissão formada por membros das comunidades pertencentes a este território para darem início a busca por apoio para a emancipação junto a deputados e, também, a orientação junto ao escrivão referente a documentação necessária. Uma das primeiras orientações foi de oficializar uma Comissão Emancipacionista seguida da busca

de assinaturas da população, pelo menos um número mínimo de eleitores do município.

No início, a luta pela emancipação, gerou algumas desconfianças em pequena parte da população. Faltava, ainda, a convicção de que o desmembramento de Tapejara iria realmente melhorar a infraestrutura das comunidades, mas os trabalhos prosseguiram. Foi realizada uma conferência com a população, no salão comunitário de Colônia Lângaro, juntamente com o Escrivão Cadini, que fez esclarecimento referente ao processo, coletou as assinaturas, instituiu a comissão e fez o devido registro em Cartório.

5.3. Formação da Comissão Emancipacionista e a Realização do Plebiscito.

Em outubro de 1993 foi criada a comissão emancipacionista para dar seguimento aos trâmites legais em busca da emancipação de Vila Lângaro. Essa comissão foi composta pelos seguintes membros:

- **Presidente:** Vildo Moisés Rovani
- **Vice Presidente:** Wilson Arcari
- **1° Secretário:** Angelo Estevão Damiani
- **2° Secretário:** Maria Inês Lângaro Dametto
- **1° Tesoureiro:** Carmelindo Luiz Rovani
- **2° Tesoureiro:** Valdemar André Rovani

Conselho Fiscal:

- Miguel Alécio Rovani
- Alcides Verdi
- Aldino Cechetti
- Suplentes Conselho Fiscal
- Irani Panisson
- Bolivar Martins Pinto
- Luciano Paulo Marcon

Figura 31: Adesivo que foram distriuidos para a campanha em prol da emancipação.
Fonte: Eneide Negri

Após reunida a documentação Vilson Arcari, Vildo Rovani, (in memória) e professor Angelo Estevan Damiani foram até Porto Alegre fazer a entrega, na Assembleia Legislativa, onde receberam o protocolo do Presidente da mesma, Deputado Renan Kurtz.

Deu entrada o processo na Comissão de Constituição e Justiça sendo o relator do processo, o Deputado Pompeo de Mattos, e também na comissão de assuntos municipais, com o Deputado Giovani Cherini, que começaram a trabalhar em favor da emancipação. Assim, sempre orientavam sobre documentos que faltavam para que a comissão providenciasse.

Na primeira instância o Governador Antônio Britto vetou. Então, Vildo, Vilson e Arcenio Biazotto foram até a Comissão de Constituição e Justiça que havia aprovado para buscar apoio. Retornando, reuniram várias pessoas, lotaram um ônibus e retornaram à Porto Alegre no dia da derrubada do veto, onde a maioria dos deputados votou a favor. Os recursos eram poucos, mas mesmo assim, com ajuda de cada um dos envolvidos, o compromisso foi assumido.

Destaca-se o apoio do padre Valter Baggio (in memória) que cedeu o dia da festa da comunidade Nossa Senhora do Rosário para fazer a festa pró-emancipação e, assim, arrecadou- se mais um pouco de dinheiro para pagar as despesas da comissão (até então cada um arcava com suas despesas) e para pagar o Escrivão Cadini. Foi uma grande festa, uma das maiores da comunidade

O movimento emancipacionista progrediu e aqueles que tinham receio da criação do município passaram a apoiar o movimento, aumentando ainda mais a pressão popular para a conquista da emancipação. Finalmente no dia 22 de outubro de 1995 houve um plebiscito, onde a grande maioria dos votos foram a favor do “SIM” para a criação de um novo município.

No dia 28 de dezembro de 1996 o Governo do Estado do Rio Grande do Sul Antônio Britto assinou a Lei 10.661 que cria o Município de Vila Lângaro.

Figura 32: Vila Lângaro no final da década de 1990.
Fonte: Prefeitura municipal de Vila Lângaro.

Evolução da ocupação do espaço urbano da atual sede do município entre os anos de 1980 à 2007.

Figura 33: Foto aérea de Colônia Lângaro anos 80.
Fonte: Antônio Nunes dos Santos

Figura 34: foto aérea 2007
Fonte: Prefeitura municipal de Vila Lângaro.

Observando as fotografias acima percebe-se o crescimento da área urbana de Vila Lângaro ao longo dos anos 80/90 e 2000. Houve um considerável aumento no número de residências e, consequentemente, no aumento do número de habitantes. Ruas foram abertas e pavimentadas, novos espaços de lazer construídos, bem como serviços públicos ampliados, exemplos: a construção do posto de saúde, inauguração do ensino médio, coleta de lixo dentre outros. Enfim vários serviços que no período anterior a emancipação não estavam disponiveis a população.

5.4. As Administrações Municipais de Vila Lângaro 1997-2020

A PRIMEIRA ADMINISTRAÇÃO: 1997/2000

Figura 35: Miguel Alécio Rovani e Wilson Arcari.
Fonte: Prefeitura municipal.

No dia 3 de outubro de 1996, houve a primeira eleição para a escolha de seus primeiros administradores; Prefeito: Miguel Alecio Rovani (PT) e Vice – Prefeito Vilson Arcari (PDT). Vereadores: Lauro Lângaro (PPB), (assume o suplente José Getúlio Brazaga (PPB)), Renato Seidler Rovani (PT), Valdemar André Rovani (PMDB), Bolivar Diniz Martins Pinto (PDT), Aloisio Saquetti (PMDB), Evaldo Jardim de Oliveira (PDT), Celso Costella (PPB), lrani Panisson (PMDB), Dirceu Antonio De Nardi (PMDB).

SEGUNDA ADMINISTRAÇÃO: 2001/2004

Figura 36: Miguel Alécio Rovani e Aldino Cechetti.
Fonte: Prefeitura Municipal.

Prefeito eleito Miguel Alécio Rovani (PT) e seu Vice-Prefeito Aldino Cechetti (PDT). Vereadores eleitos: Lauro Lângaro (PP), Vildo Rovani (PMDB), Dirceu De Nardi (PMDB), José Getúlio Brasaga (PP), Claudimar Mascarello (PT), Juliano Benetti (PMDB), Moisés Dametto (PMDB), Evaldo Jardim de Oliveira (PDT), Bolivar Martins Pinto (PDT).

TERCEIRA ADMINISTRAÇÃO 2005/2008

Figura 37: Mosés Dametto e Claudiocir Milani.
Fonte Prefeitura Municipal

Prefeito eleito: Moisés Dametto (PMDB) e seu Vice-Prefeito Claudiocir Milani (PMDB). Vereadores eleitos; Claudimar Mascarello (PT), Antônio Danelli (PMDB), Paulo Sérgio Costella (PSB), Itacir Costella (PMDB), Domingos Favaretto (PP), Valdemar Rovani (PMDB), Jurandi Brazaga (PP), Lauro Negri (PMDB), Claudimar Mascarello (PT).

QUARTA ADMINISTRAÇÃO 2009/2012

Figura 38: Moisés Dametto e Claudiocir Milani.
Fonte: Prefeitura Municipal.

Prefeito eleito: Moisés Dametto (PMDB) e seu Vice-Prefeito Claudiocir Milani (PMDB). Vereadores eleitos: Cléo Francisco da Silva (PMDB), Jurandi Brazaga (PP), Luciano Cechetti (PMDB), Delvo De Nardi (PMDB), Célia Lângaro Giotti (PT), Valdemar Rovani (PMDB), Lauro Negri (PMDB), Carmelindo Rovani (PT), Antonio Danelli (PMDB).

QUINTA ADMINISTRAÇÃO 2013/2016

Figura 39: Claudiocir Milani e Anildo Costella.
Fonte: Prefeitura Municipal.

Prefeito eleito: Claudiocir Milani (PMDB) e seu Vice-Prefeito Anildo Costella (PMDB). Vereadores eleitos: Valdemar Rovani (PMDB), Realdo Savaris (PMDB), Jurandi Brazaga (PP), Arno Dal Magro (PMDB), Claudimar Mascarello (PT), Sidineia Biasotto (PMDB), Antonio Danelli (PMDB), Fátima Della Vechia (PMDB), Felipe Bordignon (PMDB).

SEXTA ADMINISTRAÇÃO 2017/2020

Figura 40: Claudiocir Milani e Anildo Costella.
Fonte: Prefeitura Municipal.

Prefeito eleito: Claudiocir Milani (PMDB) e seu Vice-Prefeito Anildo Costella (PMDB). Vereadores eleitos: Evandro Rovani (PMDB), Alencar Biazotto (PMDB), Dirceu De Nardi (PSB), Marcio de Oliveira (PDT), Rafael Bedendo (PMDB), Jurandi Brazaga (PP), Valdemar Rovani (PMDB), Eneide Melara Negri (PDT), Sidineia Biasotto (PMDB).

5.5. Bandeira, Hino e Símbolos Municipais

Criado em 18 de junho de 1997 através da Lei 039, o significado das cores, desenhos, inscrições e formas contidos no brasão é o seguinte:

Figuras 41 e 42: Bandeira e Brasão do município de Vila Lângaro.
Fonte: Prefeitura Municipal.

- **Estrela Principal** - a sede do município.
- **Nove Estrelas** - as nove comunidades do município.
- **Soja, Milho e Cevada** - principais culturas de verão e inverno que fazem parte da economia primária local, significando também trabalho, fartura e prosperidade.
- **Pêssego** - frutas cítricas, diversificação de culturas, novas fontes de renda e matéria-prima para a indústria.
- **Pecuária** - o rebanho leiteiro, avicultura, e suinocultura, que também são fonte geradora de divisas para a economia local.
- **Trator, Semeadeira e Palha** - cuidados e avanços tecnológicos para o melhor desenvolvimento e produção agrícola. Com a mecanização e a técnica do plantio direto, representando também a agricultura, principal fonte de riqueza do município.
- **Os Raios de Sol** - o nascer de um novo município. Fonte de luz e energia que emana do universo, manifestação divina.
- **Solo** - mãe terra geradora de alimentos, riqueza e prosperidade.
- **Pinheiro/Araucária** - espécie nativa, madeira, reserva florestal do mu-

nicípio, símbolo de um povo altivo e forte.

- **Listel** - abaixo o listel em amarelo, com o nome do município e lembrando a data de sua emancipação, 22-10-95.
- **Contorno em Azul** - os rios que estabelecem os limítes do município. Riqueza hídrica, que dá vida a todos os seres vivos. Purificação, caracteriza o aspecto vocacional do município, despertando o sentimento do Cristianismo e da fé.
- **Livro** - a educação, produção do conhecimento, exercício do saber e fonte da sabedoria, luz que vence as trevas.

Hino do município de Vila Lângaro

Letra e Arranjos de Wilson Costella

Minha terra povo inteligente
Que leva na mente a história daqui
Em defesa de ti vou lutar
Pois neste lugar foi onde nasci
Do que tenho és muito importante
E neste instante vou homenagear

Vila Lângaro eu vou levar
Teu nome comigo por onde eu andar
Devo a ti parte da minha vida
Querência querida por ti vou cantar

Quando fui para outro lugar
Bastante saudades daqui eu senti
Hoje sinto saudades de fora
Lugares que outrora lembrava daqui
Aos amigos com quem eu falei
Eu sempre lembrei de teu nome falar

Vila Lângaro eu vou levar
Teu nome comigo por onde eu andar
Devo a ti parte da minha vida
Querência querida por ti vou cantar

6

ATIVIDADES ECONÔMICAS DE VILA LÂNGARO: CONSIDERAÇÕES SOBRE DIFERENTES ATIVIDADES ECONÔMICAS DO MUNICÍPIO AO LONGO DE SUA HISTÓRIA.

6.1. Indústrias

As primeiras indústrias a se instalarem no antigo povoado de Colônia Lângaro foram: Monjolos, Atafonas para fazer farinha de mandioca, Engenhos para socar erva mate e moinhos para moer o trigo e milho. O primeiro moinho foi de Guilherme Langaro e estava localizado onde hoje é a propriedade de Ivo Beneti.

Modelo de funcionamento de monjolo

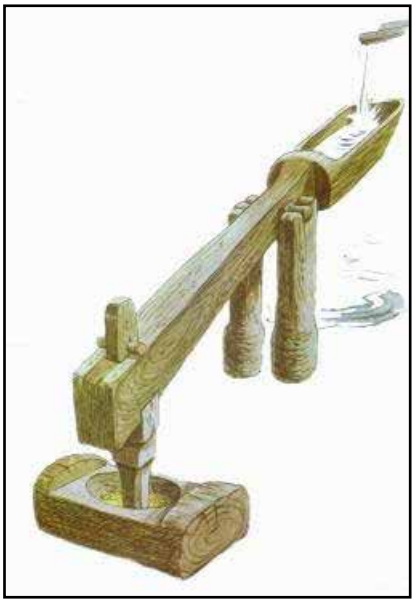


Figura 43: Monjolo. Disponível em: www.cienciamao.usp.br/tudo/exibir.php?midia=pmd&cod=_pmd2005_0807

Monjolo é uma máquina rudimentar, movida a água, onde há duas peças distintas e principais: o pilão – que soca os grãos - e a haste destinada ao beneficiamento e moagem de grãos. A água movimenta o pilão. Esta chega através de uma calha, cai no cocho e quando ele fica cheio abaixa com o peso da água elevando a haste. Assim que a água escorre a haste desce pesadamente, socando o que esteja no pilão.

Pode ser usado para descascar e triturar grãos secos, resultando numa farinha mais espessa. Diversos alimentos, como o fubá e a farinha de milho, eram produzidos por meio do esmagamento nos monjolos. A ferramenta tinha capacidade de socar até trinta quilos de milho em uma hora e meia. Também faziam o soque da erva-mate.

Nossos antepassados, especialmente entre os anos de 1850 até 1930, lidavam com essa tecnologia obsoleta para a produção de farinha. Além da função primária de descascar, moer grãos e socar a erva, outra utilidade do monjolo foi a de assustar e afastar os animais que se alimentavam e estragavam a plantação. A cada batida da mão do monjolo no fundo do cocho, um som de madeira ecoava pela mata, assim espantando-os. Com o efeito gangorra, a água impulsiona a ferramenta fazendo-a ter movimento. Em uma extremidade, uma concha é enchida com a água, fazendo a outra parte, equipada com uma estaca, se levante. Ao esvaziar a cuba, o movimento se inverte.

As Tafonas e os moinhos eram pequenos estabelecimentos assentados nos lotes rurais nas proximidades das moradias. Foram instaladas e funcionaram em diversos pontos da região.

Do cultivo da mandioca extraiam a farinha e o polvilho. A mandioca era retirada da terra e colocada em cestos de taquara e levada até a carroça, parada nas proximidades da plantação, depois era transportada à tafona. Lá eram retiradas as partes lenhosas e feita uma limpeza grossa.

Em seguida eram colocadas no descascador, um cilindro giratório feito de ripas de madeira pregadas a intervalos regulares e uma tampa longitudinal à colocação e retirada das raízes. Na parte superior, uma calha furada espalhava água, continuamente, sobre toda a extensão do descascador.

Após a limpeza, a mandioca era despejada num gamelão de madeira. Quando eram retiradas as partes da casca que não eram removidas, e as raízes eram levadas ao serrador, constituídos de uma roda coberta por lâmina metálica crivada de orifícios de rebordos arrebitados, onde, colocados uma, duas ou três raízes de cada vez eram transformados em massa.

Opcionalmente podia ser retirado a polvilho. Nesse caso, a massa era colocada dentro de um recipiente com uma tela no fundo, sobre um coletor e adicionada água para o escoamento do polvilho. Retirado o polvilho, a massa era colocada no tipiti (tipo de recipiente) e levada à prensa com fusos que eram girados manual e periodicamente, durante doze horas aproximadamente, para

extração da umidade.

Relativamente seco, o bolo era retirado do tipiti, desfeito e peneirado, quando então a massa era levada à secagem, num tacho de cobre sobre fogo moderado. A hélice, pá do forno, formada por duas pontas e um rodete embutido, mexia a farinha até o ponto certo, ditado pela experiência do operador. Pronta a farinha, ela é estocada para o consumo ou comércio.

Os moinhos

Figura 44: Imagem ilustrativa. Água: fonte de vida,/trabalhos escolas/Flavio Ferreira Cinfães/AnaAmanda_AnaCoelho/ acessado em 06/12/19

Funcionamento dos antigos Moinhos

A água era captada de um arroio e, através de uma canaleta de madeira, era jogada em uma roda d`água. Com o impacto, a roda girava, produzindo energia, que movia polias e correias. As polias e correias moviam a azenha de pedra, depositada numa caixa de madeira, que com o impacto esmagavam os grãos, transformando em farinha, que era depositada em caixa chamada de tulia. Em seguida, era embalada a farinha em sacos de algodão.

A produção no moinho obedecia a um processo que tinha início na colheita do milho, plantado na própria terra do colono. Da terra, o alimento era levado em lombo de cavalo, mula ou carroça para casa, debulhado manualmente, ensacado e levado ao moinho, onde era armazenado em tulhas até que começasse a produção. A fabricação ocorria a partir da limpeza do milho em uma máquina manual que separava as impurezas do produto. Após, o milho limpo era levado ao triturador, chamado de tufão, para que fosse realizada a primeira moída.

Na sequência, o milho passava pela pedra. Nesse processo, a farinha já esta-

va pronta, restava apenas ser passada pela peneira, para a separação da casca. No final, era depositada em sacos de algodão e em seguida levada à balança para pesagem. Por fim, transportada no cavalo, mula ou carroça do colono, tomava o rumo de sua morada.

Figura 45: Antigo moinho com descascador de arroz e soque de erva-mate.
Fonte: Ricardo Mascarello.

Os moinhos da sede de Colônia Lângaro, ou das diversas comunidades rurais eram bem movimentados e atendiam os moradores vizinhos e também os que vinham de outras localidades. Era o ponto de encontro entre os conhecidos, que amarravam os animais na sombra e se acomodavam para esperar a moagem de seus produtos.

Alguns marcavam o dia para vir buscar, outros esperavam até que o produto ficasse pronto. Em momentos de pico da atividade agrícola, o trabalho de levar a moagem para o moinho era uma tarefa destinada, muitas vezes, aos meninos.

Os agricultores levavam os produtos para serem processados nos moinhos e pagavam um determinado valor pela moagem ou deixavam o farelo em troca. Houve safras em que alguns moinhos trabalhavam dia e noite para dar conta da demanda. Lá eram processados os grãos em forma de farinha, necessária para fazer o pão, a polenta, a massa, alimentos esses que não podiam faltar na mesa do colono.

Os proprietários de moinho, geralmente, mantinham chiqueirões destinados à criação de suínos e alimentavam os animais com o farelo que sobrava da moagem. Os suínos eram vendidos em Passo Fundo

Geralmente associado ao moinho, funcionavam o descascador de arroz, o soque de erva e a atafona, própria para fabricar a farinha de mandioca. Os

equipamentos movidos a cilindro ofereciam uma farinha de melhor qualidade, razão pela qual conquistaram a freguesia, constituindo-se em fortes concorrentes para os moinhos de pedra, pois, além de trabalharem mais rápido, podiam comercializar a farinha escura, preta. O trigo era bom, mas com as pedras a farinha não ficava branca.

A necessidade de produzir a farinha e o farelo, em primeiro lugar de milho e depois de trigo, despertou a iniciativa de diversos empreendedores na construção de moinhos coloniais.

Figuras 46: Fotos internas do moinho de Nelson Bordignon situado em Colônia Nova.
Fonte: Eduarda Secco

Alguns moinhos que fizeram parte da história do município de Vila Lângaro

- **Santo Bordignon:** trigo moinho de pedra para milho e trigo e descascador de arroz.
- **Odorico Bordignon:** moinho de pedra para milho, vendido a Nelo Biazotto e, com energia elétrica.

- **Rosalino Negri** teve moinho de milho de cilindro e descascador de arroz em 1982.

Moinho de Rosalino Negri

Moinho de milho: com a chegada da energia elétrica surgiriam novas indústrias em Colônia Lângaro, uma delas foi o moinho de Rosalino Negri adquirido da família Morello Seidler, do Rio do Peixe em 1982.

O moinho de milho com cilindro produzia a farinha de milho fina, média e grossa, e canjica, junto também funcionava o descascador de arroz. A construção era de dois pisos, o primeiro de alvenaria e o segundo de madeira, situado onde hoje à residência de Olinda Tognon Dalmagro na Avenida Vitório Costella.

Os agricultores traziam o milho em cavalos ou carroça para ser transformado em farinha para polenta também traziam arroz para descascar. A capacidade era de 20 sacas de milho por dia. Anos após o moinho foi vendido para um senhor de Erebango e retirado do local.

Serrarias

Figura 47: Foto da primeira serraria na dédaca de 20.
Fonte Gilberto Langaro

A primeira serraria de Colônia Lângaro foi de Guilherme, Ernesto e Vitório Langaro situada próximo a estrada que liga Vila Lângaro a Arroio de Fátima-Sertão, aproximadamente três quilômetros da sede do município.

Também havia serraria de Artur Canfil, Napoleão Duarte, irmãos Bernardi. A maioria das serrarias era movida a água, mas teve também movida a vapor.

Serraria de Poggio e Hansel 1994

Figura 48: Serraria de Poggio e Hansen – 1994
Fonte: Arquivos do processo de emancipação.

Conforme relatos do Senhor Vilson Saquetti, "só existia o gramadinho mais ou menos por volta de 1915" e somente mais tarde é que se formou a comunidade de São Luís do Gramadinho. Paulo Duarte comprou as terras onde hoje é o Gramadinho, entre 45 a 46 colônias de terras e fez a divisa das terras a foice e machado montado em um cavalo, mais ou menos da estrada da linha Salete até o Cachoeirão, São Roque. Essas terras eram cobertas de Pinhais. Ao lado leste tinha o Rio Carreteiro e a Oeste a estrada do Elmir Bordignon.

A serraria de centro era movida a vapor, necessitando de duas pessoas para assentar a madeira, duas cangas (dois paus curvados) e a serra colocada bem no centro. Depois de certo tempo o equipamento queimou e, como não foi possível repará-la, então vendeu para Eugênio Zanatta que comprou também o pinhal e uma máquina Tissot.[2] Juntamente com a serraria havia um armazém muito grande onde vendiam e compravam de tudo um pouco.

A madeira era transportada até a Camponesa por uma carroça puxada a mulas, com um terno de 13 ou de 11 mulas, sendo que uma era usada para puxar as demais. Lá a madeira era carregada nos vagões do trem.

A estrada costeava os morros. Iniciava no Gramadinho, passava por Canhada Funda (Colônia Teixeira), centro de Colônia Lângaro, Rio do Peixe até a Camponesa. A viagem geralmente demorava dois dias e os carreteiros tinham uma pousada onde davam água e comida para as mulas e colocavam em uma estrebaria.

2 Tissot: é uma serra individual, as cangas são mais curtas e a serra fica de um lado.

O tempo passou e Zanata vendeu a serraria para Jandir Poggio, Nilson Sachetti, Pedro Poggio e Nelson Poggio. A serraria Poggio Hansen trabalhou por 50 anos. Iniciou com a Tissot e continuou com a serra fita. Grande parte do serviço era braçal.

6.2. Carpintaria, Marcenaria e Ferrarias

A carpintaria trabalha essencialmente com madeira maciça e em seu estado natural. É uma das profissões mais antigas da humanidade e abrange uma série de trabalhos, tais como: escadas, portas, assoalhos, telhados e até obras de menores dimensões. É muito comum na construção naval.

Os carpinteiros, além de necessitarem de conhecimentos geométricos e precisão técnica, precisam ter conhecimento dos diferentes tipos de materiais e técnicas a serem utilizadas naquele tipo de madeira. Ofício este aprendido com a necessidade de construir suas casas.

Já o marceneiro, trabalha exclusivamente na fabricação, conservação, reparação de móveis, além de outros objetos de decoração a base de madeira. Por isso, podemos dizer que o trabalho do marceneiro é mais artesanal e delicado se comparado a carpintaria. O marceneiro para o desenvolvimento de seu trabalho utiliza de técnicas exclusivas e ainda contam com matéria-prima nobre e de boa qualidade, pois os móveis e enfeites a base de madeira devem ser feitos com madeiras de boa qualidade.

No início da colonização Aurelio Langaro teve destaque como carpinteiro, após foi Luiz Fortunato, Antônio Parizotto e alguns dos filhos de Guerino Bordignon; Ivo, Jair e Valdir.

O senhor Valdir Bordignon (Rapi) foi dos que trabalhou por mais tempo. Iniciou ainda na adolescência, trabalhando por aproximadamente uns cinquenta e cinco anos, até o aparecimento de uma doença que o levou a morte. Sempre foi uma pessoa alegre, otimista e com muita fé.

Era comum ver ele no terço aos domingos de manhã, onde rezava a dezena do mesmo. Quando menino sofreu um acidente com uma carroça cheia de milho, que tombou e uma das rodas passou em seu quadril, fraturando-o.

Figura 49: Foto dos bois e carroça de Valdir Bordignon.
Fonte: Derci Bordignon.

Foi levado, por seu pai, até o município de Getúlio Vargas onde permaneceu por muitos dias em tratamento, sempre deitado. Ele se recuperou, mas ficou com a perna mais curta, o que não o impediu de se tornar um carpinteiro respeitado e de construir inúmeras casas neste município e em municípios vizinhos. Costumava ir para o trabalho a pé, ou com alguma carona, nunca teve meio de transporte. Deixou um exemplo de garra e firmeza.

Figura 50: Vista de uma de tantas casas construídas por Valdir.
Fonte: Derci Bordignon década de 90.

Marcenarias

Como marceneiro além de Aurélio Langaro, família Bordignon também teve alguns membors que seguiram essa profissão como os irmãos Ângelo e Nelson Bordignon, filhos de Fortunato Bordignon.

Como possuíam uma ferraria, não foi muito difícil agregar uma marcenaria para fabricar móveis, utensílios domésticos e brinquedos. Eram os únicos na região que fabricavam carroça. Faziam a escolha de matéria-prima nobre para os móveis e enfeites a base de madeira, de boa qualidade.

Figura 51: Imagem de marcenaria.
Fonte: https://pt.dreamstime.com/oficina-antiga-image100106494

Ferraria

Figura 52: Fortunato Bordignon e Angela Bordignon
Fonte: Nelson Bordignon.

Fortunato Bordignon, (Libero) montou uma ferraria e desde crianças, seus filhos ajudavam nas tarefas. No início o forte do trabalho era a fabricação de ferraduras para ferrar as mulas e os cavalos. Tudo era feito manual. Para moldar os ferros precisava de muito fogo. Então usavam um fole para fazer vento e aumentar o fogo das brasas. As ferraduras eram feitas conforme o tamanho do casco do animal. Geralmente em dois tamanhos: 24 ou 26 centímetros de ferro, em linha reta e após amolecer no fogo era moldado.

Nelson Bordignon, seu filho, trabalhava de manhã à noite com o fole, bem próximo ao fogo, tanto no inverno quanto no verão. Quando ferravam os animais, era Nelson quem segurava as patas dos animais e seu pai ferrava.

6.3. Alfaiataria

Também cabe relatar a existência da alfaiataria de Joel de Almeida na encruzilhada, estrada que vai para Arroio de Fátima-Sertão e a de João David Gasparin que, por muitos anos, dedicou-se a fazer ternos em Vila Lângaro.

Outro alfaiate foi Henrique Negri, filho de agricultor que, aos 12 anos, teve meningite e ficou com um perna mais curta e atrofiada. Como na época tudo era manual ele não poderia ser agricultor porque usava muletas para caminhar. Então, seu pai o mandou aprender Alfaiataria, com João David Gasparim, tornando-se um excelente profissional.

Costureira

Aurora Langaro,Lola, aos quatorze anos passou por uma osteomielite na articulação do joelho esquerdo, que deixou sequelas. Para poder se locomover utilizava uma muleta. Desde muito nova foi aprender a costurar na antiga Sede Teixeira. Morava na casa de uma tia e ia até a casa de Leonilda Gardelin para aprender a costura. Precisou ficar lá por três meses.

Quando começou a costurar não tinha luz, mesmo assim, costurava a noite com auxílio de lampiões a querosene, a gás e somente muito tempo depois teve acesso a energia elétrica. Se aposentou e parou de costurar quando precisou cuidar de sua mãe, Adelinda, que tinha idade avançada.

Apesar das dificuldades em se locomover, jamais deixou de visitar as pessoas. Conta que faziam bastante serões e sua limitação não impediu de se tornar uma costureira de renome regional.

6.4. Selarias, Sapatarias

Primeiro sapateiro e seleiro foi Antônio Crespi (Antônio Celeiro), que possuía um armazém, uma sapataria e um bolão onde hoje a farmácia Lângaro.

Figura 53: José Mascarello, em sua casa e ao lado sua sapataria em Colônia Lângaro.
Fonte: Olga Mascarello.

José Mascarello que também desempenhou essa função por muitos anos, atendeu carinhosamente pelo apelido José Sapateiro. Para vencer os pedidos trabalhava até altas madrugadas concertando os calçados da população local.

As lojas de calçados em décadas passadas não eram tão numerosas como nos dias atuais, por isso o trabalho do sapateiro era fundamental para as pessoas. Muito caprichoso, seu José tomava cuidado de amaciar bem o couro para não machucar os pés dos clientes. Fabricava chinelos, sapatos, botas e as famosas tamancas (partes de cima do pé tinha couro e a sola era de madeira).

6.5. Distrito Industrial

O Distrito Industrial de Vila Lângaro foi criado às margens da RS 263, com 24.178-m² de área disponível, localização estratégica - ligada a rodovia RS 135 - que dá acesso a todos os recantos do Brasil e abre caminhos para o MERCOSUL.

Atualmente, 2019, estão instaladas a fábrica de máquinas e equipamentos para uso de extração mineral, peças e acessórios e equipamentos para terraplenagem; fábrica de artefatos de cimento para uso de construção; fábrica de telhas de cimento e comercialização de materiais de construção; Fábrica de sorvetes e gelados; Fábrica de transformação de madeira em estilhas ou em partículas; Frigorífico, com abate de suínos, fabricação e venda de produtos a base de carne e embutidos. Na sede do município está instalada a fábrica de massas e derivados.

Fábricas, Indústrias e Comércio existentes no Distrito Industrial e no interior do Município

- **Agrícola Borgo LTDA:** Produção de sementes certificadas de forrageiras para formação de pasto para criação de bovinos, exceto para gado de corte e leite.
- **Agrodanieli Ind e Com LTDA:** comercio atacadista de matérias-primas agrícolas, depósito de mercadorias para terceiros, comércio atacadista de soja, moagem e fabricação.
- **Agrodanieli Indústria e Comercio LTDA:** frigorífico - abate de suínos, fabricação de produtos de carne.
- **Antonio Danelli:** Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - minimercados, mercearias e armazéns.
- **Aral Indústria Metal Mecânica LTDA Filial:** Fabricação de máquinas e equipamentos para a agricultura e pecuária, peças e acessórios para máquinas aparelhos e equipamentos de manutenção e reparação, serviços.
- **Balboa Indústria de Alimentos LTDA:** Industria de fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis e fabricação de produtos derivados do cacau e de chocolate.
- **Brazaca & Brazaca LTDA RS:** comércio varejista de peças e acessórios para veículos, pneus e câmaras de ar, transporte rodoviário de cargas
- **Brazaca Comercio de Pneus LTDA:** Manutenção e reparação de equipamentos hidráulicos e pneumáticos, exceto válvulas.
- **Concrelangaro Ind Pre Mold De Concr LTDA:** Fabricação de estruturas pré-moldados de concreto armado, em série e sob encomenda

- **Construfox Construções LTDA:** Fabricação de artefatos de cimento para uso na construção de edifícios.
- **Danielli & Danielli Auto Posto LTDA:** Comércio varejista de combustíveis para veículos automotores, serviços de lavagem, lubrificação e polimento de veículos automotores.
- **Edson Kurtz Danelli Linha Scheler:** Prestação de serviços com carro de aluguel - (táxi)
- **Eliane Martins Pinto Calota:** Comércio confecções e comercio de peças de vestuário, calçados, tecidos, cama, mesa e banho; estamparia, fabricação de bijuterias.
- **Eugenio Ivo Martins Pinto Linha Schleder:** Transporte rodoviário de cargas.
- **João Carlos Martins Pinto – MEI:** Transporte rodoviário de carga, exceto produtos perigosos e mudanças intermunicipal, interestadual e internacional.
- **Jose Luis Zanini Transportes Eireli MEI:** Transporte rodoviário de carga, exceto produtos perigosos e mudanças, intermunicipal, interestadual e internacional.
- **Maravalhas Jacare Ltda Distrito Industrial:** Transformação de madeira em estilha ou em partículas.
- **Marciano Pereira – MEI:** Serviços de borracharia para veículos automotores, comércio a varejo de pneumáticos e câmaras-de-ar.
- **MD Comércio de Pneus:** Manutenção e reparação de equipamentos hidráulicos e pneumáticos, exceto válvulas.
- **Metal Vila LTDA – MEI:** Fabricação de esquadrias de metal fabricação de ferramentas, estruturas metálicas.
- **Paulo Roberto Mazzuti:** Fabricação de máquinas e equipamentos para uso na extração mineral, peças e acessórios; fábrica de máquinas e equipamentos para terraplenagem, pavimentação.
- **Rovani Construções:** Fabricação de artefatos de cimento para uso na construção, transporte rodoviário de carga, exceto produtos perigosos e mudanças.
- **JBR Suínos Brasil Ind Com de Carnes LTDA RD:** Frigorífico - abate de suínos, fabricação de produtos de carne suínas.
- **Schuster Com. de Maravalhas LTDA:** Fabricação de artefatos diversos de madeira, exceto moveis; comercio varejista de madeira e artefatos.
- **Vania Teresinha Weishaupt – MEI:** restaurantes e similares, comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios
- **Victor & Baseggio – MEI:** Fabricação de artefatos de cimento para uso na construção, comércio atacadista de materiais de construção em geral

Microcervejaria

A Microcervejaria Truco Bier foi fundada em 19 de novembro de 2014 pelo Casal Marcelo Rovani e Marilia Huppes, ambos formados em Engelharia de Alimentos pela Universidade de Passo Fundo.

Por apreciarem cervejas artesanais, iniciaram a produção de pequenos lotes no porão da casa localizada na propriedade rural em Linha Salete. Com a profissionalização do negócio, atualmente a cervejaria produz em torno de 1.500 Litros por mês, distribuídos nos 18 diferentes estilos, os quais a cervejaria possui o registro do Ministério da Agricultura (MAPA).

Figuras 54: Fábrica de Chopp Truco Bier em Linha Salete interior de Vila Lângaro.
Fonte Marcelo Rovani

6.6. O Comércio de Vila Lângaro ao longo da história

Bares e armazéns

A primeira bodega da região era na casa de Pedro Langaro, onde hoje é Bairro Sol Nascente, reuniam-se para rezar e só abria aos domingos. Vendia cachaça e vinho. Tinha uma cancha de Bochas. Também jogavam mora.

Figura 55: Vista da primeira bodega - casa de Pedro Langaro.
Fonte: Arnaldo Lângaro na década de 40.

Bodegão dos Ughini

A família Ughini teve uma breve passagem por Colônia Lângaro, mas foi o suficiente para ter deixado suma marca como uma das primeiras Lojas que atendeu a população da região com a venda se secos e molhados. O senhor Valeriano Ughini chegou em 1916 traxendo com sigo sua esposa Maria Costella e seus filhos.

Em 1922 a família de Valeriano mudou-se para Sede Teixeira (atual município de Tapejara) vendendo seu armazém para o senhor Selvino Fantini que por muitos anos manteve seu comércio, para depois se decicr somente a atividades agrícolas.

Bodega com Bolão dos Langaro

Na frente da igreja de Colônia Lângaro existiu a bodega de Alfredo Langaro e Arnaldo Langaro. Nesse local funcionou por alguns anos uma bodega e um Bolão que vendia diversos produtos para as famílias, além de bebidas e fumo para animar as mesas de baralho.

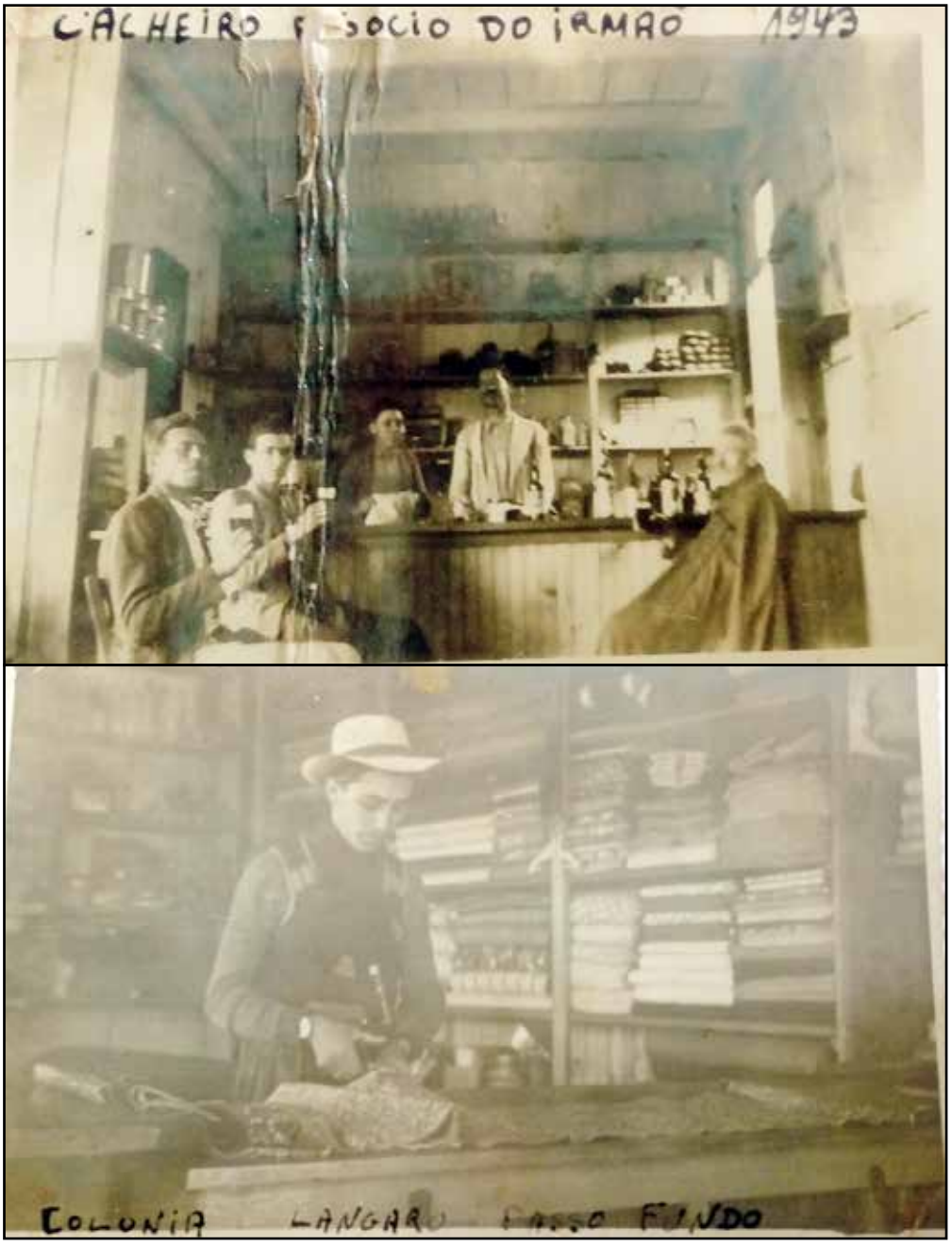


Figura 56: Bodega de Alfredo e Arnaldo Lângaro - 1943.
Fonte: Arnaldo Langaro

Na frente da igreja existiu a bodega de Alfredo Langaro e Arnaldo Langaro, nesse local funcionou um Bolão.

Armazém de Antônio Crespi

O armazém de Antonio Crespi (Antônio Celeiro) localizava-se onde hoje é a Farmácia Lângaro. Vendia de tudo um pouco: fumo, cigarro, bebidas, sal, açúcar, erva-mate, café, soda, Melhoral, Biotônico, tripas, barbantes, querosene, etc. Essa bodega foi vendida mais tarde para João Stramari e após seu falecimento passou para seu filho Marcelo Stramari que, depois de um tempo, vendeu para Nelson Slavieiro.

Bodega e armazém de Rosalino Negri

Na esquina da praça onde hoje é a Loja Biazotto era o Bar e armazém de Avelino Sitta, depois de Asterino Biazotto. Em 1970, Rosalino Negri comprou o mesmo, que posteriormente vendeu para Alcides Gaudêncio Biazotto.

Era uma casa de dois pisos no primeiro andar ficava a residência da família e o Bar e armazém, no segundo piso era o salão de bailes pois a capela não tinha salão e, na região, somente existia um salão na propriedade de Rodolfo Crespi, Linha Scheleder

Figura 57: Vista do Bar e armazém de Rosalino Negri década de 70.
Fonte Eneide T. M. Negri.

Nos bailes eram vendidos ingressos que davam direito a dançar a noite toda e ao café a meia-noite. Iniciavam às 20 horas e acabavam na manhã seguinte.

Animaram bailes, neste salão, Os Monarcas e o Grupo Grenal, de Getúlio Vargas. No salão não havia mesas nem cadeiras, somente bancos de madeira contornando toda a parede. As moças só vinham no baile, acompanhadas por um familiar.

Os homens bebiam cerveja as mulheres e moças refrigerante ou água. Na época as pessoas não tinham carro, vinham para os bailes de lotação com combi, camionetes rurais, em carrocerias de caminhão e a pé.

Passaram-se os anos e o segundo piso foi desmanchado, com a madeira fez-se uma residência ao lado do Bar e armazém que passou a ser a casa da família.

Em 1974 a residência foi vendida para Alcides Gaudêncio Biazotto.

Bar e Lancheria Natali

Por necessidade de melhorar a renda da família e o sonho de um dia ser um empresário, Paulo Tognon e seu cunhado Fernando Langaro alugaram o bar que era da família Langaro.

Em um terreno de 100m^2 onde se localizava o antigo bar com uma casa velha em anexo, fizeram algumas reformas e iniciaram as suas atividades comerciais. Combinaram que cada dia um atenderia a população no bar e, nos dias em que ouvesse janta, as esposas dos sócios ajudariam na preparação das refeições.

Embora com filhos pequenos e com muita dificuldade financeira, comprando a prazo principalmente com cheques pré-datados, foram superando as dificuldades. Percebendo que o negócio tinha futuro, por estar bem localizado, trabalharam por dois anos juntos.

Com o progresso do Distrito de Colônia Lângaro surgem as ideias da emancipação e Paulo Tognon ajuda nos trabalhos da comissão emancipacionista. Paulo conta que, com a emancipação, seu sócio, Fernando Lângaro, que era contrário político, passou a trabalhar como funcionário público, deixando-o sozinho para cuidar do bar.

Paulo também relata que seu sogro Valdemar Langaro resolveu fazer o inventário de seus bens e destina a Marisa a parte que lhe pertence, dois alqueires de terra. Paulo, então, decide vender sua casa para Dilvan Parisotto por mil sacas de soja, mais o terreno que recebeu de seu pai, Adão Tognon, um alqueire de terra, por 600 sacas de soja somando um total avaliado de 2800 sacas de soja. Compra o bar e constrói a nova casa e passa a se dedicar sozinho a atividade.

Trabalhar no bar mora no próprio estabelecimento que precisa de reformas e para dar continuidade busca financiamento da obra na Sicredi. Não consegue devido não ter renda fixa. Então busca ajuda com seu amigo e compadre Zeca Ferreira, o qual indica a Caixa Federal. Finalmente consegue um financiamento de $ 25.000 para pagar em 15 anos.

Paulo constrói um novo estabelecimento e consegue fazer também dois apartamentos. Com os filhos pequenos e a esposa trabalhando na vizinha cidade de Tapejara, as dificuldades aumentam. Precisava trabalhar de quinze a dezesseis horas diárias e inclusive nos finais de semana e feriados.

Pensando que não conseguiria honrar seus compromissos com a Caixa Federal, vende um apartamento para o pai e trouxe ele morar conosco e consegui amenizar as contas mudança, tínhamos o necessário precariamente para começar a Marisa perdeu o pai, mas para mim foi um homem que sempre me ajudou e me incentivou muito perdi meu pai também que onde estiver está comigo foi meu espelho.

6.7. Supermercados

Supermercado e Loja Biasotto

Foi um dos primeiros Supermercados de Vila Langaro e seu proprietário é Arcenio Biazotto. Segundo depoimento de Arcenio, o empreendimento da família começou com seu pai que adquiriu um bar que por muitos anos além de vender bebidas e cigarros, também vendia alguns produtos alimentícios (açúcar, farinha), tudo era vendido a granel, pois nada vinha em pacotes.

Com o passar do tempo o negócio foi crescendo havendo a necessidade de se ampliar o espaço,foi quando separaram o armazém do bar, que passou a funcionar em uma peça em anexo.

Após a emancipação a família Biazotto resolveu construir uma nova instalação para o seu comércio transformando-o em um supermercado com ampla linha de produtos alimentícios, de higiene e limpeza. Conta com açougue e uma ampla linha de bebidas. Também trabalham com venda de bebidas no atacado atendendo as festas das comunidades.

Figura 58: Supermercado Biazotto (2019).
Fonte: Arcenio Biazotto.

Com o passar dos anos a família Biazotto devido ao cansaço de atender o bar todos os dias da semana inclusive domingos e feriados, resolveram fechar o mesmo transformando-o em uma ampla loja de roupas.

Supermercado Costella

A fundação do supermercado Costella aconteceu no dia 28/08/1996, quando o senhor João Costella viu uma oportunidade de empreender no recém criado município de Vila Lângaro.

Um ano antes da criação do Mercado foi aberta uma pequena livraria com a venda de materiais escolares. Como as vendas não renderam o esperado, se fez necessário ampliar o negócio, foi então que João teve a idéia de colocar um mercado ao lado da livraria.

Figura 59: Vista do Supermercado Costella (2019)
Fonte: Leandro Costella.

Os primeiros anos foram difíceis, mas com o passar do tempo e com o aumento das vendas foi necessária a ampliação da area física do estabelecimento. Conseguiu-se, então, diversificar o número de produtos e atender melhor os clientes. No início dos anos 2000 o Supermercado Costella passou a ser Correspondente da Caixa Econômica Federal (Caixa Aqui), com a realização de pagamentos de benefícios e de pequenas transações bancárias.

Novamente os negócios prosperaram e na metade dos anos 2000 um novo pavilhão foi construído para abrigar o Supermercado. Nesse ano foi instalado junto ao prédio o serviço de lotérica tornando o empreendimento ainda mais importante para a população.

Atualmente o Supermercado possui 4 pessoas trabalhando de segunda a sábado e aos domingos pela parte da manhã. Os principais produtos oferecidos são uma completa linha de produtos alimentícios, de higiene e limpeza, frutas carnes e bebidas. Também disponibiliza uma completa linha de material escolar e bazar. A lotérica oferece todos os tipos de apostas disponíveis nas loterias da Caixa, bem como pequenas transações bancárias.

Mercado DS

Este estabelecimento funcionou por muitos anos na comunidade de Colônia Nova com a comercialização de produtos alimentícios, de limpeza e bebidas em geral. No início de 2020 o estabelecimento encerrou suas atividades.

6.8. Agropecuárias

Agropecuária Progresso

Era meados de 1995, Valdecir Giotti e sua esposa Silvana, residiam na comunidade de Linha Salete, a uma distância de aproximadamente uns cinco quilômetros da sede do município de Vila Lângaro. Sentindo a necessidade de encontrar outro ramo de trabalho para sustentar a família (Valdecir tinha nove irmãos e havia pouca terra para todos plantarem), resolveu fazer uma pesquisa, na sede do novo município, para saber o que mais precisavam.

O comércio era pequeno, mas os moradores, em geral agricultores e criadores de animais para o sustento, precisavam ter maior facilidade de acesso aos produtos necessários para o desenvolvimento de suas atividades, resolveu então montar seu negócio no ramo da agropecuária. Montou uma loja, em um porão alugado, hoje o prédio de Ademir Oliboni. Era um lugar bastante úmido e a porta não dava para rua. Vertia bastante água no inverno e quando chovia ou tinha neblina os raios de sol, não entravam na loja.

Tudo era difícil pois não tinha fornecedores e ele precisava buscar as mercadorias em Passo Fundo, e Erechim.

Em depoimento conta que: "A Silvana levantava às 4 horas para tirar leite e eu cuidava da filha, depois eu vinha de linha Salete a pé até o centro de Vila Lângaro para atender na loja. Para voltar quase sempre conseguia carona. Posteriormente, transferiu para outra sala alugada em frente à praça municipal. Começou a crescer.

No início vendia o básico necessário para agropecuária, mas com a procura de novos materiais elétricos e outros materiais, precisou ir até Passo Fundo para encontrar fornecedores. Na parte hidráulica firmou parceria com a empresa, de Tapejara, Rovani Materiais de Construção, sendo que ganhava apenas uma comissão daquilo que vendia.

Mais tarde adquiriu um terreno e uma caminhonete e transferiu a loja para outro local, hoje está localizada a secretaria da Agricultura. O prédio dos irmãos Alecio e Realdo Savaris, os quais tinham a loja Confecções Savaris.

Com muita coragem, mas pouco dinheiro começou a construir a atual loja. Conta: "Para ter ideia eu tinha $ 6000 para construir e para o pedreiro precisava de $ 9000, mas meti a cara. Consegui um pequeno empréstimo com o Banco Sicredi e com ajuda da minha sogra, que me emprestou um pouco de dinheiro, construí". Quando conseguiu pagar todas as contas concluiu o segundo piso para ali fixar sua residência.

Figura 60: Agropecuária Progresso (2019).
Fonte: Valdecir Giotti.

Hoje com muito orgulho diz que "nada se consegue sem esforço e com minha família podemos dizer: estamos vencendo os obstáculos da vida bem sucedidos."

Agropecuária Denardi

Agropecuária Denardi, de Amauri Denardi e filhos. Instalou-se no município de Vila Lângaro no ano de 2005 atendendo a população com diversos serviços: inseminação para bovinos e suínos, instalações elétrica e hidráulica, ferragens, rações para gado leiteiro, dentre outros produtos.

No ano de 2020 ocorreu a mudança de local do estabelecimento que passou a se chamar Deagro, ampliando ainda mais a sua linha de produtos agropecuários e ferragens.

Figura 61: Deagro (2020).
Fonte: Alexandre Denardi

6.9. Farmácias

A Farmácia Langaro, único estabelecimento desse segmento no município iniciou suas atividades no ano de 2011. Dionata Lângaro se formou em Farmácia pela Universidade de Passo Fundo - UPF – passando a ser o responsável técnico de sua própria farmácia. Desde então ele e sua esposa administram seu comércio e estão sempre prontos a atender a população da região.

Figura 62: Farmácia Lângaro (2020).
Fonte: Dionata Lângaro.

6.10. Padarias

Claudemir Seidler foi o primeiro padeiro de Vila Lângaro. Ele alugou uma sala comercial do senhor João Costella, onde atualmente se localiza o Supermercado Costella e montou uma padaria com fruteira em anexo, lá pelos anos de 1994 /1995. Permaneceu neste local por oito meses e mudou-se para um novo endereço, agora de sua propriedade na Rua 22 de Outubro onde atualmente se localiza o Bar e Lancheria Novais. Tempos depois Claudemir sua padaria para a família Cambrus.

Atualmente a cidade de Vila Lângaro conta com a Padaria e Confeitaria ki-Pão, de propriedade do senhor Aldir A. Denardi e família, e a Padaria de Valcir Novais (Tile), ambas localizadas na Rua 22 de outubro.

6.11. Salões de beleza

Maria Célia Costella foi à primeira cabeleireira a instalar um salão de beleze em Colônia Lângaro.

Em sua casa, possuía uma ala reservada para essa atividade. Tudo era muito simples, sem a tecnologia de hoje, porém o trabalho era feito com muito carinho e dedicação. Maria Célia cortava, escovava, pintava e ondulava os cabelos de suas clientes.

Quando alguma moça ia casar e contratava seus serviços, ela ia a pé até a casa da noiva para arrumá-la. Conta que em suas lembranças ficou o fato de certa vez, precisar ir de botas de borracha até a casa de uma noiva para fazer a maquiagem dela seu casamento, pois chovia muito e sua família não possuía carro para levar ela à casa da noiva.

Atualmente existem os seguintes salões de beleza na cidade de Vila Lângaro:

- Salão de Beleza de Marlene Tognon está atuando ha 31 anos e situa-se na Rua 22 de Outubro, s/n, em frente a praça João Paulo II. Desde jovem Marlene cortava cabelos de amigos e vizinhos, então resolveu montar seu salão de beleza e assim realizando o sonho de se tornar uma profissional reconhecida pelo esforço e dedicação aos seus clientes.
- Salão de Beleza de Tania Langaro, há 21 anos nesta cidade. Tania desde jovem dedicava-se a arrumar os cabelos das pessoas. O tempo foi passando e mais pessoas procuravam para que a mesma fizesse penteados, cortes e maquiagem. Surge aí a necessidade de aprimoramento. Realizou formações e construiu seu salão que hoje está situado na Rua 22 de Outubro, sem número, no Centro de Vila Lângaro.
- Salão de Beleza da Selma Costella, sendo a mesma a proprietária. Iniciou suas atividades em 18 de julho de 2007, quando precisou encontrar um meio para custear suas despesas e como estava difícil encontrar trabalho, resolveu então investir nessa carreira. Dedicou-se em cursos, estudos e construiu seu salão que está hoje, situado na rua 22 de Outubro, número 4621, Centro da cidade de Vila Lângaro.
- Salão da Joelma onde a proprietária é Joelma Schimit Teixeira. Iniciou suas atividades no ano de 2010. Está situado na ruaAlfredo Bruno Seidler,número 394, Centro da nossa cidade,realizando assim o sonho de ser uma profissional na área da beleza e ao mesmo tempo acompanhar o crescimento de seus filhos.
- Belíssima Salão de Beleza e Estética, de LeniseLangaro iniciou suas atividades em 09 de dezembro do ano de 2017, na rua 22 de outubro, centro da cidade. Hoje está situada na Rua Assis Brasil número 46, Centro da cidade, porém já trabalhava em outra cidade antes de vir morar no atual endereço. A senhora Lenise optou em ser cabeleireira por apreciar essa profissão, a qual sempre foi um sonho, e hoje se concretiza em cada

cliente que sai sorrindo e satisfeito com seu trabalho.

- Barbearia Damiani, encontra-se localizada no centro de Vila Lângaro.

JDB-Contabilidade de Bastiani LTDA:

No ano em que completou 51 anos de atividades contébeis, a JDB contabilidade escolheu o município de Vila Lângaro pra inaugurar sua primeira filial. O evento ocorreu no dia 14 de junho de 2017e contou com a presença de autoridades, clientes, colaboradores, parceiros e amigos.

A empresa que começou em 26 de maio de 1966 com o Sr. Julio De Bastiani, encontrou essa alternativa para estar cada vez mais próximo de seus clientes, priorizando pelo ótimo atendimento, profissionalismo e honestidade.

6.12. Transportes

Os meios de transporte sempre foram fundamentais para o desenvolvimento dos povoados mundo afora. Como nos primeiros anos de colonização do território de Colônia Lângaro só existiam carroças para transitar de um lugar para outro as estradas eram abertas com enxadas, picareta e foices.

Com o passar dos anos as estradas foram melhoradas a partir do momento que alguns tratores começaram a serem adquiridos pelos moradores e também ajudaram na conservação e abertura de novas estradas.

Na figura 63 vemos uma foto da abertura de uma estrada em Linha Salate pelos antigos moradores.

Figura 63: Foto da abertura de estrada por volta de 1935. Em pé da esquerda para a direita, Pelegrino Savaris, Veríssimo, Máximo Langaro, Luis Langaro, Antonio Savaris, Soldado Velho, Alexandre Langaro, Faustino Savaris, Antonio Langaro. Sentados, Alberto Rovani, Angelo Langaro, Pedro Savaris, Felice Milani, Angelo Milani e Adelino Milani.
Fonte: Olinto Langaro

Os primeiros meios de transportes motorizados chegaram relativamente tarde a Colônia Lângaro se comparado a povoados da região. O primeiro caminhão a circular pelo território da então Colônia Lângaro foi de Líbero Ughini na década de 1950.

Figura 64: Caminhão do Senhor Libero Ughini (1960)
Fonte: Arnaldo Langaro.

Um dos primeiros ônibus para transporte passageiros do município de propiedade de Juvino Lara. Ele fazia o transporte de Colônia Lângaro para Sede Teixeira e Passo Fundo.

Figura 65: ônibus de Juvino Lara esua esposa Elen Boeira (casal da direita) e amigos.
Fonte: Arnaldo Lângaro, Década de 60.

Figura 66: Ford Rural de Augusto Negri, década de 70, foi um dos primeiros adquiridos na região.
Fonte: Arnaldo Langaro.

A linha de ônibus ligando Vila Lângaro à Tapejara, por muitos anos, foi feita pelo senhor Pedro Costella. A viagem era feita diariamente de manhã e à tarde transportando passageiros e alunos do ensino médio. O mesmo começou em 1970 e permaneceu com a concessão da linha até 1994 quando vendeu para Jalcir Della Santa.

Figura 67: Ônibus de Pedro Costella (1980).
Fonte: Pedro Costella.

6.13. Estabelecimentos de Crédito

SICREDI

Com a mobilização de setores do Cooperativismo de Produção e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, nasceu em 1988 a Cooperativa de Crédito Rural de Tapejara (Creditap) e a Cooperativa de Crédito Rural de Sananduva (Credisana).

Após 10 anos essas cooperativas se uniram e juntas encontraram muitos motivos para crescer e prosperar, assim, na década de 90, nasceu a Sicredi Altos da Serra. A cooperativa foi crescendo, abrindo novas agências, buscando mais associados em todos os segmentos da sociedade e transformando a realidade das comunidades e regiões em que atuava.

Hoje a Sicredi Altos da Serra RS/SC, é formada por mais de 60 mil associados, atendendo em 28 agências, com presença em 24 municípios do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Em 25 de março de 1997 a Sicredi chega em Vila Lângaro. Naquele tempo muitas pessoas se deslocavam às cidades vizinhas para ter acesso a linhas de crédito e outros produtos de intermediação financeira. Como a Sicredi estava em pleno movimento de expansão e atenta a demanda da comunidade vila langarense, inaugurou uma agência no município, com objetivo de facilitar o acesso e contribuir com a melhoria da qualidade de vida dos associados e comunidade.

Hoje, após 22 anos, a Sicredi continua prezando pelo desenvolvimento de negócios sustentáveis, valorizando a participação das pessoas, ouvindo os associados em assembleia, promovendo cursos e capacitações, se inserindo em momentos importantes para o município e contribuindo com a vida dos associados, sejam do campo ou da cidade.

Para os próximos anos a Sicredi quer continuar fazendo diferença para a comunidade de Vila Lângaro, entregando uma nova agência, projetada para proporcionar uma experiência ainda mais colaborativa.

Figura 68: Inauguração da Agência Sicredi Vila Lângaro em 1997.
Fonte: Vanessa Soccol.

Figura 69: Projeto para futura Agência Sicredi Vila Lângaro.
Fonte: Vanessa Soccol.

6.14. Cooperativas

A organização dos grupos de cooperativas é uma prática iniciada no ano de em 1844 tornando-se uma importante forma de associação entre povos do mundo todo, visa interesses mútuos baseado em experiências do passado, buscando novas formas de trabalho associado.

Segundo Morato e Costa (2001, p. 63), Apud Amanda Cristina de Souza de

OLIVEIRA Liliam Aparecida Pereira da SILVA Ademir da SILVA:

> [...] a cooperativa é uma das formas avançadas de organização da sociedade civil, pois proporciona o desenvolvimento sócio-econômico aos seus integrantes e a comunidade e resgata a cidadania por meio da participação, do exercício da democracia, da liberdade e autonomia.

História da Cotapel

A Cooperativa Tapejara Ltda, localizada no norte do estado do Rio Grande do Sul, foi fundada em 23 de outubro de 1985. Nasceu das aspirações e ideais de 86 agricultores pertencentes ao município de Tapejara, que tinham por objetivo unir-se para promover a defesa e os interesses sociais dos mesmos.

No ano de 2001, pela necessidade de um posto de recebimento mais próximo dos agricultores de Vila Lângaro, e com a cedência de um terreno e serviços de terraplanagem por parte do município, iniciou-se a construção da unidade de Vila Lângaro, onde cada associado colaborou com dias de serviço na construção, inicialmente construiu- se uma balança, moegas e 2 silos. Com o passar do tempo foi investido em mais silos e armazém para venda de insumos.

No dia 01 de abril de 2002, a unidade recebeu a primeira carga de soja, mesmo com a unidade em obras. A solenidade de inauguração aconteceu no dia 17 de agosto de 2002. Desde 2002 a Cotapel, está próxima aos agricultores de Vila Lângaro, no recebimento de grãos e venda de insumos, prestando assistência técnica e gerando renda aos nossos associados e clientes.

Figura 70: Vista aérea Cotapel (2019)
Fonte: Cotapel Vila Lângaro.

COTRIJAL

Fundada em 14 de setembro de 1957 a Cotrijal Cooperativa Agropecuária e Industrial está localizada na Região Norte do Estado do Rio Grande do Sul em Não-Me-Toque.

A cooperativa expandiu no decorrer de sua história atuando, até o presente ano, em 32 municípios, fornecendo insumos para plantio, assistência técnica, recebendo, armazenando e comercializando a produção das principais culturas, como: soja, milho, trigo e cevada. Além disso, também atende seus cooperados no fomento da bacia leiteira proporcionando assistência técnica em veterinária com a venda de rações e concentrados.

Figura 71: Unidade da Cotrijal em Vila Lângaro (2020).
Fonte: Marcelo Biazutti.

6.15. Comércio e prestadores de serviços existentes em 2019, na área urbana do município de Vila Lângaro

- **Adriana Negri** – Bazar ME
- **Aldir A Denardi:** minimercado, padaria e restaurante, comércio de gás líquefeito de petróleo.
- **Auto Posto Kaninha LTDA:** comércio de combustíveis e serviço de posto em geral.
- **Bravo Const. Inc. Agropec. e Serv. LTDA:** construtora de edifícios, incorporação e empreendimentos imobiliários, obras de urbanização, pinturas em geral, comércio de materiais de construção.
- **Gasparin Comércio e Serviços Eireli – ME:** restaurantes e similares; fornecimento de alimentos preparados preponderantemente para empresas e para consumo domiciliar; serviços de alimentação.
- **Henrique Oliboni Costella – MEI:** serviços de manutenção e reparação elétrica de veículos automotores, comércio a varejo de peças e acessórios novos e usados para veículos.
- **Ivanildo Tognon:** manutenção e reparação de máquinas e tratores, produção de forjados de metais, comércio varejista de outros produtos.
- **Loreni R. de Oliveira:** fabricação de massas alimentícias, padaria e confeitaria com predominância de revenda, minimercado e armazém.

- **Marinês Morello Costella MEI:** comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios, cama, mesa e banho, confecção de peças de vestuário.
- **Rafaela Biasotto- MEI:** comércio varejista de gás liquefeito de petróleo.
- **Rosbach de Oliveira & CIA LTDA:** comercio e varejo de peças e acessórios novos para veículos automotores manutenção e reparação de máquinas e equipamentos para agricultura e pecuária.
- **Rubia Luciana Arcari – MEI:** atividades de estética e outros serviços de cuidados com a beleza.
- **Stefini & Bedendo LTDA – MEI:** representação comercial e agentes do comércio de mercadorias em geral, atividades de consultoria em gestão empresarial, exceto consultoria.
- **Valcir dos Santos B. de Novaes:** bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, fabricação de produtos de padaria e confeitaria.

6.16. Agricultura e pecuária do município de Vila Lângaro

A agricultura sempre foi uma das principais atividades econômicas da humanidade. É através dela que os seres humanos cultivam seus alimentos e vem aperfeiçoando novas técnicas de cultivo que a cada ano permitem um aumento significativamente na produtividade.

No Brasil a agricultura se desenvolveu muito antes da chegaga dos portugueses. Diversas tribos indígenas praticavam a agricultura como forma de prover os alimentos necessários para a alimentação dos membros de suas tribos.

Com a chegada dos europeus a agricultura brasileira passou por diversos ciclos e transformações, indo desde a economia canavieira, pautada principalmente na produção de cana-de-açúcar durante o período colonial, até as recentes transformações e expansão do café e da soja. Atualmente, essas transformações ainda ocorrem, sobretudo garantindo um ritmo de sequência às transformações técnicas ocorridas a partir do século XX, como a mecanização da produção e a modernização das atividades

No Rio Grande do Sul a agricultura se desenvolveu principalmente com a chegada dos imigrantes italianos e alemães, tendo em vista que o solo e o clima do estado eram favoráveis ao cultivo de diversos tipos de produtos e os imigrantes dominavam muitas técnicas para o cultivo de alimentos.

Em Vila Lângaro a agricultura sempre foi a principal atividade econômica desenvolvida pelo seu povo onde as principais culturas são: soja, milho, trigo feijão, mandioca e um grande variedade de árvores frutíferas.

As pastagens também ocupam boa parte do solo cultivável do município

pois das mesmas produ-se o alimento tão necessário para alimentar o rebanho bovino do município.

Por volta de 1910 quando as famílias colonizadoras começaram desbravar as matas e a desenvolver a agricultura seuprincipal objetivo era o plantio de subsistência, ou seja, para alimentar a família. Todos se ajudavam no cultivo e colheita dos produtos que era feito em forma de puxirões, com tecnologias simples, de baixo custo, manualmente.

Figura 72: Domingo Antônio Costella com 90 anos, um dos agricultores mais idosos do município.
Fonte: Adelar Costella

As técnicas agrícolas utilizadas nas décadas de 1910 a 1950 eram os usos do xaxo, da enxada, do picão, foices, queimada e o do arado de tração animal. Tudo era manual, e se contava com a ajuda de juntas de bois, de cavalos e mulas.

Figura 73: Puxirão para colher o trigo.
Fonte: Severino Langaro.

Em meados da década de 1950, os principais produtores da época foram Vitor Rocha Schleder, que produzia trigo, milho e feijão em 160 ha e Guilherme Langaro, que produzia trigo em 70 ha.

Figura 74: Colhendo e trilhando trigo na década de 70.
Fonte: Enedina Nunes.

Desde 1950 os incentivos financeiros e a orientação das políticas agrícolas oficiais à produção do trigo nacional foram grandes. Estes incentivos, que se caracterizavam pelo crédito aos produtores e a política de preços estáveis ao trigo, tiveram papel importante na manutenção do ritmo inicial de expansão da cultura no país, principalmente no Rio Grande do Sul e no Planalto Rio Grandense, transformando, assim, as antigas regiões agrícolas do sul brasileiro em áreas de grande plantio.

Com a mecanização agrícola pelo Brasil nos anos de 1970, a região começou a fazer parte da era da modernidade. A lavoura da soja transformou-se no principal agente dessa modernização. Os altos preços alcançados pelo produto no mercado internacional propiciaram grande expansão da sojicultura a partir dos anos 1970.

Nessa década a soja passou a ocupar as terras até então cultivadas com outros grãos, entre os quais trigo, milho, arroz, feijão, plantas frutíferas, erva-mate, chegando até em algumas áreas a ocorrer à monocultura.

Atualmente segundo a Emater de Vila Lângaro, a grande maioria das lavouras de soja e milho usa o sistema de plantio direto com um bom nível tecnológico e altas produtividades. Os produtores utilizam o milho para alimentação animal dos suínos e bovinos de leite, bem como para a rotação de cultura da

soja no verão.

As culturas de feijão, arroz, batata inglesa, batata doce, abóbora, moranga, amendoim, pipoca é principalmente para a subsistência somente o excedente para comercialização.

A fruticultura está em início de expansão com pomares de pêssego, figo, caqui e kiwi. A tecnologia aplicada vem se aperfeiçoando cada vez mais devido aos treinamentos e capacitações fornecidas aos fruticultores do município destacando o tratamento de inverno, podas e controle da mosca das frutas.

Levantamento Sistemático da Produção Agrícola de Vila Lângaro em 1996

Produto Agrícola	Área / Ha	Rendimento médio Kg/Ha
Amendoim	03	1.000
Batata inglesa	10	9.000
Cebola	5	8.000
Fumo	12	2.000
Milho	2.700	3.900
Soja	7.000	2.100
Mandioca	40	20.000
Cana-de-açúcar	15	50.000
Uva	22	8. 000
Laranja	6	6.000

Fonte: Emater 1996

Levantamento Sistemático da Produção Agrícola de Vila Lângaro em 2019

Produto Agrícola	Área / Ha	Rendimento médio Kg/Ha
Amendoim	03	1.667
Aveia	825	2.400
Batata doce	02	2.000
Cevada	800	1.920
Cebola	02	2.000

Produto Agrícola	Área / Ha	Rendimento médio Kg/Ha
Feijão	05	1.200
Mandioca	04	20.000
Melancia	02	20.000
Milho	3.750	8.400
Soja	8.750	3.900
Tomate	02	20.000
Trigo	300	2.700

Fonte: Emater 2017.

Pecuária

Os primeiros animais criados pelos primeiros moradores foram bovinos, suínos e equinos. A maioria eram criados solto no campo e sem uso de tecnologia como o plantio de pastagens, uso de rações e vacinas. Os animais eram criados para fornecer a carne para a subsistência das famílias, para arar a terra para e como meio de transporte.

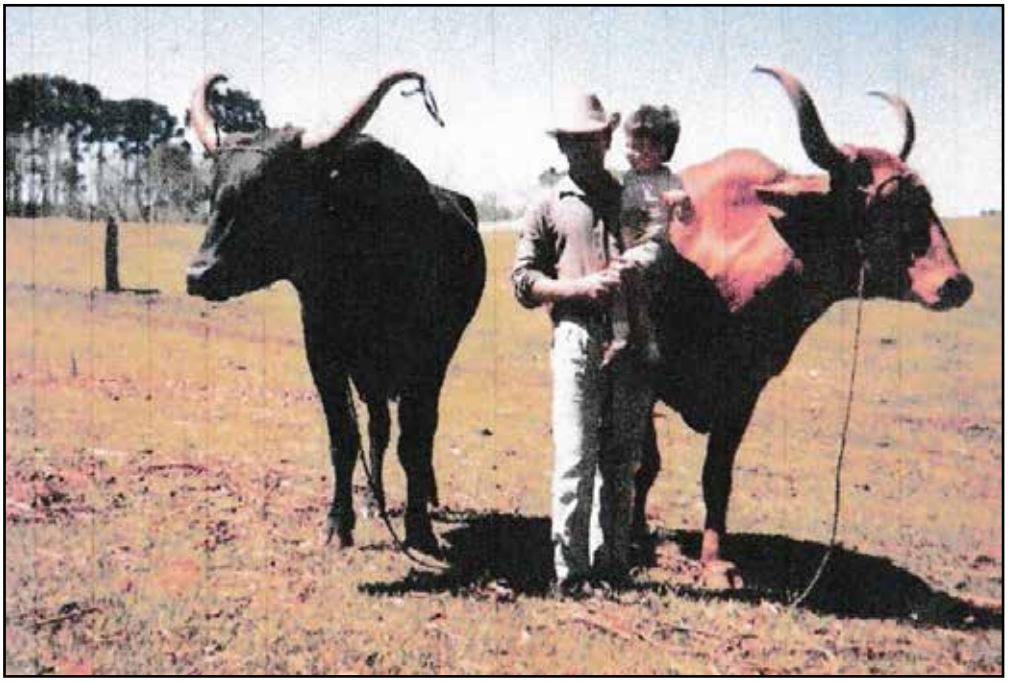


Figura 75: Alécio Arcari e seu filho com uma junta de bois usada no trabalho da roça- 1978.
Fonte: Família Arcari.

A pecuária do município de Vila Lângaro tem se destacado pelo aumento no número de aviários que estão sendo instalados, para a produção de ovos para incubação e para produção a de frangos de corte.

Com relação à bovinocultura de leite que, no passado, era considerado uma atividade com pouca importância econômica, dentro das propriedades rurais, cresceu graças ao surgimento de indústrias regionais, plantio direto, aproveitamento das passagens, silagens como aveia, azevém, centeio e o crescimento da cultura do milho forrageiro e ração, tornou-se uma atividade econômica em destaque no setor agropecuário.

Outras formas modernas de criação de gado leiteiro e para o corte, são as modernas instalações para os rebanhos que estão sendo contruidas recentemente no município. Tem propriedades que já contam com tecnologia de ponta na bacia leiteira com o uso de coleiras Cowmed nos animais. Essas coleiras enviam informações sobre os mesmos, direto para o aplicativo, instalado no celular do produtor.

Figura 76: Propriedade de Nédio Genario em Linha Schleder (2019)
Fonte: Nédio Genario.

A suinocultura, na sua grande maioria, está no processo de integração com criação em alto nível tecnológico, com qualificadas normas de manejo obtendo uma alta produtividade. O município tem se destacado na criação de porcos light (baixo teor de gordura na carne), aumentando a renda das famílias do interior do município.

Figura 77: Criação de suínos de Leonel Denardi- Linha Costella
Fonte: Arquivo pessoal Família Denardi - 2019.

Em pequena escala há apicultores que produzem o mel para o sustento próprio e em pequena escala para o comércio.

Nos dias atuais, muitos trabalhadores rurais estão investindo na produção artesanal de gêneros alimentícios. A procura desses produtos está despertando o interesse de muitas famílias em reviver o passado, trabalhando com a família, fazendo aquilo que aprenderam com seus pais e gerando renda para suas famílias.

7

HISTÓRICOS DAS COMUNIDADES DE VILA LÂNGARO

Desde o início da humanidade as pessoas viveram em suas famílias em clãs, tribos, grupos, ligados a interesses, organização social e política, valores em comum, sentimento comunitário, partilham dos mesmos eventos, tradições e costumes. Segundo estudos uma comunidade pode estar ligada a parentesco, a vizinhança e a laços de amizade. As pessoas convivem entre si, partilhando ou não deste ou daquele interesse, mas vivenciando as condições básicas de uma vida em comum.

7.1 Comunidade Nossa Senhora do Rosário, Cidade de Vila Lângaro

Figura 78: Vista da Igreja da Comunidade Nossa Senhora do Rosário Vila Lângaro.
Fonte: Marcelo Biazutti.

Quando os irmãos Langaro vieram para o território do atual município de

Vila Lângaro, trouxeram da Itália seu enorme espírito religioso e a devoção a Nossa Senhora. Na bagagem continha uma pintura do quadro de Nossa Senhora da Pompéia. Ao chegarem, não havia Igreja, então aos domingos reuniam-se na casa de Frederico Langaro para fazerem suas orações e rezarem o santo terço, diante da imagem.

Figura 79: "Virgem do Rosário, sois Rosa Mimosa. Entre as outras flores, sois a mais formosa..."
Fonte: http://paroquiasantaefigenia-op.blogspot.com/2011/10/virgem-do-rosario-sois-rosa-mimosa.html.

Por volta de 1910, várias famílias estavam residindo onde hoje é o centro do município e resolveram construir a primeira igrejinha em terreno doado pelo senhor Geraldo Langaro, onde anos depois aconteceu o primeiro casamento de Florindo Langaro e da Anna Maria Conte.

Em 1913 os irmãos Langaro, mandaram fazer o sino e gravar nele o nome "Colônia Lângaro". O mesmo veio da Itália, foi abençoado e batizado com o nome de Maria Valentina, em homenagem ao Padre Valentin. Na hora da benção, o Padre o benzeu com poder, na intenção de afugentar os temporais. Ainda hoje acreditasse que quando as nuvens estão se formando para uma tempestade é só bater o sino que, como por encanto, seu som afugenta a mesma. Sempre há pessoas, moradores no centro da cidade, dispostos a fazer este ato.

Encontramos registros oficiais nos livros tombo da Igreja, na Paróquia Nossa Senhora Imaculada Conceição de Passo Fundo, do ano de 1917, onde, foi averiguada a seguinte nota: "Aos vinte e sete dias do mês de março de 1917,

foi passada a provisão da missa e atos paroquiais nas seguintes capelas: Bom Jesus de Carazinho, Santo Antônio de Marau, Divino Espírito Santo de Entrada, São Paulo de Campina, Nossa Senhora da Conceição de Campo do Meio, Nossa Senhora da Pompéia de Colônia dos Langaros e Sagrado Coração de Jesus de Saldanha Marinho.

A partir do ano de 1927, foi necessária a construção de uma capela maior para acomodar a população que crescia, sendo concluída e inaugurada 1929. Nesta ocasião, vieram as imagens dos santos que as pessoas tinham em casa e, juntamente com a imagem da padroeira, foram solenemente bentas, no dia 24 de março de 1929. Em 1939, D. Antônio Reis, bispo de Santa Maria, em visita a Capela, faz a confirmação do Crisma à quatrocentas pessoas.

Em pesquisas a livros tombo na Paróquia Nossa Senhora da Saúde, descobrimos que no ano de 1940, esta comunidade tinha um grupo de Teatro – Os Moços de Colônia Langaro – que se chamava grupo "São Luiz". No mesmo ano de 1940, foram realizadas as Missões na comunidade Nossa Senhora da Pompéia de Colônia Langaro. Padres vindos de Alfredo Chaves foram os responsáveis pel realização das mesmeas. Um deles se chamava Bernardino de Vilas Boas e o outro nos arquivos da igreja tem somente o registro de seu nome Domingos, que pregaram as missões de 3 a 10 de novembro.

Figura 80: Frei Bernardino Vilas Boas, responsável pelas Missões, em procissão com a turma da 1ª Euraristia em 1940.
Fonte: Arquivos Igreja da comunidade Nossa Senhora do Rosário.

Outro acontecimento importante ocorrido no dia 7 de setembro de 1945, é a realização de uma missa em Ação de Graças pelo retorno de um Expedicionário do exército brasileiro, o senhor Santo Langaro que residia em Colônia Lângaro e havia embarcado com as tropas brasileiras para libbertar a Itália das mãos dos nazistas na 2ª Guerra Mundial.

A comunidade continuava a crescer, necessitando da construção de uma nova igreja. Para arrecadar fundos, no ano de 1953, foi lançada uma campanha intitulada “Engorda do Porco” que consistia em cada família doar o valor de um porco gordo para a construção de uma nova Igreja.

No dia 15 de agosto de 1955, foi feito o lançamento da Pedra Fundamental da nova Igreja.

Figura 81: Inauguração da pedra fundamental da atual Igreja (1955), em frente ao barracão do salão da antiga capela. Na foto membros da comunidade e o farmacêutico José, à esquerda de sua esposa.
Fonte: Arquivos da Comunidade Nossa Senhora do Rosário.

Figura 82: Primeira Eucaristua no ano de 1957 em frente a Igreja de madeira. Ao centro padre Carino Corso. Na época os catequistas eram Antonio Domingos Costella e Lurdes Langaro Fortunato.
Fonte: Arquivos Igreja da comunidade Nossa Senhora do Rosário.

Figura 83: 1ª Eucaristia na Igreja Da Comunidade Nossa Senhora do Rosário 1958. Catequistas Vilma Mascarello e Lurdes Langaro Fortunato.
Fonte: Arquivos Igreja da comunidade Nossa Senhora do Rosário.

A construção da igreja imitava o modelo da Igreja de Santa Terezinha de Passo Fundo com algumas modificações e ficou pronta no ano de 1964. No ano de 1971, foi construído um novo salão na comunidade, substituindo o pavilhão que havia no local, onde se realizavam as festas e na parte superior funcionava o colégio.

Neste mesmo ano, foi elaborado e aprovado os Estatutos da "Sociedade Cultural e Educacional Nossa Senhora do Rosário de Vila Langaro", sendo pároco o padre Guerino Parizotto e foram cento e quarenta e quatro os sócios fundadores que assinaram a Ata de aprovação dos Estatutos.

Quando havia festas na comunidade, alguns homens eram escalados para carnear o gado, salgar a carne, colocar no espeto para no outro dia assar. Esse trabalho era feito no subsolo do salão comunitário.

Figura 84: Esquerda para direita: Alcides Benetti, Norberto Osvald, Ildo Tognon, Orozimbo Parizotto, Olinto Tognon.
Fonte: Alcides Benetti

O atual salão foi construído em 1983, bem amplo, com quadra de esportes, vestiários banheiros. Esse salão passou por várias ampliações nos anos subsequentes: banheiros churrasqueira, arquibancadas, câmara de resfriamento e em 2019 mais uma ampliação com banheiros novos, palco para apresentações com renovação da fachada.

Os sócios da Capela Nossa Senhora do Rosário são muito prestativos. A diretoria da capela é eleita anualmente pelos sócios, que são responsáveis por organizar três festas por ano e um jantar dançante. Além disso, o salão comunitário serve de espaço para casamentos, aniversários e velórios.

Figura 85: Atual salão comunitário de Vila Lângaro.
Fonte: Marcelo Biazutti

Muitas pessoas de Vila Lângaro seguiram uma vida religiosa. Da família Costella 4 homens se tornarm Freis: Frei Edmundo Costella, Frei Raimundo Costella (in memorian), Frei Paulino Costella e Frei Daniel Costella e 5 mulheres se tornaram Irmãs: Irmã Tereza Costella (in memorin), Irmã Rosa Costella, Irmã Luiza Costella, Irmã Gema Costella, e Irmã Ivete Costella .

Figura 86: da esqueda para direita; Frei Daniel Costella, Frei Paulino Costella, Frei Raimundo Costella, Frei Edmundo Costella, Irma Gema Costella, Irma Luiza Costella, Irma Rosa Costella e Irma Tereza Costella.
Fonte: Eloir Costella

Outras famílias também foram agraciadas com a formação de Padres e Freiras que são eles: Irmã Maria Isabel Fortunato, Irmã Terezinha Benetti, Frei Ari Tognon (in memórian), Irmã Neli Bordignon (reside na Itália), Padre Rudimar Mascarello (in memórian), Padre Eberson Fontana.

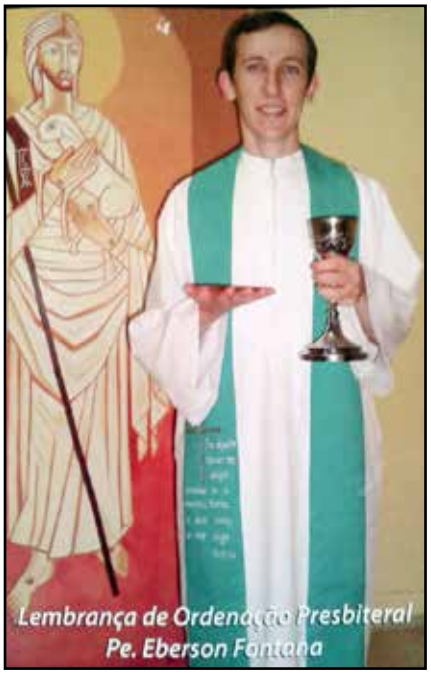


Figura 87: Padre Eberson Fontana.
Fonte: Arquivo Família Fontana

Figura 88: Padre Rudimar Mascarello.
Fonte: Arquivo Claudimar Mascarello

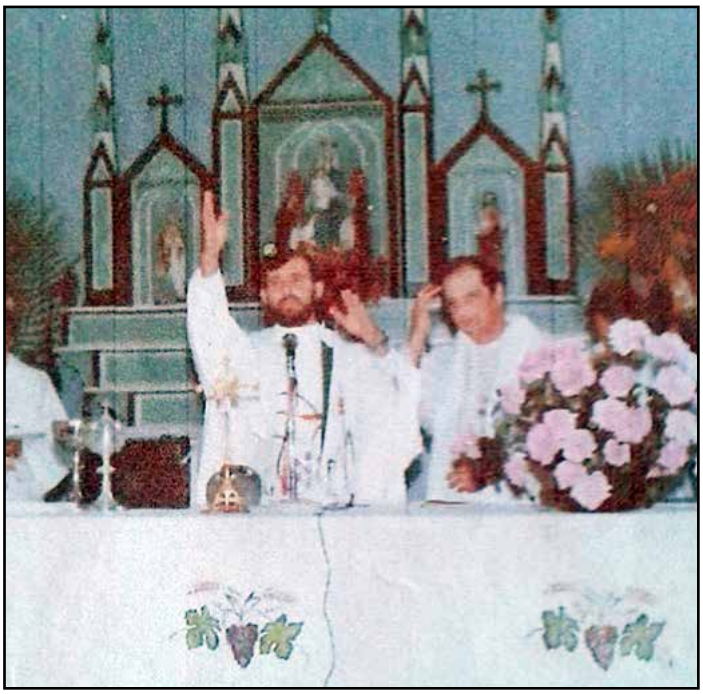


Figura 89: Frei Ari Tognon.
Fonte: Família Tognon.

Ordem Franciscana Secular

A Ordem Franciscana no ano de 1221, em Assis (Itália), funda uma Ordem especificamente para seculares – leigos. Na época foi chamada de Ordem Terceira de São Francisco, que hoje é conhecida oficialmente como Ordem Franciscana Secular (OFS).

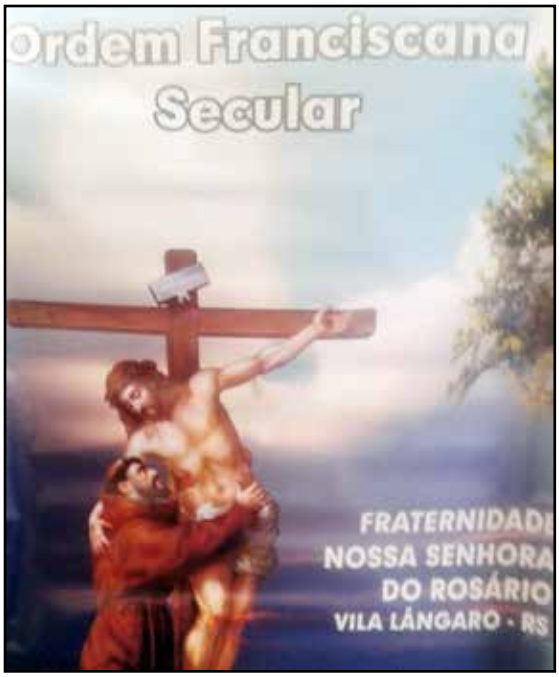


Figura: 90. Folder da Ordem Franciscana Secular.

No município de Vila Lângaro, a Ordem Terceira está presente desde 1959, quando através dos seminaristas Domingos Antônio Costella e Mário Langaro, após terem a formação Profissão Franciscana, assumem o compromisso e fundam a Fraternidade Franciscana em Colônia Lângaro no dia 15 de dezembro de 1959.

O Frei Levino de Paraí, juntamente com os seminaristas iniciam a preparação do grupo de pessoas que ingressarão na Ordem franciscana, na capela Nossa Senhora do Rosário de Colônia Lângaro, pertencente a paróquia de Tapejara e a Diocese de Passo Fundo.

Figura 91: Fundação da Ordem franciscana em Colônia Langaro (1959).
Fonte: Arquivos Igreja Nossa Senhora Rosário.

Atualmente trinta pessoas fazem parte da Ordem Franciscana Secular no município de Vila Lângaro. Os mesmos se reúnem mensalmente para rezar, fazer formação sobre os capítulos da bíblia e as regras da Ordem Franciscana. Celebram em 4 de outubro no dia de São Francisco de Assis, com um almoço de confraternização.

Os membros da Ordem Franciscana de Vila Lângaro participam de encontros regionais dos franciscanos. Além disso, todos os anos são feitas visitas a dois asilos de Passo Fundo, para entregar alimentos e produtos arrecadados em campanhas feitas no município, vivenciando assim um dos objetivos da Ordem Franciscana que é a solidariedade ao próximo.

Para avivar o compromisso franciscano, o Conselho Nacional da Ordem Franciscana Secular está fazendo uma peregrinação em todas as fraternidades do Brasil, com uma pequena relíquia de São Francisco, vindo diretamente de Assis. Nos dias 24 e 25 de fevereiro de 2020 a estátua estará na igreja de Nossa Senhora do Rosário na sede do município de Vila Lângaro continuando a peregrinação até 2021 quando, então, será celebrado o Jubileu de 800 anos do início da Ordem Franciscana Secular.

7.2. Comunidade de Linha Salete

Esta comunidade teve início a partir de 1915, quando aqui fixou residência a família de Verginio Lângaro. Este local era parte de Colônia Lângaro e na época pertencia ao município de Passo Fundo.

Em seguida vieram as famílias de Luiz Lângaro Primo, Felice Milani, Andrea Rovani, Jacó Savaris, Angelo Bordignon, Santo e Guilherme Guidini e Francisco Denardi das localidades de Caxias do Sul e Alfredo Chaves, sendo todas as famílias de origem italiana.

Figura 92: Luiz Langaro e sua esposa Matilde.
Fonte: Arquivo da comunidade Linha Salete.

As dificuldades pelas quais passaram essas famílias foram muitas. Embora houvesse certa área coberta com o capoeirão, sinal que alguém já havia explorado a terra anteriormente, grande parte das terras era coberta por mato fechado, com muitos pinheiros, motivo que fez surgir, anos mais tarde, a grande serraria dos irmãos Guidini.

Quando alguém necessitava de atendimento médico, era necessário ir até Passo Fundo, cerca de 40 km de distância. Como bons católicos participavam das orações e da santa missa na capela de Colônia Lângaro que ficava a 5 km.

Apesar da distância, era grande a participação, inclusive de toda a família.

Foi no ano de 1937, quando voltavam da oração dominical que Dorvalino Milani, Luiz Rovani e demais companheiros, pensaram na possibilidade de formar uma comunidade que tornasse mais próximo o local para se encontrarem, a fim de realizarem suas orações.

A ideia se propagou, fizeram várias reuniões, e o senhor Luiz Rovani expôs o seu desejo de que a nova comunidade tivesse como padroeira Nossa Senhora da Salete e, que inclusive doaria a imagem da santa. A proposta foi aceita e tendo em vista que Nossa Senhora da Salete apareceu numa montanha, escolheram um local no alto e que fosse centralizado para os moradores da época.

O local escolhido foi na propriedade de Luiz Langaro Primo, que doou o terreno. Apesar das dificuldades da época, as famílias tiveram muita boa vontade e todos contribuíram com árvores, mão-de-obra e dinheiro. Começaram do nada para construir o que seria de todos. Sendo assim, as famílias iniciaram a construção da capela que media 18m x 12m, construída com fortes estruturas e toda forrada, tendo como carpinteiro o senhor José Luzza da comunidade de Santa Rita.

A madeira foi toda serrada gratuitamente na serraria de Guilherme e Santo Guidini situada a 3 km do local. Assim que foi concluída a construção da capela, foi contratado um pintor alemão, de Passo Fundo, que além da pintura a óleo fez um belo trabalho de decoração.

Figura 93: Construção da primeira igreja da comunidade de Linha Salete em 1940.
Fonte: Arquivo Comunidade de Linha Salete.

No livro Tombo nº 01 de Sede Teixeira, hoje Paróquia Nossa Senhora da Saúde de Tapejara, encontramos o seguinte relato: "vinte de abril de mil novecentos e quarenta - Sábado - Festa na Capela Nossa Senhora da Salete. No dia seguinte, vinte e um de abril, rezo duas missas. Antes da segunda, faço a benção solene da capela, conforme ritual. Fiz 122 comunhões, legitimei um matrimônio.

A nova capela é muito bonita, toda pintada a óleo. Tem-se gasto até esta data $18.200, denota-se o grande esforço e boa vontade dos 16 (dezesseis) sócios que doaram a construção da capela a Nossa Senhora da Salete.

Um louvor todo especial aos denotados fabriqueiros: Luiz Lângaro Primo, Guilherme Guidini e demais companheiros de trabalho." (Registros feitos pelo Pe. Paulo Chiaramonte.)

A primeira festa da padroeira foi aos dias 18 e 19 de setembro de 1940, com a participação de um coral para cantar a missa na língua italiana. Após a missa, houve uma bela procissão, onde as jovens vestidas de noiva carregavam a imagem de Nossa Senhora da Salete.

A fundação da comunidade ocorreu no dia dez de novembro de mil novecentos e quarenta. A partir da primeira festa da padroeira, as orações passaram a ser realizadas todos os domingos, sob a responsabilidade de André Rovani que também era catequista, juntamente com a Ermínia Milani.

Os mais idosos lembram com carinho uma devoção a Nossa Senhora chamada: EL FIORETO DI MAIO. Todas as noites do mês de maio, às famílias inteiras se reuniam na capela e, com muito entusiasmo, cantavam e rezavam a Nossa Senhora, acompanhando um livro de mesmo nome que continha as orações específicas. Outro fato marcante era a passagem da capelinha, onde os vizinhos se reuniam uma noite, em cada casa para rezar, cantar e conversar chegando a reunir até 70 pessoas numa casa.

Enquanto a capela era construída, no ano de 1938, fez-se outra construção, que servia como escola durante a semana. Durante o dia estudavam as crianças da comunidade e a noite, estudavam os adultos. Aos domingos esta construção era utilizada como uma simples copa, onde as pessoas da comunidade se reuniam para o lazer. Mais tarde, para abrigar os peregrinos em dias de festas, foi construído um modesto barracão.

Em 1958, foi construído um pequeno prédio de dois pisos. A parte inferior iria servir de copa e a parte superior iria ser destinada para a realização das reuniões, palestras e bailes.

Em 1974 foi construído um salão de alvenaria que media 16m x 24m. Quando concluído, antes mesmo de ser inaugurado, foi destruído por um forte vendaval que atingiu a região no dia 29/09/1975. A comunidade ficou muito abalada, pois de tudo aquilo que havia sobrado, pouco seria reaproveitado. Foi necessário a intervenção do pároco com seu incentivo, ajudando a comunidade e também o auxílio das outras capelas, a ajuda de empresas do comércio e de

voluntários e com a solidariedade de todos o novo salão foi reerguido e inaugurado em maio de 1976.

As primeiras missões na comunidade aconteceram em 1964, pregadas pelo frei franciscano Tomé Miquelim, nos dias 31 de março a 5 de abril.

Novas missões aconteceram em 1970, pelos padres palotinos de Santa Maria. Em 1982, de 6 a 11 de novembro, outras missões aconteceram. Foram pregadas pelo frei Eusidio Deon. Os jovens começaram a se organizar em 1973 e o grupo, criado em 1975, estava ligado a Associação dos Jovens Rurais de Tapejara (AJRT). Sempre houve um bom número de associados e no ano de 1983 atingiu 87 sócios.

Foram realizados dois congressos de jovens na comunidade. O 4º congresso contou com a participação de 400 jovens e foi um congresso regional, o maior já realizado pela AJRT, e também o 19° Congresso de Jovens foi realizado na comunidade.

Embora ainda muito bela em sua parte interna, a primeira capela já não oferecia boas condições e espaço físico para acolher os fiéis, principalmente nos dias de chuva. Desta forma, a igreja de madeira foi substituída por uma capela de alvenaria.

A comunidade colaborou com o trabalho e doações. A nova capela foi inaugurada no dia 6 de dezembro de 1981.

Figura 94: Capela Nossa Senhora da Salete, Linha Salete (2020).
Fonte: Vagner Biazus.

Foi introduzido o Santíssimo no dia 22 de dezembro de 1983, numa missa celebrada pelos padres Valter Baggio, Hilario Canal e Itamar Spanhol, no tríduo em preparação para o Natal. Foi à primeira comunidade da paróquia a receber o Santíssimo.

7.3. Comunidade de Linha Costella

Figura 95: Capela Nossa Senhora de Fátima, Linha Costella (2020).
Fonte: Milena Denardi.

Muitas famílias provenientes das comunidades de Vila Lângaro e Linha Salete e que residuam em Linha Costella, sentiram a necessidade de construir uma escola no povoado, já que havia 23 crianças com idade escolar na localidade.

Então construíram uma escola que, também, servia para as famílias realizar as orações aos domingos pela manhã. Por um longo período, este foi o local onde eram realizadas as celebrações e missas celebradas pelos padres capuchinhos, quando estes visitavam suas famílias que moravam na região. Estes padres eram filhos de David Costella.

No ano de 1992, em grupos de famílias, surgiu a ideia de se formar uma comunidade, poi estavam distante das comunidades de origem. Foi apresentada a ideia ao pároco da época, Padre Valter Baggio, que este deu todo o seu apoio.

No dia 17 de fevereiro de 1993, foi celebrada uma missa presidida pelo padre Valter Baggio e logo após a celebração foi apresentada a ideia de se formar uma comunidade no local. Todos aprovaram a ideia e neste dia foi criada a comunidade de Linha Costella. Foi escolhida como padroeira da comunidade Nossa Senhora de Fátima, pois há muito tempo ali havia uma pequena imagem da Santa.

Mais tarde foi construído no local um pavilhão, com recursos de doações de entidades e famílias da comunidade. Neste pavilhão eram realizados jogos para

o entretenimento da comunidade e encontros. Para arrecadar fundos para o desenvolvimento da comunidade, eram comercializados alimentos doados pelas famílias. Também, na época, era cultivada uma pequena roça comunitária doada por um membro da comunidade.

No dia 20 de setembro de 1994, foi realizada a primeira festa na comunidade que contou com a presença do bispo Dom Urbano José Allgayer, fato este, que serviu de estímulo para a comunidade que sempre foi fiel à oração, reunindo-se todos os domingos no prédio da escola, pois ainda não havia sido construída a capela.

Na data de 23 de setembro de 1997, a comunidade foi agraciada com a Eucaristia permanente.

Com o crescimento da comunidade, as famílias se organizaram e houve um processo muito bonito de entreajuda entre elas, novas instalações foram construídas, através de doações, promoções e uma boa administração.

Hoje a comunidade possui um salão comunitário amplo com quadra de esportes, churrasqueiras, cancha de bochas, cozinha, picador, banheiros, atendendo as normas exigidas pelos órgãos competentes.

Com a construção das novas instalações foi necessário a demolição da escola, sendo construída no lugar da antiga escola, a atual capela, onde hoje são realizados os momentos de oração e celebradas as missas mensais pelos padres da paróquia Nossa Senhora da Saúde de Tapejara.

Todos os anos por ocasião da semana do município, realiza-se na comunidade o festival do leitão.

7.4 Comunidade do Campo Redondo

Campo Redondo, assim o Sr. Amantino da Silva Rocha o chamou quando aqui veio residir, lá pelos anos de 1918. É uma região de campo com muitos capões de mato com pinheiros, coxilhas ondulantes e toda cortada por arroios, além do rio do Peixe que corre pelo meio de grandes várzeas, o que torna a terra ótima para a criação de gado e plantações de arroz irrigado.

Os primeiros proprietários destas terras foram Amantino da Silva Rocha, natural de Chopinzinho no Paraná, Artur de Oliveira que veio de Coxilha e João da Silva Duro que se tornou genro do Amantino. Aqui vieram morar mais tarde, Dorival Teixeira, Florencio Bittencourt, Bernardino e José Gomes de Souza e Dorival Boeira. Estes se dedicavam a criação de gado e grandes lavouras de arroz irrigado.

Em 1924 Amantino da Silva Rocha estava para comemorar suas Bodas de Ouro matrimoniais, como não havia igreja perto para celebrar a missa, conversou com os vizinhos para ajudarem a construir a capela.

As famílias Gaspar, Xavier e Teixeira começaram a trabalhar na construção da igreja no terreno que foi doado pelo senhor Amantino da Sila Rocha. O padre que celebrou a missa das Bodas de Ouro veio da Matriz Conceição, de Passo Fundo. Daí em diante o atendimento foi dado pela mesma paróquia até 1927 quando a mesma passou a pertencer para a paróquia de Vila Teixeira (atual Tapejara).

A partir de 1943 a Igreja do Campo Redondo passou a pertencer a paróquia de Água Santa. As primeiras catequistas foram: Iolanda Teixeira, Ireni Gomes de Souza e Oraides Gomes de Souza.

Em meados de 1965 foi construída a atual capela de alvenaria. A Diretoria, que providenciou a construção, era formada pelos Srs. Bernardino Gomes de Souza, José Gomes de Souza e Dorival Teixeira.

Figura 96: Capela Nossa Senhora Aparecida do Campo Redondo e salão comunitário.
Fonte: Graciele dos Santos da Rocha.

Em 1969 foi construído um salão de madeira e, em 1981 o mesmo foi ampliado e feito a instalação da rede elétrica. Eram da diretoria, em 1969: João Dalmina, Antônio Brazaca e Inês Ribas. Em 1981: José Jandir Gomes de Souza, Hélio Dias Teixeira e Sadi Gehlen.

Em 1985 começou-se a pensar em salão novo, de alvenaria, com 18m de largura por 25m de comprimento. Foram tomadas as primeiras providências. Formavam a diretoria: José Jandir Gomes de Souza, Eri Dias Teixeira, Sadi Luis Strapasson e Irini Souza Silveira.

Em 1987 assumiram a diretoria: Arcedino Brum da Rocha, Isaias Gomes Silveira e Andressa Hauch. Em 1991/92, a diretoria liderada por Sadi Rosa de Souza conseguiu, com muito sacrifício e luta, acabar a construção do salão, que muito está servindo a comunidade.

7.5. Comunidade de Linha Schleder

A história nos conta que todas essas terras cobertas de matas com pinheiros e madeira de lei eram propriedade de Diogo Rocha e Anna Theodora Oliveira Rocha, carinhosamente conhecida como "Nhá Rica".

Era uma vasta região, pois ia de Linha Schleder, onde fazia divisa com Manoel Teixeira e no sentido Tapejara, até o Rio Carreteiro, passando por Colônia Nova, Santa Rita, São Caetano, chegando perto de Água Santa.

Em 11 de agosto de 1946, Ubaldina Rocha Schleder, conhecida como "Picucha", moradora desta localidade, hoje Linha Schleder, entraram junto ao Bispo da Diocese de Santa Maria, Dom Antônio Reis, com a petição de transformar um oratório construído por sua conta, em capela.

Em 10 de agosto de 1947, o bispo concedeu tal pedido. Está aí, portanto, oficializada a Comunidade Nossa Senhora Aparecida de Linha Schleder. Tornava-se, assim, realidade o sonho de Dona Ubaldina e do Sr. Antônio Garbis Schleder.

Figura 97: Capela Nossa Senhora Aperecida, Linha Schleder (2020).
Fonte: Marcelo Biazutti

Desde a fundação até meados de 1954, a administração da capela era feita por Dona Ubaldina com a ajuda do Sr. Timóteo Schleder. Seu Timóteo era quem organizava as festas, que por sinal eram muito animadas e bonitas, com procissão, banda de música, foguetes e bandeirinhas.

Com a morte da fundadora, na partilha dos seus bens, foi então doado um galpão de madeira, do qual foi construído um salão para festas, que também servia como escola e moradia da professora. Finalmente em 1969, através da Mitra Diocesana de Passo Fundo, foi escriturado o terreno, doado por um dos

herdeiros, Plínio Rocha Schleder, para a formação da Comunidade de Linha Schleder. Mais tarde o mesmo doou um terreno para a construção de uma Escola municipal.

Nos domingos havia uma grande participação das pessoas nas rezas do terço e nos jogos e conversas. A festa da Padroeira sempre foi celebrada no dia 12 de outubro, com a, tradicional, procissão e com a participação de devotos de outras comunidades

Assim iniciava uma nova etapa, uma nova era comunitária, tendo a frente agora as diretorias eleitas. A comunidade tem por tradição presentear as crianças com doces, pela passagem da Páscoa, Natal, bem como a presença do coelhinho e do Papai Noel.

Em 1982 com alegria aconteceria missões conduzidas pelo frei Nei Campregher; 1985 criado o Conselho Comunitário de Pastoral; 1996, realizaram crisma pelo bispo Dom Urbano Allgayer; 1987 assumem o ministério Agentes de Pastoral; 1988, introduzem a Eucaristia permanente; 1989 formam o Clube de Mães; 1995 congresso AJRT Associação de Jovens Rurais de Tapejara). Em 1997 comemorou-se o jubileu de ouro.

7.6. Comunidade São Miguel do Parador

O senhor Aparicio Pereira contou, em relatos coletados pela professora Maria de Lurdes Lopes Dias, que, antigamente, há mais de cem anos, este lugar se chamava Mato Castelhano, depois virou Parador, porque os índios kaingang que habitavam essas terras paravam e atacavam os tropeiros e viajantes, tirando-lhes as joias, dinheiro e mercadorias, e às vezes matavam e enterravam os corpos no mato.

A estrada era mais uma trilha ou travessa que vinha de Lagoa Vermelha, passava por Campo do Meio, capela N. Sra. De Lourdes, São Pedro do Rio do Peixe e seguia para Passo Fundo. O "Parador" era lugar obrigatório de passagem para os tropeiros e viajantes, que para passar tranquilamente, tinham que pedir uma senha para o cacique do Mato Castelhano, o índio José Domingues. Ele dava como senha o seu pala.

Os primeiros moradores do lugar foram: Silvano Lopes de Souza, Gaspar Vieda, Leonato Vieda, Ortêncio e Constante Vieda e Albino Rocha. Os primeiros colonos que ali se radicaram: Pedro Lopes da Rosa, Laurindo Rocha, João da Rosa, Adão Correia do Prado e Timóteo Bernardo Pereira. Alguns deles vieram de Camaquã e eram pessoas de posse que vieram para essa região criar gado.

Acontece que os campos não eram muito apropriados para a criação de gado e os rebanhos acabaram morrendo. Os pecuaristas ficaram pobres. Passaram a trabalhar com lavouras de arroz irrigado, algumas em terras alugadas.

A escola fundana no povoado era particular, de Agenor Boeira e o mesmo

cobrava para dar aulas. A professora era Deolinda Vieira, esposa de Agenor.

Em meados de 1925 começaram a pensar numa igreja. A liderança estava com as famílias de Pedro Lopes da Rosa e Timóteo Bernardo Pereira. Foi construída com o esforço de todos. Era uma igrejinha de tábua bruta, coberta de tabuinhas de pinheiro.

O senhor Pedro Lopes tinha muita devoção a São Miguel Arcanjo, por isso adquiriram a imagem para ser padroeiro. A imagem foi comprada com ofertas de todo o povo.

A primeira missa em São Miguel do Parador foi na capelinha, celebrada pelo Pe. José Ferreira Guedes, que vinha de Passo Fundo. Iam buscá-lo a cavalo para as missas e festas e, ele, ficava por ali uns dois dias.

Em 1932 a capela foi construída no lugar onde está até hoje, no entanto em 1989, com a ajuda da prefeitura de Tapejara foi construída uma pequena capela de alvenaria no lugar da antiga ingeja de madeira.

Nas grandes secas faziam-se procissões com a imagem de São Miguel. Iam para o Engenho Grande onde o santo era deixado. Só iam buscar quando chovesse. Faziam penitência, rezavam, cantavam, caminhavam de pés descalços e sem chapéu na cabeça.

As festas eram simples e tudo era preparado em casa, churrasco, pão, doces. O vinho vinha em barril, de Água Santa. Os bailes e fandangos saiam nas casas, com gaita de oito ou dezesseis baixos e violão. João Laurindo da Rocha era um bom gaiteiro.

Figura 98: Capela São Miguel Arcanjo (2020), em São Miguel do Parador.
Fonte: Marcelo Biazutti.

Igreja Evangélica Assembléia de Deus

Por volta de 1970 fundou-se na localidade de São Miguel do Parador uma congregação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus sobre a responsabilidade da igreja matriz de Passo Fundo. Os fundadores foram Adão Correia do Prado e seu irmão Dorvalino Correia do Prado, juntamente com os outros moradores do lugar, construíram uma capela simples e de madeira.

O construtor responsável foi o João Gonçalves Nunes que tornou-se o responsável pela mesma. Anos mais tarde, final da década de 1980, foi construída a capela atual, de alvenaria.

Hoje está sobre a responsabilidade da Igreja Assembleia de Deus de São Miguel é de responsabilidade da congregação de Tapejara e o responsável pelos cultos é o senhor Adão Lopes Dias, membro da igreja e morador do lugar.

Cabe ressaltar que, em 1984, Maria Carolina Sommer e seu esposo Valdemar Sommer, doaram um terreno medindo novecentos metros quadrados para a sociedade da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, com a finalidade de servir de cemitério às pessoas (de qualquer credo), falecidas na localidade.

Pode-se observar que o povo da localidade se divide entre as duas religiões, mas convivem pacificamente com muito respeito, não havendo rivalidades religiosas no lugar.

Na cidade de Vila Lângaro, há também uma igreja Assembléia de Deus, pertencente ao campo eclesiástico de Coxilha, tendo como pastor presidente Elienai de Ferrari. Em fevereiro de 2018, a família do então Missionário Uelton Rodrigues Batista com sua esposa Ruth Teixeira e seus filhos, chegaram em Vila Lângaro, vindos da Bahia, para assumir a mesma.

A igreja foi inaugurada dia 29 de setembro de 2019 com a presença de diversas autoridades eclesiásticas e autoridades municipais. Acontecem cultos nas quartas-feiras e aos sábados.

Figura 99: Igreja Assembléia de Deus em São Miguel do Parador (2020).
Fonte: Marcelo Biazutti.

7.7. Comunidade Colônia Nova

A localidade de Colônia Nova, geograficamente, é formada por coxilhas ondulantes plantadas numa região bastante elevada, proporcionando uma linda visão, principalmente quando estão cobertas de plantações de trigo, milho ou soja.

Estas terras, cobertas de mata virgem e robustos pinheiros eram propriedade do sr. Ernesto Morsch, industrial de Passo Fundo, que as herdou do casamento com sua esposa da família dos Rocha, proprietários desta vasta região, a Fazenda Bom Retiro, que se estendia até as proximidades de Água Santa.

Antes de começar a colonização habitavam aqui os senhores. Florencio dos Santos, Napoleão Pimentel, Borges Nunes, Martim Xavier e um tal de Natálino. Havia também a serraria do Érico Brusqueroli, situada na cabeceira da Sanga Larga.

Em 1930 o sr. Ernesto Morsch, através do seu procurador Hélio Morsch, resolveu colonizar as terras, dividindo-as em lotes rurais de 25 hectares. As terras eram comercializadas nas seguintes condições: seis contos de réis a vista pela colônia de 25 hectares ou três contos de réis no ato do negócio e mais três contos e quinhentos mil réis, prazo um ano, sem juros.

Os preços e as condições eram considerados bons para a época tendo em vista que o preço das terras na região havia sofrido um significativo aumento devido à procura por causa da chegada dos migrantes italianos e alemães que tinham o interesse em se estabelecer no planalto médio do Rio Garnde do Sul.

O primeiro colonizador a se transferir para Colônia Nova foi Alberto Moretti, vindo de Colônia Lângaro, em 28 de abril de 1937. Depois chegaram Natálio Bedendo, de Veranópolis, João Secco, Virilio Tonial, Domingos Bertoglio, Fior Benetti, de Caxias do Sul, Raimundo Moretti, Batista Secco, José Morandi e João Stramari, que trouxe a bodega que tinha na Colônia Lângaro.

A primeira criança que nasceu em Colônia Nova foi Francisco Moretti, no dia 20 de junho de 1938.

Estes agricultores tinham pouca terra ou eram arrendatários nas antigas colônias. Quando se estabeleceram em Colônia Nova, iniciaram a derrubada do mato, preparando a terra para a planta. Conta-se que a primeira árvore foi cortada por Leonel Secco. Cortavam os grandes pinheiros para fazer a roça.

Na época a madeira não valia muito então nem toda a madeira era aproveitada. Uma das diversões aos domingos era derrubar pinheiros para ver o tombo o ouvir o estrondo da queda das gigntescas árvores que existiam na mata. Às vezes os homens faziam apostas para ver quem derrubava primeiro o pinheiro.

Como as terras eram novas e a colonização também, daí começaram a chamar o lugar de Colônia Nova. As estradas praticamente não existiam, eram mais picadas ou carreiros para animais e carroças. Foram os próprios colonos que cuidaram da manutenção das estradas por muitos anos.

O primeiro comissário, nomeado pela Prefeitura de Passo Fundo, foi Domingos Bertoglio. Ele convocava os agricultores que tinham que dar seis dias de trabalho, por ano, para a conservação das estradas. O trabalho era realizado com arado de bois, picaretas e enxadas. Era também sua atribuição apaziguar as partes quando aconteciam brigas ou outros problemas. O cargo era não era remunerado, a pessoa só ficava isento dos impostos municipais.

Um dos primeiros carroceiros foi Pedro Borges Nunes que, durante quarenta anos, transportou os produtos e madeiras para Passo Fundo, Coxilha, Tapejara e Sananduva. Fazia frete para o comércio e para as serrarias.

A primeira escola foi construída pela sociedade em princípios de 1939. A primeira professora foi a Senhorita Clotilde. Nesta escola foi celebrada a primeira missa e feita à primeira festa. O celebrante foi o Padre Paulo Chiaramonte, vigário cooperador de Tapejara, cuja paróquia pertencia toda a região. Nesta escola o padre continuou a dar atendimento religioso, enquanto não se construísse a capela. As missas eram celebradas duas vezes por ano, no máximo, três.

No ano de 1949 a sociedade construiu uma segunda escola, ampla e de dois pisos, sendo que na parte de cima era a residência do professor e um quarto reservado para o padre, quando vinha atender a capela. O Pe. Júlio, pároco de Água Santa, costumava permanecer na comunidade de dois a três dias.

Na parte térrea estava a sala de aula, um salão para reuniões e bar. Às vezes servia para bailes. Esta escola foi inaugurada em 05 de setembro de 1949.

A igreja foi construída em 1940, sendo membros da diretoria os senhores

Raimundo Moretti, Virilio Tonial e José Morandi. Foi inaugurada em 15 de outubro de 1942, na festa da padroeira Santa Tereza.

A missa foi rezada e a capela benta pelo Pe. Paulo Chiaramonte. A imagem da padroeira foi encomendada pelo Pe. Paulo Chiaramonte e doada pelos srs. Natal Bedendo e Domingos Bertoglio.

O construtor da capela foi José Lusa, de Vila Teixeira (Tapejara). Em 1945 foi pintada interna e externamente pelo pintor Honesto Menin. O terreno foi doado por Fiore Benetti. Eram membros da diretoria: João Secco, Luiz Secco, José Perozzo, e Domingos Bertoglio.

Antes da construção da capela os moradores frequentavam a igreja de Colônia Lângaro, inclusive para fazer a primeira comunhão dos filhos.

Destacaram-se na empreitada da construção da nova capela, Raimundo Moretti, Guerino Girardi, José Perozzo. Vergíneo Arcari, Lourenço Gusatto, Dinarte Secco e a diretoria: Luiz Dalmagro e Leonel Bertoglio.

Figura 100: Capela Santa Tereza, Colônia Nova (meados dos anos 1980).
Fonte: Arquivo Comunidade Colônia nova

A pedra fundamental foi colocada na festa de São José, no dia 22 de março de 1964. Foram padrinhos: Lourenço Gusatto, Francisco Moretti e José Perozzo. O líder e intrépido batalhador, alma da construção, foi Roque Cechetti.

No dia 21 de março de 1965 o sr. Bispo D. Cláudio, celebrou missa dentro do novo templo recém abençoado. Foram padrinhos da inauguração: Domingos Bertoglio, Dinarte Secco, Guerino Girardi, Maria B. Secco, Luiz Secco, Cláudia D. Secco e Maria José Pinto.

Em 1968 foi demolida a escola que a comunidade havia construído. Com a

madeira desta e mais a do galpão aberto, usado para as festas, foi construído o primeiro salão de Colônia Nova. Este serviu à comunidade por muitos anos. O líder desta construção foi Lourenço Guzatto.

Em 1988, após decisão da comunidade, em assembleia, esse salão foi demolido pois não oferecia mais condições de uso. Foi edificado então o atual salão.

O sino da capela pesa quatrocentos quilos e custou Cr$ 17.300,00. Foi inaugurado solenemente e abençoado pelo Pe. Júlio Marin na festa de Santa Teresa.

Figura 101: Membros da comunidade assando o churrasco para a festa na comunidade de Colônia Nova (meados 1990).
Fonte: Nelson Morandi.

A catequese era dada em casa e, ou com professora, na escola. Haviam catequistas para preparar as crianças para a primeira comunhão. Ministrada em italiano, nos primeiros tempos. Os primeiros catequistas foram: Assunta Scopel, Anselmo Rigon, Vergineo Sirtuli e o casal Irene e José Perozzo.

Aos domingos fazia-se o culto em língua italiana. Rezavam o terço e cantava ladainhas de Nossa Senhora. No dia de finados tocavam o sino de hora em hora, das seis da manhã às 18 hs. Nas calamidades faziam-se procissões rogatórias para Campo Redondo ou Rio Carreteiro. Caminhavam de pés descalços.

Entre os anos de 1950-65 Colônia Nova atingiu seu desenvolvimento maior. Havia duas lojas. Uma de João Stramari e, depois, a de Vergineo Arcari e Cia, que tinha até caminhão para transporte dos produtos, esta encerrou suas atividades pelo ano de 1965. Vergineo Arcari mudou-se para o Paraná.

A primeira ferraria movida a força hidráulica foi dos irmãos Dalmagro e depois de Luiz Dalmagro. Era bem montada e atendia toda a região. Mais tarde, Roque Cechetti montou nova ferraria junto à loja do Arcari.

Figura 102: Atual Igreja e salão comunitário de Colônia Nova (2019).
Fonte: Marcelo Biazutti.

7.8. Comunidade São Bernardo

A comunidade de São Bernardo teve sua fundação a partir do ano de 1934. O primeiro morador senhor José Bernardt, juntamente com sua esposa Ângela Crestani Bernardt e seus filhos, entre eles o senhor João Bernardt e sua esposa Terezinha Bernardt.

Nesta mesma época, outras famílias também fixaram sua residência na região e ajudaram a fundar a nossa comunidade. Entre estas famílias destacamos: Natalio Langaro, João Batista Segatt, Vivas Oliva Biazotto, Joana Castanheira e a família Teixeira.

No ano de 1947, todas estas famílias unidas e reunidas em grande amizade, constataram a necessidade de aqui fundarem uma escola e uma igreja. Foi então que organizaram um grupo de alunos.

No início da colonização do lugar a escola funcionava na casa do senhor João Bernardt. Algum tempo depois, os vizinhos reunidos, construíram a primeira escola na localidade, que durante a semana servia como escola e nos finais de semana se transformava em igreja, onde as famílias se reuniam para fazer as suas orações comunitárias.

O primeiro professor da comunidade de São Bernardo foi o senhor João Pereira e a primeira catequista foi a senhora Terezinha Bernardt. Nesta época, as crianças desta comunidade iam passar a Primeira Eucaristia na comunidade de Colônia Lângaro.

Quatro anos se passaram e as famílias se reuniram e construíram a primeira capela. O senhor José Bernardt expôs aos demais amigos o seu desejo de que

a nova capela tivesse como seu padroeiro São Bernardo, tendo em vista sua fé no santo protetor dos doentes e dos pobres. A ideia foi aceita pelos demais, e o próprio senhor José Bernardt doou para a comunidade a imagem do santo padroeiro São Bernardo.

A capela foi inaugurada no dia 22 de fevereiro de 1950. Neste dia, houve a primeira festa na comunidade, sendo elebradas duas missas e realizados dois casamentos e doze batizados pelo padre Júlio Sachetti.

Posteriormente no ano de 1975 uma nova igreja foi construída pela comunidade.

Figura 103: Inauguração da Capela São Bernardo em 1975.
Fonte: Odacir Dalmina.

Figura 104: Capela São Bernardo (2020).
Fonte: Marcelo Biazutti.

7.9. Comunidade São Luiz do Gramadinho

Embasados em depoimentos de antigos moradores desta localidade, o senhor Paulo Duarte adquiriu uma grande extensão de terras, aproximadamente 45 colônias de terras cobertas de pinhais, onde se localiza a Comunidade de São Luiz do Gramadinho.

Ele fez a divisa dessas terras a cavalo, com foice, serrote e machado, sendo: ao sul, estrada de Linha Salete até o rio Carreteiro, ao oeste estrada de linha Salete a São Luíz, ao norte estrada de São Luiz ao Cachoeirão e a leste o rio Carreteiro.

Anos depois o senhor Paulo Duarte resolvou vender parte de suas terras sendo que as famílias que se estabeleceram eram migrantes de outros lugares, em sua maioria eram descendentes de italianos.

O pequeno povoado logo percebeu a necessidade de terem um local de oração que pudesse reunir todas as famílias da comunidade. A idéia que partiu de Francisco Marcon teve êxito e o terreno foi doado por Santo Alcides Denardi e foi registrado na Mitra Diocesana em 1964, por intermédio do padre Luís Bruetto que manifestou o seu desejo de que a capela tivesse como santo padroeiro São Luíz Gonzaga.

Iniciava-se assim a caminhada da Capela São Luís, uma caminhada de muitos anos com muitas lutas, sacrifícios, dificuldades, mas acima de tudo um percurso de alegrias e vitórias, onde muitas pessoas participaram, empenhando-se, sem medir esforços, em prol do crescimento comunitário, para que hoje pudéssemos ter uma comunidade bem estruturada, tendo a fé e a oração como alicerces.

No dia 22 de maio de 1966, foi realizada a primeira festa na comunidade com missa campal, rezada nas sombras das árvores pelo padre Luís Bruetto. Também neste ano, as famílias que fundaram a comunidade: Francisco Marcon, Aldemar Savaris, João Olímpio Biasutti, Santo Alcides Denardi, Mario Malagutti, Divino Malagutti, Silvestre Malagutti, Angelo Rosalino Marcon, Joao Teixeira Neto, Honorino Bordignon, Pedro Damiani, Brunilda Rocha, Odi Teixeira, Erni Teixeira, Santo Pereira, Pedro Giotti, Arthur Lemes da Rosa, Augusto Piroli, Rovilio Dalabeta, Umberto Rovani, Lorenco Rovani, Diamante Machado, Bruno Favretto, Marcelino Milani, Reinaldo Favaretto, Luis Poggio, Olívio Silvestre Dametto, Florindo Borilli, Valdemar Coronetti, Genesi Bordignon, Rosalino Savaris, Pedro Rovani, Romeu Giotti, Francisco Denardi, deram início a construção da capela que foi inaugurada no dia 20 de janeiro de 1967, tendo como padrinho Francisco Marcon.

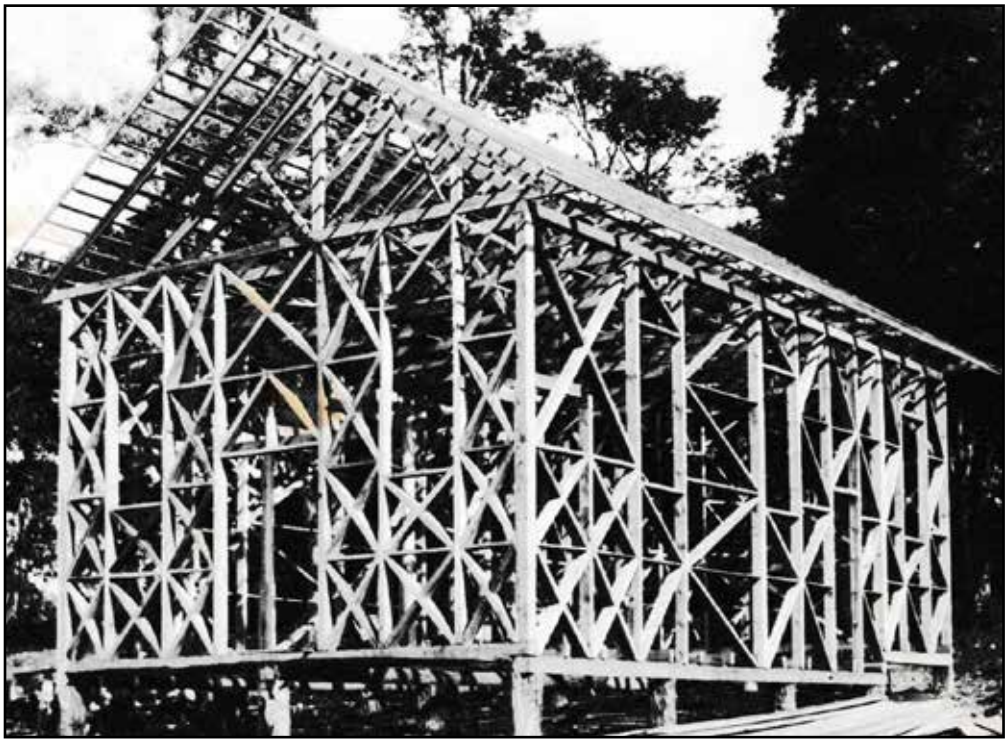


Figura 105: Construção da primeira igreja (meados 1966).
Fonte: Holanda Bordignon.

O primeiro batizado na capela foi o de Claudemir Biazutti, realizado no ano de 1967. Já no ano de 1969, realizada a primeira missa pelo padre Guerino Parisotto. A imagem do padroeiro, São Luís, foi doada pelo senhor Mário Malagutti, tendo como padrinho o senhor Luiz Poggio.

Deste ano em diante, a festa em honra ao padroeiro São Luís sempre se realiza no domingo mais próximo ao dia 21 de junho. Logo a imagem de Santo Antônio foi doada por Francisco Marcon e, mais tarde, a imagem de São Pelegrino foi doada pela família de Antônio Lemes da Rosa.

Após a construção da capela, foi construída, também, a escola, no terreno da comunidade. Desde o início houve catequese. As primeiras catequistas foram: Carmen Marcon e Terezinha Rocha, que levaram à primeira comunhão 42 crianças. No ano de 1971, foi construído o primeiro salão que teve como padrinhos Odi e Aldi Teixeira. Em 1982, foram construídas as canchas de bocha, tendo como padrinhos Milton Marcon e Enio Hanel.

No dia 17 de novembro de 1985, iniciou a construção da nova Igreja, que foi abençoada pelo padre Valter Baggio, tendo como padrinhos Carlos Marcon e Pedro Poggio.

Figura 106: Capela São Luiz e salão comunitário de São Luiz do Gramadinho (2019).
Fonte: Marcelo Biazutti.

Em 1992, o coordenador da comunidade Ariovaldo Bordignon deu início a construção do atual salão comunitário que teve a sua inauguração no ano de 1995. Durante todos esses anos, sempre houve culto aos domingos e dias santos.

No Natal do ano de 1993, a comunidade obteve a graça da Eucaristia permanente, consagrada pelo padre Nilo Canal, fruto de muitas reuniões realizadas junto à comunidade e ao trabalho dos agentes de pastoral realizado com os grupos de famílias da comunidade. As missas passaram a ser rezadas mensalmente e a liturgia era preparada pela equipe litúrgica local.

Essa comunidade sempre teve muitos setores atuantes como grupo de jovens, grupo de mulheres, grupos de família, catequese, casal vocacional, time de futebol com diretoria do campo, agentes voluntários de saúde, líderes sindicais, zeladoras de capelinhas, representantes da prefeitura, agentes de pastoral. O conselho comunitário de pastoral, organizava as lideranças e coordenava os trabalhos da comunidade.

A comunidade contava aproximadamente com 55 famílias dizimistas no ano de 1989. Com o passar dos anos este número vêm diminuindo e no ano de 2016, somente 25 famílias dizimistas viviam na comunidade.

Porém, estas tentam conservar os costumes e valores adquiridos através das gerações, conservando a fé em nossos santos evangelizadores que anunciam ao mundo a salvação por meio do Cristo ressuscitado.

Os 50 anos da comunidade São Luís foram celebrados com uma linda festa que contou com a presença dos padres Ludgero Mafra e Itamar Lavarda.

7.10. Comunidade de São Roque

Os primeiros moradores que ocuparram as terras onde se localiza a camunidade de São Roque chegaram por volta de 1940. A mata densa predominava, mas aos poucos as pessoas foram abrindo roçados, plantando milho e começando a criar animais. Em 1950 a localidade começou a receber muitas famílias de outros lugares que adquiriram terras para se dedicarem a agricultura.

Em depoimento de Dionísio Damlina, seu pai, o senhor Ernesto Dalmina comprou uma área de terras em São Roque onde Dionísio João Dalmina e Zenilda Clementina Dalmina vieram residir. Na época derrubaram árvores para fazer uma casa de costaneira. Na região havia somente mata, não tinham vizinhos. Somente após muitos anos chegou na comunidade a Serraria Bosquiroli, onde Dionísio começou a trabalhar de empregado.

Ernesto Dalmina, pai de Dionísio, traz o prefeito de Tapejara, Severino Dalzotto, para fazer um levantamento referente à abertura de novas estradas. Começaram o cultivo da plantação de milho e a criarem porcos. Dionísio colhia o milho a mão e transportava com uma carroça puxada por bois até o galpão. Contava que passaram por muitas necessidades, pois não tinham o alimento para pôr na mesa, viviam de caça, pesca e polenta e radicci.

Muitas pessoas começaram chegar na localidade para trabalhar na serraria. Com a chegada dos mesmos passaram a se reunir nas casas nos finais de semana, para rezar e, assim, decidiram formar a comunidade.

Segundo seu Deonísio, a primeira igreja foi de madeira sendo construída por ele e os demais membros da diretoria. Depois de um tempo viram que a comunidade crescia e teria necessidade de fazer uma igreja maior então resolveu passar nas casas e falar sobre a proposta e de ter um local maior para as pessoas se encontrarem para rezar.

Ao chegar na última casa que iria visitar, de seu Gloro dos Anjos, o mesmo sugeriu São Roque como padroeiro para a capela e se dispôs a doar a imagem.

Em relação à escolha do nome da comunidade, comenta-se que não foi tão pacífica pelo fato de que já existiam outras duas comunidades com este padroeiro na paróquia de Tapejara. Para distinguir mais facilmente propôs-se que a comunidade seria chamada de "São Roque de Colônia Lângaro".

No ano de 1963, as familias reuniram-se para tratar da construção da capela e definir a primeira diretoria, formada por Deonísio Dalmina, Ângelo Fontana, e Ângelo Belegante. Ernesto Dalmina, pai do sr. Deonisio morava em São Silvestre e doou um pedaço de terra para a comunidade.

Segundo depoimentos do senhor Lodovino Rovani, a capela sequer chegou a ser terminada, pois se percebeu que não seria suficiente para tanta gente que estava se instalando no local, sendo necessários alguns ajustes, para que seu tamanho fosse maior.

A primeira missa rezada na capela foi celebrada pelo padre Luiz Brueto, no dia 18 de agosto de 1963, na festa do padroeiro. Na ocasião, foram realizados vários batismos e logo se passou para a liturgia renovada.

Desde o início houve missas mensais na capela e nos domingos rezava-se o terço em comunidade. Ao longo de sua caminhada, a comunidade passou por dificuldades em alguns momentos específicos. Em função de alguns desentendimentos a capela chegou a ficar fechada por 4 meses no ano de 1974.

O senhor Lodovino Rovani resume o espírito dos primeiros tempos: "era sofrido, mas todo mundo era unido". E foi a partir deste impulso inicial que a comunidade foi crescendo. Foi então que começou a se contruir um pavilhão para a realização de festas na comunidade.

Com o crescimento do número de sócios, a igreja pequena de madeira foi desmanchada e em seu lugar foi edificada uma igreja de alvenaria no ano de 1982.

Figura 107: Capela São Roque (2019).
Fonte: Evandro Rovani.

O salão da comunidade ficouibastante danificado por um temporal em 1994 e depois teve que ser reconstruído. O campo de futebol e as canchas de bocha eram o espaço de lazer ao lado do tradicional baralho.

O auge da vida comunitária, segundo os moradores mais antigos, foi na década de 1980, quando iniciaram as celebrações da Palavra, a partir da visita dos missionários palotinos. Na época também foram formados os primeiros ministros da Eucaristia. Segundo Antônio Fontana, no ano de 1982, quando o mesmo foi presidente da capela, cerca de 90 famílias residiam na comunidade.

Em 1994, a comunidade deu outro passo importante para a fé e a vida do povo ao ser agraciada com a Eucaristia permanente. A comunidade já doou para a Igreja uma Irmã religiosa e também o padre Eberson Fontana.

7.11. Comunidade da Vila Rocha: O urbano no meio rural

No cotidiano de quem utiliza a RS 463, entre Coxilha e Tapejara, no trecho que corresponde ao município de Vila Lângaro, um lugar no km 10, à esquerda da estrada, nesse sentido e próximo à ponte do rio Carreteiro, a visão que se descortina provavelmente não tem um significado para além daquele que foi incorporado pela banalização do conteúdo social da realidade agrária brasileira.

O lugar estruturava-se como um pequeno território no qual cada urna das 15 famílias possui um lote de 12x25 metros. A partir da estrada, próxima da qual está a primeira casa, as demais se dispõem lado a lado, à direita do único acesso, uma rua que termina onde está a última casa.

Num primeiro contato com a vila já é possível perceber que a rua se revela como lugar de acesso, como espaço de exteriorização da união/separação engendradas durante o processo de construção do lugar, bem como forma de dar visibilidade à diferenciação social que se manifesta na forma / qualidades das casas.

A pequena comunidade que constitui a Vila Rocha está promovendo um processo de transformação no meio rural, um "novo" rural, lugar que tem como função principal abrigar as pequenas moradias de pessoas que, não tendo terra para plantar, permanecem nela para viver. O lugar congrega um modo peculiar de relações sociais e de produção sob o escopo familiar.

Não há dúvida de que as relações familiares, amistosas ou não, prevalecem como sedimento do processo que se instituiu pela adesão gradativa dos membros da comunidade, produzindo um espaço não rural (uma vez que até mesmo a horta só existe num dos lotes), no qual não se configuram organizações no campo da produção, mas apenas sub-relações de trabalho agrícola.

A Vila Rocha pode ser percebida sob o entendimento da interação entre velhas e novas formas e funções espaciais, nas quais são evidentes tanto a diferença entre ter uma propriedade agrícola e ter um lote como as contradições nas relações de trabalho, cujos padrões de vínculo e de valor, subjetivamente, parecem ser compensados pela renda previdenciária a, uma nova realidade no rural brasileiro, também incorporada por alguns moradores deste lugar como fonte exclusiva de renda.

Em 1949, João Batista da Silva Rocha adquiriu de Miro Oliboni dois alqueires de terra que destinou a seu irmão Artur da Silva Rocha, o qual ali passou a residir juntamente com sua esposa para cuidar de dona Virgínia, primeiros moradores do lugar.

Aproximadamente um ano depois, a sogra de dona Virgínia, em virtude da morte do marido vendeu a propriedade a Ernesto Scariot, pai de Sérgio. O novo proprietário, uma pessoa muito generosa, conforme a depoente, doou uma pequena fração da terra para que os descendentes de João Batista permanecessem ali.

No perfil do lugar, distribuído à direita da rua, a única exceção é a construção do salão comunitário, à esquerda, da vila. Essa construção foi efetivada no ano de 2000 e concluída nos anos seguintes. Lugar este para realizar suas festas e reuniões.

As festas tradicionais acontecem todos os anos e uma, em comemoração a São Sebastião (20 de janeiro), dedicada aos inocentes. Nesse dia, compram doces e brinquedos para as crianças com recursos que arrecadam na vila, doações de vizinhos e muitos amigos ajudam com comida. Outra festa importante é a de São João, misto de folclore e religiosidade popular.

Predominantemente católicos, os moradores participam das missas na localidade do Rio Carreteiro, no município de Água Santa, que fica distante aproximadamente uns mil metros da Vila Rocha.

Figura 108: Vista parcial da Vila Rocha (2020).
Fonte: Marcelo Biazutti.

8

O PASSADO E O PRESENTE NA EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE VILA LÂNGARO

O marco da educação no Brasil pode ser considerado a catequização indígena, a chamada catequese ministrada pelos Padres Jesuítas. Em 1759 com a expulsão dos jesuítas, passou a ser instituído o ensino público e laico, porém após 1772 houve a implantação oficial, no Brasil, do ensino público.

Os espaços escolares ficavam localizados somente nos grandes centros e reservados somente aos homens brancos. Mulheres e negros (escravos) não podiam fazer parte deste contexto.

No interior do país, o que havia era uma educação informal, passada de boca a boca ou, quando a família tinha alguma posse, pagava alguém para ensinar o conhecimento das letras e dos números a seus filhos.

Em Colônia Lângaro, por volta de 1916, as famílias de Florindo Langaro, Guilherme Langaro, Angelo Tognon, José Tognon, bem como as famílias Costella, Arcari, Rovani, Biasotto, se reuniram e construíram a 1ª escola. Era de madeira coberta de tabuinhas e se localizava próximo de onde atualmente está edificado o salão comunitário da sede do município.

As aulas que até então eram dadas nas casas de famílias por quem sabia um pouco ensinava para um grupo de crianças, passaram a serem ministradas no barracão construído e o professor pago pelas famílias.

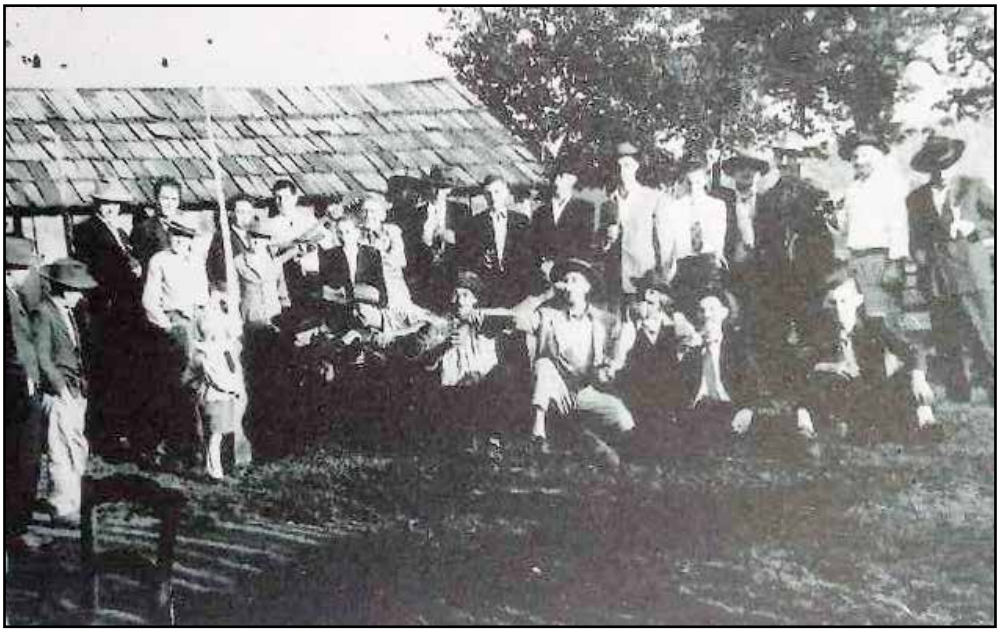


Figura 109: Vista do barracão que serviu como a primeira escola de Colônia Lângaro meados 1935.
Fonte: Arquivos Igreja Nossa Senhora do Rosário Vila Lângaro.

8.1. Escolas Estaduais

Em depoimento do senhor Antônio Costella, foi relatado que em 1940 a comunidade comprou um terreno e construiu a primeira escola, inaugurada e abençoada no dia 07 de outubro de 1940. O prédio era de dois pisos, sendo que em cima funcionava a escola e na parte de baixo eram feitas festas.

Figura 110: Primeira escola de Colônia Lângaro denominada Sociedade Ítalo Brasielira 1940.
Fonte: Arquivos da Igreja Nossa Senhora Rósário do Vila Lângaro.

Em 1940 foi construída uma Escola Grande de madeira, de dois pisos no local onde atualmente está localizado o Posto de Saúde com a frente voltada para o Salão. O nome da escola era Sociedade Ítalo Brasileira, que mais tarde passou a se chamar Grupo Escolar Estadual de Colônia Lângaro.

A escola estadual Ítalo-Brasileira, ficou pouco tempo com esse nome sendo mudado em função da Segunda Guerra Mundial. Getúlio Vargas justificou a troca por ser de nome estrangeiro (Brasil e Itália eram inimigos na guerra). Anos depois a escola foi desmanchada e uma escola estadual foi instalada na Colônia Lângaro.

A 2ª escola construída já era estadual e o 1º professor a dar aulas foi Manoel Teixeira, que dava aula para 5 séries e para cerca de 80 alunos. À noite o professor dava aula para os mais velhos, ensinando a falar português, a escrever o nome, fazer contas, ter um pouco de instrução e estudo.

A escola estadual também teve como professor Alexandre Domingues Teixeira. Na época não existiam cadernos, era utilizada uma pedra que chamavam de "pedra negra", escrevia-se e depois apagava-se, para escrever de novo. Só depois de muito tempo que surgiram os cadernos.

Desfiles de Sete de Setembro

O espírito cívico sempre foi vivenciado pelos moradores desta terra. O amor à Pátria e a Terra Natal sempre foi respeitada.

Figura 111: Desfile de 7 de setembro em 1957, representando as profissões de Colônia Lângaro.Um dos primeiros tratores Zetor. Ao lado galpão onde amarravam os cavalos. Ao fundo a casa de Santina Costella e atrás dos pinheiros a sapataria de Mascarello.
Fonte: Igreja Nossa Senhora do Rosário de Vila Lângaro.

Figura 112: Desfile 7 de setembro de 1959, onde atualmente é a Rua Alfredo Bruno Seidler. No alto à esquerda a E. M. E. Marquês de Maricá, em frente à escola casa de Geraldo Langaro e no final da rua a casa de Vitório Lângaro.
Fonte: Igreja Nossa Senhora do Rosário de Vila Lângaro.

Em 1958 iniciou a construção de uma nova escola (Brizoleta é o nome dado ao modelo das escolas de todo o RS, daquela época), onde temos a escola estadual de ensino médio hoje. Em 1961 foi denominada Escola Rural Isolada de Colônia Langaro. Em 1969 Grupo Escolar Rural Marquês de Maricá e atendia alunos de 1ª a 4ª séries.

Figura 113: Professor Angelo Estevão Damiani com alunos em aula de práticas agrícolas em 1965.
Fonte: Escola Estadual Marquês de Maricá.

Figura 114: Desfile 7 de setembro em 1976, das escolas E. Marquês de Maricá, Nossa Senhora das Graças e Marechal Floriano, onde atualmente é a Rua 22 de Outubro, em frente da igreja. Na frente representando a etnia Cigana, da direita para a esquerda, Clair Bedendo, Nelsi Segatti. Atrás, o time de Voleibol da Escola Estadual Marquês de Maricá.
Fonte: Igreja Nossa Senhora do Rosário de Vila Lângaro.

Em 1981, através da portaria 23.891 de 25 de maio de 1981, foi reorganizada e passou a chamar-se Escola Estadual de 1º Grau Marquês de Maricá, atendendo alunos de Pré-escola à 8ª série.

Após a emancipação de Vila Lângaro em 22/10/1995, surge o desejo e a necessidade de oferecer condições dos jovens cursarem o Ensino Médio e permanecerem com sua família auxiliando na manutenção da propriedade, já que muitos saíam em busca de completar seus estudos em centros maiores e muitas vezes não mais retornavam junto a seus familiares.

Surge em 2001 através do Parecer n° 640/2001 o Projeto Alternativo de Ensino Médio. Tratava-se de uma proposta alternativa de atendimento, em caráter experimental, para suprir as necessidades educacionais em nível de ensino médio, conforme informação contida no ofício GAB/SE s/n, de 12 de março de 2001.

Em 2004 foi autorizado o ensino Médio e, em 2006 com o parecer 880/2006 a escola denominou-se Escola Estadual de Ensino Médio Marquês de Maricá.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Marquês de Maricá, localizada na Avenida Vitório Costella, nº. 379, na cidade de Vila Lângaro, foi escolhida como escola base do Conjunto Educacional da 7ª Coordenadoria de Passo Fun-

do, onde, em 2002, iniciou o seu funcionamento já com três turmas e contava com 93 (noventa e três) alunos do ensino médio.

Figura 115: Escola Estadual de Ensino Fundamental Marquês de Maricá – 2019.
Fonte: Escola Estadual Marquês de Maricá.

O professor Angelo por muitos anos atuou como Professor e diretor da escola Marquês de Maricá, também escreveu livros de poesias e participou da comissão emancipacionista de Vila Lângaro.

Figura 116: Professor Angelo Estevão Damiani.
Fonte: Família Damiani

Também havia uma escola estadual na Colônia Teixeira, denominada de Escola Estadual Santos Dumont, que atendia alunos da primeira a quinta séries.

8.2. Escolas Municipais

A partir do ano de 1997 a Secretaria Municipal de Educação iniciou a implantação de nucleação de escolas, com base no pressuposto de que a escola deve ser um elo entre família e comunidade, trabalhando questões sociais que influenciam no trabalho pedagógico.

No ano de 1997 foram desativadas as seguintes escolas: Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Marechal Floriano, localizada na Linha Borgo Cechetti; Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Tiradentes, localizada no Campo do Timbó; Escola Municipal de 1º Grau Incompleto, Santos Dumont de Linha Schleder; Escola Municipal de 1º Grau Incompleto João Costella, localizada em Linha Costella; Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Victor Graeff de São Luiz; Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Nossa Senhora das Graças de Linha Favaretto.

Em 1998 a Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Vital Brasil foi desativada. Ainda neste mesmo ano foi extinta a Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Afonso Cristiano Gehlen, em 1999 a Escola Municipal de Ensino Fundamental Tobias Barreto foi desativada por contar com a matrícula de apenas 06 alunos.

Os alunos que frequentavam estas escolas passaram a ser atendidos nas escolas polos: Escola Municipal de Ensino Fundamental Rafael Pinto Bandeira, localizada em Colônia Nova; Escola Municipal de Ensino Fundamental José Bonifácio, localizada em São Roque e Escola Estadual de Ensino Fundamental Marquês de Maricá na sede do município.

Em 2017, com a construção da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles, na sede do município, as escolas municipais estabelecidas no interir, foram paralisadas e todos os alunos, nelas matriculados, passaram a frequentar esta nova escola.

A partir disso a Rede Estadual de Ensino repassou ao município os alunos de 1º ao 5º Ano, ficando somente com alunos do 6º ao 9º Ano e alunos do Ensino Médio, tendo acordado também que, gradativamente todos os alunos do Ensino Fundamental, nos próximos quatro anos, passarão a integrar a rede municipal de ensino, ou seja, serão de responsabilidade do município.

A rede de ensino de Vila Lângaro abrange desde a Educação Infantil até o Ensino Médio e atende satisfatoriamente a clientela matriculada, possui bom espaço físico, salas de aula suficientes, laboratório de informática com internet, laboratório de matemática, biblioteca com bom acervo bibliográfico, refeitório, sala de direção, sala de professores, sanitários masculinos e femininos e cozinha para o preparo da merenda.

As três escolas estão localizadas na zona urbana, assim distribuídas: Escola Municipal de Educação Infantil Margarida Fiori Tognon, com um número de 48 alunos, distribuídos em quatro turmas, de 02 a 05 anos, tendo 4 professores, uma diretora e 5 funcionárias. Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles, com um número de 161 alunos, distribuídos em 9 turmas, de 1º ao

9º ano, tendo 15 professores, uma diretora, um vice diretor, uma coordenadora pedagógica e 8 funcionárias. Escola Estadual de Ensino Médio Marquês de Maricá, com cento e quinze alunos, distribuídos do 6º ano ao ensino médio ,16 professores e seis funcionários.

A ausência do Ensino Superior é superada pela proximidade com o município de Passo Fundo que possui várias Faculdades e, para facilitar, existe a Associação dos Universitários de Vila Lângaro que organiza o acesso até as mesmas. O município repassa para a associação um valor mensal de 65% das despesas com o transporte universitário. Também auxilia para o deslocamento dos alunos que frequentam os cursos técnicos e curso superior, no Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Câmpus Sertão.

8.3. Escola Municipal de Educação Infantil Margarida Fiori Tognon

A Escola Municipal de Educação Infantil Margarida Fiori Tognon está situada na Rua Valeriano Ughini, centro, Vila Lângaro e foi criada no dia 28/01/2014 pela Lei nº 804/14.

O prédio conta com bom espaço físico, com uma área coberta, calçada, área verde, quadra para atividades livres, parque infantil e jardim. O espaço interno tem boa ventilação e iluminação natural. Quanto às instalações sanitárias, de higiene pessoal e para o preparo da alimentação, estas estão em boas condições de uso.

Figura 117: Escola Municipal Margarida Fiori Tognon (2019).
Fonte: Prefeitura Municipal.

O mobiliário, equipamentos, brinquedos e jogos pedagógicos são adquiridos com recursos do Fundo Nacional da Educação (FNDE), Manutenção e Desenvolvimento do Ensino (MDE) e recursos próprios. A escola também dispõe

de equipamento audiovisual: TV, vídeo, DVD, aparelho de som, computadores e um acervo bibliográfico. Os turnos de atendimento são parciais de 4 horas diárias.

A alimentação é preparada pelas merendeiras, mediante cardápio elaborado pela nutricionista, as quais também recebem treinamento para preparação e qualidade da merenda a ser oferecida a criança, sendo esta acompanhada e fiscalizada pelo Conselho da Alimentação Escolar (CAE), o qual procura zelar pela qualidade dos produtos distribuídos nas instituições.

Os produtos são adquiridos com recursos recebidos da União através do Plano Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e próprios do município. A maioria dos alunos desta escola utiliza transporte escolar municipal financiado com recursos da União através do Plano Nacional do Transporte Escolar (PNATE) e recursos próprios do município, realizado de maneira segura e dentro das exigências do regulamento de execução do transporte escolar.

A instituição de Educação Infantil possui Projeto Político-Pedagógico, Regimento próprio e Plano de Estudos. A integração da Secretaria da Educação com as áreas de Assistência Social e Saúde realiza um trabalho integrado que ocorre de forma sistemática através do Programa Saúde Bucal, onde o profissional da Unidade Sanitária orienta os alunos na escovação e prevenção das cáries, distribuindo material de uso dentário. Também é feito, trimestralmente, a aplicação de flúor com acompanhamento do professor que recebeu orientações do profissional.

Existe na escola o atendimento pedagógico por meio de profissionais habilitados e também conta com uma psicóloga, nutricionista e uma fonoaudióloga, trabalhando períodos em grupos e individuais além de, frequentemente, encaminhar aos pais os resultados dos trabalhos desenvolvidos.

Existe também um planejamento semanal através de projetos interdisciplinares, bem como, organização de palestras educativas tanto para pais quanto para crianças.

A Secretaria de Educação, na medida do possível, procura trabalhar com os educadores da Educação Infantil, abordando temas referentes ao dia a dia do contexto escolar e também realizando encontros para troca de experiências e de estudos, visando a ampliação do processo de ensino/aprendizagem, valorizando o acesso aos conhecimentos do mundo físico e social.

8.4. Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles foi construída com o objetivo de unificar o ensino da rede municipal e Estadual na sede do município e, assim, disponibilizar um espaço adequado para os alunos, com aces-

sibilidade, segurança e tecnologia oportunizando uma educação de qualidade.

Sua criação se deu a partir da Lei Municipal 936/17 de janeiro de 2017, quel criou a Escola Municipal de Ensino Fundamental no Município de Vila Lângaro.

A Escola está localizada na Rua Itamar Artuso, nº 898, Bairro Centro de Vila Lângaro, com uma área cercada com muro e portão eletrônico. Também está sendo construído nas dependências da Escola um Ginásio para a realização de esportes e demais eventos. O Estabelecimento de Ensino tem capacidade para atender 420 alunos e foi construído pela empresa Concremat com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), no valor de R$ 1.021.369,94 e Recurso Municipal de R$63.478,80.

A direção da escola nos anos de 2017/2018/2019 esteve a cargo da Diretora Sideli Cechetti Girardi e do Vice Diretor Fernando Costella. A escola possui três blocos para o atendimento da demanda escolar: Bloco Administrativo que se divide em quatro salas, sendo direção, secretaria, sala dos professores, almoxarifado e banheiro feminino e masculino; Bloco Pedagógico, este dividido em oito salas, sendo: cinco salas de aula, sala de recursos multifuncionais uma sala de Atendimento Educacional Especializado e espaço de leitura; o Bloco de Serviços é formado pela cozinha, almoxarifado, merenda, área de serviço além do banheiro para as funcionárias, todos interligados por uma área coberta. Possui uma horta que é cultivada pelos alunos. Biblioteca, Laboratório de Informática, Sala de Recursos, amplo pátio.

Figura 118: Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles. (02/2017)
Fonte: Prefeitura municipal.

A escolha do nome da escola aconteceu após ter sido feita uma reunião com diversos segmentos da sociedade. Recebeu o nome Cecília Meireles, com o intuito de homenagear a escritora brasileira que foi poetisa, professora, jornalista e pintora, e considerada a primeira voz feminina de grande expressão na litera-

tura brasileira, com mais de 50 obras publicadas.

A comunidade escolar é formada por descendentes de italianos, alemães e Afro-descendentes, e é representada pelo Círculo de Pais e Mestres, que atua fortemente no desenvolvimento e acompanhamento das atividades escolares.

Os educandos na sua maioria são filhos de agricultores, moram no meio rural do município, sendo sua economia advinda da agricultura, gado leiteiro e pecuária. Os demais alunos que residem na área urbana são filhos de funcionários públicos ou que trabalham no comércio local.

A escola é à base da formação humana e está fundamentada nos valores morais para a formação de indivíduos éticos, afetivos, criativos e participativos.

9

A TRAJETÓRIA DO ACESSO À SAÚDE NO MUNICÍPIO DE VILA LÂNGARO

9.1. Os primeiros cuidados com a saúde: Benzedeiros(as), Curandeiros(as), Farmacêuticos(as) e Parteiras

Em cada pedaço de chão do interior do nosso Brasil existem homens e mulheres que são curadores, que aplicam a sabedoria ancestral, em chás de ervas, banhos e benzimentos, com rezas e cantos. Com essas práticas conseguem minimizar muitos dos males que atingem os que os consultam. Assim, são essas pessoas, que conhecem o poder das folhas, das cascas, dos cipós, as luas mais propícias e também as rezas que orientam sua fé na cura.

Pelo efeito da fé daqueles que aplicam conhecimentos de cura que vêm de povos tão distintos - brancos, negros, indígenas - as benzedeiras, curandeiras ou costureiras de machucaduras, como também são conhecidas em alguns lugares, têm suprido a falta de atendimento médico em localidades remotas.

Há também quem, mesmo nas cidades, prefira procurar uma benzedeira para casos em que a cultura popular identifica como sendo de trato das benzedeiras - empacho, espinhela caída, quebrante, bucho virado, e tantos outros nomes que o povo usa para designar sensações físicas muito incômodas.

O saber popular com diferentes versões e rituais, tem por objetivo curar doenças e afastar más energias, ou seja, levar o bem através de sussurradas e milagrosas palavras. Entre muitos que existiram aqui em nossa comunidade podemos citar Pedrinho Teixeira, Horizontina Machado de Lírio, Maria Dalmagro e Virginia Rocha dentre muitos que fizeram parte da histórias dos benzedeiros em Vila Lângaro.

9.2. Farmacêutico

Um dos principais farmacêuticos que atuaram em Colônia Lângaro foi o senhor José Dutra Valinodo. Nascido em de agosto de 1909 e falecido em 03 de outubro de 1978, foi casado com Heracleia Machado, Dona Téia.

Residiam no centro de Colônia Lângaro, em uma casa grande com um corredor que dava para a despensa, onde ele guardava sua bicicleta, meio de transporte usado para visitar e cuidar dos doentes. Todos os dias seu Valinodo fazia visitas aos seus pacientes era um homem extremamente educado.

O farmacêutico Valinodo assumiu a função de médico devido ao seu vasto conhecimento em cuidados para com a saúde das pessoas. Foi muito eficiente em incontáveis casos de moléstias onde ofereceu seu serviço e conseguiu bons resultados.

Por muitos anos o casal residiu em Colônia Lângaro sendo que anos mais tarde passaram a morar em Santo Antonio, interior de Carazinho-RS, onde vieram a falecer, mas continuam vivos na memória daqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-los.

Figura 119: Heracleia Machado, filho Aldir e o senhor Valinodo.
Fonte: Maria Bedendo.

9.3. Parteiras

Até o aparecimento da medicina moderna, as mulheres pariam seus filhos em casa, e eram assistidas por outras mulheres que sabiam “aparar crianças”. Os acontecimentos acerca da gravidez, do parto e do cuidado com as crianças eram decifrados por práticas e gestos de uma cultura essencialmente feminina que ainda trilhava equidistante ao olhar da Medicina.

Assim demonstra Del Priore (1993), em seu livro Ao sul do Corpo, as práticas que envolviam o parto das mulheres no Brasil colonial eram um evento de mulheres; revela também que a situação agonizante gerada por um parto difícil requer a participação da vizinhança, tornando-o um evento coletivo.

Ressalta ainda que "as mulheres se valiam de rezas e benzimentos", bem como de instrumentos do mundo doméstico, como a bacia, a tesoura, para cortar o cordão umbilical, e da garrafa de cachaça, para limpar a tesoura, assim como do azeite, óleo ou banha, para as massagens – o parto era um momento de solidariedade entre mulheres que contavam com a ajuda das parteiras, chamadas de aparadeiras ou "comadres" (DEL PRIORE, 1993).

Embasados em Giddens (1995), podemos dizer que, no contexto tradicional, as parteiras agiam como guardiãs de alguns aspectos da memória coletiva, que é compreendida por ele como a contínua reconstrução do passado, tendo como sustentáculo o presente.

A tradição então faz uso de rituais que a revitalizam no presente; essa reconstrução pode ser em parte individual, mas é essencialmente social e coletiva. O autor enfatiza que a tradição envolve o que ele denomina de verdade formular "aquilo que liga o sagrado à tradição e que torna os aspectos centrais desta última intocáveis", à qual, apenas determinadas pessoas têm acessibilidade.

A primeira parteira da região foi Luiza Zatt Costella, residia com seu esposo João Costella, em Linha Costella onde foram os fundadores daquela comunidade. Luiza por muitos anos dedicou-se a função de parteira de toda a redondeza.

Também ajudava o seu marido nas tarefas da roça e a noite tecia usando a roca e o fuso, fazendo o tecido para confeccionar as roupas para a família.

Outras parteiras fizeram parte da história do município como podemos observar nas fotos seguintes:

Figura 120: Rosalia Martarelo Arcari.
Fonte: família Arcari

Figura 121: Augusta Frison Fortunato.
Fonte Família Fortunato.

Figura: 122: Aguida Machado de Lírio, casada com Otacilio de Lírio.
Fonte: Família de Lírio.

Rosalina Marcon Negri

Figura 123: Rosalia Marcon Negri.
Fonte: Família Negri

Rosalina Marcon Negri nasceu em São Marcos – RS, casou-se com Augusto Negri e com ele teve 12 filhos. Em meados de 1940 mudaram-se para o distrito de Colônia Lângaro com 7 de seus filhos, e o restante deles nasceu já aqui na nova moradia.

Pela sua profissão, muito prestativa, realizou muitos partos e trouxe muitas pessoas ao mundo. Contam também que em 1965, quando aqui nevou, durante a noite, com cerca de 60 cm de neve sobre o chão, Dona Rosália precisou sair de casa, e ir socorrer duas mães que estavam em trabalho de parto e ajudar a trazer ao mundo seus filhos.

Margarida Fiori Tognon (Dona Rita)

Figura 124: Margarida Fiori Tognon (Dona Rita).
Fonte Família Tognon.

Figura 125: Anna Maria Marcon Fortunato com a bisneta Eliane Fortunato Piroli.
Fonte: Mariza P. Cechetti

Nasceu em 05/02/1916, em Colônia Lângaro, onde se casou com Eugênio Tognon e teve 13 filhos, 50 netos, 58 bisnetos e 03 tataranetos.

Sempre atuou na comunidade ajudando na igreja e principalmente sendo parteira por 45 anos. Para ela não importava frio, chuva ou calor, quando solicitada pegava seu cavalo e se deslocava até as casas para atender as mulheres e as crianças, deixando sua casa e família para trás e muitas vezes voltando após dois ou três dias, isso quando no trajeto não era solicitada para ir atender em outra casa e retornando após uma semana.

Foram inúmeras crianças que nasceram com a ajuda dela, sendo que este trabalho era voluntário sem custo às famílias. Além disso, levava comida e roupa para as pessoas que ela atendia, pois muitas famílias passavam por dificuldades. Margarida Fiori Tognon faleceu em 05 de fevereiro 1998.

9.4. Pastoral da Saúde

Agentes Voluntários e Pastoral da Saúde

Há aproximadamente trinta anos formou-se um grupo de pessoas principalmente que moravam no interior, voluntárias, com o desejo de aprender alguns cuidados básicos relacionadas a saúde. Esse grupo foi coordenado pela Sra. Maria Beatriz Kunkel, que possuía vasto conhecimento na área da saúde alternativa. O curso foi ministrado em uma sala de reuniões da Sociedade Hospitalar Santo Antônio, de Tapejara, por um ano e meio, com estágio no próprio hospital.

No curso foram ensinadas técnicas para puncionar veia, verificar a pressão

arterial, primeiros socorros e medicina alternativa, através de plantas medicinais. Após as pessoas estarem aptas, começavam a ser chamadas quando alguém estava doente e assim as mesmas ensinavam chás, verificavam pressão, aplicavam medicação, retiravam pontos de cirurgias, faziam curativos enfim, eram chamadas de enfermeiras.

Também repassavam o conhecimento sobre a medicina alternativa em reuniões de grupos de mulheres, nas comunidades.

Este serviço ainda é reconhecido por muitas pessoas e podemos vivenciar a existência do Grupo de Agentes Voluntárias da Saúde em nosso município alinhando-se à Secretaria Municipal da Saúde, Sindicato e EMATER.

9.5. Primeira Unidade Saúde de Colônia Lângaro

A Unidade Saúde de Colônia Lângaro ficava ao lado da Escola Estadual Marquês de Maricá. Trabalhou neste local a primeira enfermeira do município, Augusta Arcari Costella. Atuando por mais de trinta anos como enfermeira encerrou sua carreira na Unidade de Saúde de Vila Lângaro.

A Unidade de Saúde começou a funcionar em 1982 onde eram prestados serviços básicos a população, bem com eram feitas as vacinações. Havia dentista e médico uma vez por semana.

Figura 126: Vista do posto de saúde na década de 80.
Arquivo Augusta Arcari Costella.

Figura 127: Enfermeira Augusta Aarcari Costella aplicando a vacina na Campanha de Vacinação Antipoliomielite de 05/07/2011.
Fonte: Prefeitura de Vila Lângaro.

9.6. Unidades Básicas de Saúde de Vila Lângaro

O município de Vila Lângaro conta com três Unidades de Saúde, duas em funcionamento: uma localizada na sede e a outra na comunidade de Colônia Nova. A unidade localizada na comunidade de São Roque ainda não foi liberada para atendimento.

Possui um Conselho Municipal de saúde que foi criado em 23 de março de 1998 através da Lei Municipal n° 091/98 e tem como objetivo criar condições financeiras e de gerência dos recursos destinados ao desenvolvimento das ações e serviços de saúde executado e coordenado pela Secretaria Municipal da Saúde.

A municipalização dos serviços de saúde permitiu a descentralização das ações de saúde, a participação popular na definição das diretrizes norteadoras da política municipal da saúde.

Ao aderir a municipalização da saúde o município está em consonância com a Constituição Federal de 1988, que estabelece, em seu artigo 198, que as ações básicas e serviços públicos da saúde constituem um sistema único, com direções em cada esfera do governo (Federal, Estadual e Municipal), dando prioridade para as atividades preventivas e permitindo a participação da comunidade organizada.

A Secretaria da Saúde presta os seguintes serviços para a população de Vila Lângaro: consulta com médico clínico geral, ginecologista, obstetra, pediatra; coleta de material para exames: cito- patológicos; serviços de nutrição, odontologia, enfermagem, psicologia, fisioterapia, fonoaudiologia, aplicação de vacinas, nebulização, teste do pezinho, verificação de pressão, suturas, curativos e retirada de pontos, pequenos procedimentos como retiradas de lesões e encaminhamentos de biópsias ao SUS, entrega de medicamentos e coleta de sangue para exames laboratoriais para pesquisas de hepatite solicitadas pelo protocolo

de documentação de medicação via Estado.

São feitos fora do município serviços especializados: Raios-X, Mamografias, Ultrassonografias Computadorizadas, Tomografias Computadorizadas, Eletrocardiograma, Ressonância Magnética, Urografia, Enema Opaco, Ecocardiografía, Colonoscopia, Densitometria Óssea, Endoscopia Digestiva, Retinografia Ocular, Fisioterapia e Fisioclinica entre outros.

Estão à disposição dos pacientes do município os médicos especializados, prestando serviços no Hospital São Vicente de Paula, Hospital da Cidade, Banco de Olhos ambos em Passo Fundo, Hospital Santo Antônio em Tapejara, Hospital São João em Sananduva e Hospital São José em São José do Ouro.

Figura 128: Posto de saúde na cidade de Vila Lângaro em 2020.
Fonte: Prefeitura municipal

10

ASSISTÊNCIA SOCIAL DO MUNICÍPIO DE VILA LÂNGARO

A Assistência Social tem por objetivos: a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice; o amparo às crianças e adolescentes carentes; a promoção de sua integração ao mercado de trabalho; a habilitação e/ou reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária; a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso, que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, garantindo o repasse da esfera federal.

A Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS) é órgão voltado a garantir a eficácia e eficiência do Sistema Descentralizado da assistência social no âmbito do Município e tem por finalidade: executar a política de assistência social no município; mobilizar, instrumentalizar e articular a rede intergovernamental, com a participação efetiva de representantes de segmentos da sociedade, de trabalhadores da área e de universidades para elaboração do Plano Municipal de Assistência Social, adequando-o às diretrizes da Política Nacional de Assistência Social; elaborar a proposta orçamentária da Secretaria, respeitando as demandas sociais; propor os critérios de transferência de recursos financeiros; proceder a transferência dos recursos destinados à assistência social, conforme legislação vigente; expedir atos normativos necessários à gestão de Assistência Social, de acordo com as diretrizes estabelecidas e de acordo com a legislação; elaborar os programas anuais e plurianuais de aplicação dos recursos de Assistência Social; realizar a execução orçamentária e financeira dos recursos da Secretaria Municipal de Assistência Social e do Fundo Municipal de Assistência Social.

Programas sociais do governo federal e Serviços de proteção social básica

A proteção social básica compõem-se precipuamente dos seguintes serviços socioassistenciais, nos termos da Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais, sem prejuízo de outros que vierem a ser instituídos: Serviço de Prote-

ção e Atendimento Integral à Família – PAIF; Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV; Serviço de Proteção Social Básica no Domicílio para Pessoas com Deficiência e Idosas e Serviço de Proteção Social Básica executado por Equipe Volante. Parágrafo único. O PAIF deve ser ofertado exclusivamente no Centro de Referência de Assistência Social - CRAS.

Serviços de proteção social especial

A proteção social especial será viabilizada através da Equipe de Referência da Secretaria de Assistência Social e ofertará os serviços socioassistenciais de forma integrada com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), nos termos da Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais de Proteção Social de Média e Alta Complexidade, sem prejuízo de outros que vierem a ser instituídos. Parágrafo único.

Nos casos da proteção social especial de Alta Complexidade, na qual se faz necessário o acolhimento em Abrigos, Casas de Passagem, Repúblicas, Casa de Amparo, Instituições de Longa Permanência para Idosos e outras, serão viabilizadas formas de acolhimento através de Convênio com Instituições que prestem o Serviço demandado.

10.1. Conselho Tutelar

O município de Vila Lângaro possui um conselho Tutelar formado por cinco conselheiros tutelares, eleitos por voto direto, para um mandato de 4 anos a partir do ano de 2005, através da Lei de Criação 304 do ano de 2004.

Suas atribuições mais relevantes são a de atender às crianças e adolescentes sempre que seus direitos forem ameaçados ou violados; atender e aconselhar os pais ou responsáveis, aplicando as medidas previstas em Lei.

11

ESPORTE, CULTURA E LAZER

O esporte do Município de Vila Lângaro sempre teve papel de destaque pela sua diversidade e competitividade a nível regional. A cultura e o lazer sempre fizeram parte da história do povo Vila Lângarense, sendo que um pouco dessa história será contada neste capítulo desta obra.

11.1 Quadro de Laçadores Touro Preto

O quadro de laçadores Touro Preto foi fundado no ano de 1963 na comunidade do campo redondo, e por décadas realizou grandes torneios de tiro de laço.

O quadro de laçadores foi fundado pelas seguintes tradicionalistas: Dorival Teixeira, Hilário Bitencourt, Alvadi Ghelen e Dorival Boeira Rocha.

Figura 129: Fundadores do Quadro de Laçadores Touro Preto (data incerta). Da esqueda para a direita; Hélio Teixeira, Leoneves da Silva , Zeca, Orlei Teixeira Brazaga (menino), Dorival Teixeira, José Candido Alves da Silva, Darci Novello, Zélio Lopes, Hilário Bitencourt.
Fonte: Eloá Teixeira.

Segundo depoimento da Senhora Eloá Teixeira, nos primeiros anos os torneios de tiro de laço foram realizados na sede da propriedade de Dorival Boeira Rocha. Posteriormente foi construído um novo parque na propriedade do Senhor Dorival Boeira onde ocorriam todos os anos o tradicional torneio de laço.

Figura 130: Grupo do quadro de laçadores Touro Preto. Da esquerda para a direita; Alvadi Ghelen, Hélio Teixeira, Leoneves da Silva, José Candido Alves da Silva, Hilário Bitencourt, Zélio Lopes, Darci Novello, Iri Teixeira, Dorival Teixeira. Agachados, Alexandre Teixeira e Orlei Teixeira Brazaca.
Fonte: Eloá Teixeira

Após alguns anos, contribuíram para a realização dos eventos os senhores Eri Teixeira, Hélio Teixeira, João Batista Teixeira, Caboclo Boeira, Dimorvan Teixeira e Alexandre Teixeira.

Um dos últimos torneios realizados nesse quadro de laçadores ocorreu no ano de 2004, terminando assim um evento muito importante em nosso município. Isso ocorreu porque a maioria dos membros do quadro de laçadores foram residir em outros municípios ou haviam falecido.

Figura 131: Dorival Teixeira praticando tiro de laço.
Fonte: Eloá Teixeira.

11.2. Carreiras de Cancha Reta

As corridas de carreiras foram eventos tradicionais a muitos anos atrás e as canchas existiram em vários locais do interior. Uma das mais tradicionais canchas de carreira se localizava na propriedade de Rodolfo Crespi, e atraía centenas de pessoas. Nela sempre competiam 2 animais em raias de 100 metros.

Figura 132: Corrida de cavalos na Raia do Rodolfo Crespi (sem data).
Fonte: Helena Oliboni.

Figura 133: Corrida de cavalos na Raia do Rodolfo Crespi.
Fonte: Helena Oliboni

Segundo depoimentos do senhor Vitorino Biasotto as principais canchas de carreiras se localizavam em São Roque onde hoje se localizam terras da família Zanqueta.

Outra cancha existia na propriedade do senhor João Batista Segatti em São Bernardo próximo da propriedade de Vilson Parizotto. Também existia uma cancha na propriedade de Pedro Sirtoli próximo da propriedade de Valdir Weber e outra na sede do município em terras de Vitório Lângaro.

Em todas essas canchas as apostas eram feitas em dinheiro, em espécie, em apostas particulares.

11.3. Jogos de Bocha

O jogo de bochas sempre foi uma atividade de lazer muito praticada em nosso município. Esse esporte foi trazido pelos imigrantes italianos sendo que as canchas eram feitas sempre ao lado do salão de festas das comunidades.

Muitas canchas eram feitas no chão batido com areia fina e extremamente socada para dar o formato plano e sem buracos que era necessário para que as bochas rolassem na direção correta.

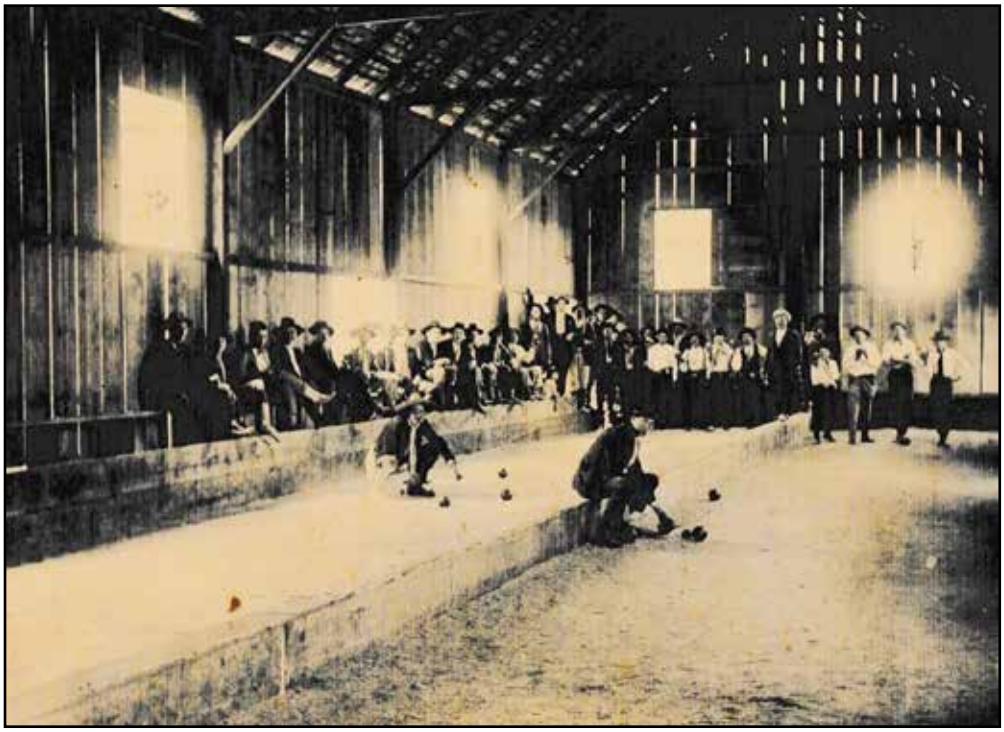


Figura 134: Jogo de bochas em Colônia Lângaro, meados 1930.
Fonte: Igreja Nossa Senhora Rosário, Vila Lângaro.

Nas bodegas da sede eram comum os homens jogarem até altas horas da madrugada sendo que os moradores do centro relatam que se ouvia o estouro das batidas no fundo de madeira da cancha.

Esporadicamente algumas equipes de bocha participam de torneios e campeonatos em municípios vizinhos.

11.4. Futebol de Vila Lângaro

O esporte sempre esteve muito presente na cultura do povo de Vila Lângaro. Desde a fundação das primeiras comunidades uma das preocupações dos moradores era a construção da igreja e do salão, mas em seguida a ordem era encontrar um lugar apropriado para a construção de um campo de futebol.

Através de relatos de alguns dos jogadores mais velhos da que participaram da história do futebol de Vila Lângaro, Victorino Biazotto, João Costella e Raimundo Arcari ouvimos histórias de como se organizava o futebol naquela época.

Na época a maioria dos campos de futebol eram improvisados em potreiros de membros da comunidade, sendo que as goleiras eram feitas de madeira bruta doadas pelos membros do time.

Para não estragar a grama do potreiro o terreno não recebia cuidados de terraplenagem sendo bastante ondulados. Era comum haver brincadeiras com o campo dos adversários, dizendo que "se fosse tirar o nível do campo, de uma goleira não dava pra enxergar a outra".

Também era comum o time da casa querer escolher sempre o lado do campo pois era interessante jogar primeiro "a subir" para no segundo tempo quando os jogadores estivessem mais cansados jogar "a descer", ou seja a favor do declive do campo.

Outro problema que tinha que ser resolvido era em relação a limpeza do campo, pois como durante a semana o gado pastava no potreiro era necessário a retirada do esterco para não atrapalhar o desempenho dos times.

Na comunidade de Vila Lângaro onde hoje é a sede do município não steme documentos preciso que possa indicar a data de fundação do primeiro time de futebol, que se chamava 7 de Setembro.

Pelo depoimento de Victorino Biazotto e até onde sua memória alcança "o 7 de setembro surgiu por volta de 1940", sendo que foram encontradas fotos do time no ano de 1955. Ele relatou que os principais times com que jogavam eram: Linha Salete, Vila Campos, Água Santa, Atlético Tapejara e São Paulo Tapejara.

O senhor Victorino relatou que certa vez "ele e alguns amigos chegaram ir a cavalo jogar futebol para um time de Água Santa, tamanha era a vontade de jogar".

O campo onde eram realizados os jogos pertencia ao estado do Rio Grande do Sul em área da escola estadual. Para a construção do campo vários pinheiros tiveram que ser derrubados.

Por muitos anos o 7 de Setembro (ver figura 130), foi o único time de futebol da comunidade de Vila Lângaro, sendo que para comportar o grande número de jogadores que existia na época fazia-se necessário a existência de dois times. Os melhores jogadores jogavam no time principal e os mais jovens e menos habilidosos jogavam no "segundinho".

Figura 135: Time do 7 de setembro 1955. Em pé da esqueda para a direita: Gentil Arcari, Armando Arcari, Ivo Gasparin, Victorino Biazotto, Silvestre Fortunato e José Mascarello. Agachados da esquerda para a direita: Eduardo Nondilo, Sadi Langaro, Aldino Langaro, Orozimbo Parizotto e Antonio arcari.
Fonte: Arquivo Igreja Nossa Senhora do Rosário de Vila Lângaro.

Segundo Raimundo Arcari, com o passar dos tempos alguns jogadores do "segundinho" do 7 de Setembro passaram a reivindicar a titularidade no time principal, e vendo que esse caminho era muito difícil devido ao grande número de atletas que se destacavam ocorreu a saída de alguns jogadores do 7 de Setembro resultando na fundação do Guarani.

O Guarani foi fundado por um grupo de amigos por volta de 1975 como mostra a figura 134.

Figura 136: Time do Guarani 1977. Em pé da esquerda para a direita: Paulino, Gildo Arcari, Raimundo La ngaro, Célio Aimi, Alcides Weber e Libero Tognon. Agachados da esquerda para a direita, Raimundo Arcari, Gelson, João Costella, Telmo Nondilo e Gilson Almeida (1977). Treinador: Pedrinho Kurtz.
Fonte: João Costella.

Como a rivalidade entre o Guarani e o 7 de Setembro foi grande no início foi-se necessário construir outro campo de futebol ao lado daquele que já existia. Portanto a comunidade de Vila Lângaro passou a ter 2 times principais e 2 segundinhos mobilizando um grande números de atletas apaixonados por futebol.

Tanto o 7 de Setembro quanto o Guarani ao realizarem seus jogos fora de casa se deslocavam com caminhão para outras localidades. Era uma diversão só, apesar da poeira, chuva e frio no rosto. Nesses jogos a participação de mulheres e crianças era intensa para apoiar o time.

Associação Vila Lângaro

Figura 137: Em pé da esquerda para a direita: Domingos Bedendo, Valdoni da Silva, João Costella, Osvino Seidler, Darci Stefini, Nico Langaro, Urbano Seidler. Agachados da esquerda para a direita: Valdemar Seidler, Vildo Tognon, Paulino Costella, Olívio Langaro, Nelson Bordignon, Dido Langaro. (1980).
Fonte: João Costella.

Segundo depoimentos de João Costella, com o passar dos anos o Guarani e 7 de Setembro se uniram para disputar o campeonatos, sendo que por volta dos anos 1985 novamente se dividiram surgindo o Internacional de Vila Lângaro e novamente o 7 de Setembro.

Competições

As principais competições que o 7 de Setembro e o Internacional participavam eram torneios nas comunidades, campeonatos municipais de Tapejara e amistosos entre comunidades.

Por falar em torneio entre comunidades, esse foi talvez o maior entreteni-

mento dos anos 70- 80 e 90. Realizavam-se grandes torneios geralmente em dias de festas, onde verdadeiras multidões se aglomeravam em torno do campo de futebol para acompanhar a realização do torneio.

No início do torneio jogava-se alguns minutos para ver quem se classificava no tempo normal, e caso houvesse empate a decisão iria para as penalidades.

Com o desenrolar do torneio e o horário apertado devido ao entardecer, as partidas iam direto para as penalidades máximas. Não era incomum, alguns torneios terminarem altas horas da noite com o auxílio de iluminação de carros e tratores.

A premiação dos torneios era algo bastante peculiar, nos primeiros torneios dava-se uma taça aos campeões sendo que posteriormente a premiação passou a ser a seguinte: o primeiro prêmio era um novilho, o segundo prêmio um leitão ou uma ovelha, e o terceiro prêmio um litro de whisky ou uma caixa de cerveja.

No início dos anos 2000 o 7 de Setembro encerrou suas atividades, ficando apenas o Internacional que alguns anos depois também parou suas atividades esportivas.

Por volta do ano de 2005 um grupo de pessoas montou um time de veteranos que realizavam algumas partidas nos domingos de manhã sendo que por alguns anos foi a única equipe da sede do município a manter atividades esportivas.

No ano de 2009 surgiu uma nova equipe de futebol na cidade, o Clube Esportivo Vila Lângaro (CEVIL), sendo que até os dias atuais essa equipe realiza jogos a cada quinze dias, levando o nome do futebol de Vila Lângaro para a região do planalto médio.

Figura 138: Time do Cevil em 2016. Em pé da esquerda para a direita: Adriel Biazotto, Felipe Fontana, Mauro Dalagasperina, Gericlei Biazotto, Leonardo Costella, Daivid Assis, William Ghelen, Marcos Fontana, Eduardo Bordignon, Cassiano Seidler. Agachados da esquerda para a direita: Adriel Fortunato, Everton Costella, Vinícius Tognon, Fernando Costella, Valdecir Giotti, Cristian Rovani, Rafael Parizotto, Daniel Biazotto.
Fonte: Leonardo Costella.

11.5. O Futebol nas comunidades do interior do Município de Vila Lângaro

- **São Bernardo:** por muitos anos essa comunidade possuía um time de futebol chamado Atlântico, mas que há muitos anos não existe mais devido a diminuição do número de moradores naquela comunidade.

Figura 139: Time do Atlântico em 1980. Em pé da esquerda para direita: Valdir Parizotto, Domingos Favaretto, Valdemar Stefni, Eloi Oliveira (in memorian), Alcides Verdi, Valdir Oliveira e Nelson Segat (in memorian). Agachados da esquerda para a direita: Nini Oliveira (in memorian), Moacir Biazotto, Valdecir Oliveira, Nelson Rebesquini, Dino Biazotto, Ivanir Parizotto.
Fonte: Odacir Dalmina.

- **São Luiz do Gramadinho:** União de São Luiz. Foi campeão municipal de Tapejara no ano de 1993. Esse time também foi campeão municipal de Vila Lângaro. O União de São Luiz intercala períodos em atividade e inatividade.

Figura 140: Time do União de São Luiz (2015). Em pé da esqueda para a direita: Heitor Biazotto, Erick Girardi, Walmir da Silva, Leonardo Dametto, Joã Vitor Martins Pinto, Elisandro Favaretto, David Milani, Ezequiel Panisson, Eduardo Teixeira. Agachados da esquerda para a direita: Leonardo Morandi, Renan Biazotto, Everton da Silva, Douglas da Silva e Andrei.
Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Vila Lângaro.

- **São Roque:** na comunidade de São Roque existe um time de futebol chamado Corinthians, sendo que esse time está em plena atividade. A Comunidade de São Roque participa assiduamente dos campeonatos de futsal do município de Vila Lângaro, com equipes bastante competitivas.

Figura 141: Corinthians de São Roque (2015). Em pé da esquerda para a direita Cristian Dalemolle, Nilson Dalemollefonte, Jean Fontana, Evandro Ulhen, Rudimar Weber, Mateus Parizotto, Dimas Fontana, Madaloso, Lindomar Paniaaon. Agachados da esquerda para a direita: Maurício Marcon, Marcos Fontana, Fábio Ferro, Marcos Rovani, Ivan Fontana, Evandro Rovani, Adair Fontana, Eduardo Bordignon, Vinícius Cadore, Willim Dalmina.
Fonte: Evandro Rovani

- **Linha Salete:** A comunidade de linha Salete sempre foi bastante tradicional no esporte do município possuindo um time de futebol chamado Esportivo. Esse time sempre participou dos campeonatos de futebol de campo fazendo boas campanhas e sempre levando bastante torcida para apoiar o time.

Figura 142: Time do Esportivo por volta de 1960. Fonte: Em pé da esqueda para a direita; Romildo Giotti, Onorino Giotti, Alfredo Rovani, Dorvalino Guidini, Schuster e Reinaldo Rigo. Agachados da esqueda para a direita; Atalíbilo Schuster, Otávio Schuster, Adão Rocha, Rosalino Savaris e Roque Biazotto.
Arquivo comunidade linha Salete.

No futsal o time da comunidade sempre teve destaque, sendo que em uma edição do campeonato de futsal organizado no salão comunitário de Vila Lângaro a comunidade colocou duas equipes, sendo que as duas chegaram a final levando a comunidade a conquistar o primeiro e segundo lugar.

- **Linha Schleder:** Na comunidade existia uma equipe de futebol de campo chamada de Brilhante, sendo que a mesma conquistou o campeonato municipal de Vila Lângaro.

De acordo com depoimentos do senhor Sutel Teixeira antes do surgimento do brilhante a comunidade jogava futebol no campo do seu Rodolfo (gato veio).

- **Colônia Nova:** essa comunidade é uma das mais tradicionais do município tanto no futebol de campo quanto no futsal.

A associação Renner participou da maioria dos campeonatos municipais de Vila Lângaro e nos dias atuais possui uma organizada associação de futebol sete com a realização de grandes torneios de futebol.

Figura 143: Campo de futebol sete do Renner de Colônia Nova (2020).
Fonte Marcelo Biazutti

- **América do Timbó:** era uma equipe de futebol que existia em nosso município e mandava seus jogos em um campo localizado entre a comunidade de Campo Redondo e São Pedro do Rio do Peixe. Já fazem muitos anos que esse time está extinto.

Futsal em Vila Lângaro

Vila Lângaro sempre teve muita tradição no futebol de salão, sendo este um esporte muito praticado na cidade e nas comunidades do interior do município.

Na década de 1980 começou a serem organizados os primeiros campeonatos de futebol de salão na quadra da comunidade de Nossa Senhora do Rosário, atualmente sede do município. Nos primeiros anos os campeonatos recebiam apenas jogadores das comunidades vizinhas, sendo que na época ainda eram pertencentes a Tapejara. Posteriomente os campeonatos passsaram a ser abertos podendo participar times de outros municípios.

Alguns anos após a emancipação, esses campeonatos continuarm a ser realizados no salão comunitário de Vila Lângaro, mas a organização dos mesmos passou a ser de responsabilidade da prefeitura municipal.

A partir de 2015 os campeonatos passaram a ser realizados no ginásio municipal Arcenio Angelo Biazotto que conta com uma excelentre estrutura para

a prática deste esporte. Ocorrem anualmente campeonatos aberto (livre) e fechado (pessoas que possuem vìnculo direto com o município), nas categorias masculino, feminino e veteranos.

A seguir algumas fotos das equipes participantes do campeonato municipal de 2016.

Figura 144: equipes participantes do campeonato futsal 2016 de Vila Lângaro.
Fonte: Prefeitura Municipal

Figura 145: Equipes participantes do campeonato municipal 2016.
Fonte: Prefeitura Municipal

11.6. Consulado Colorado de Vila Lângaro/ Associação dos Colorados

O Consulado Colorado de Vila Lângaro foi fundado no ano de 2015 pelos seguintes associados: Fernando Costella (eleito Cônsul do Internacional no município de Vila Lângaro), Aurio Fortunato, Adriel Fortunato, Vagner Biazus, Airton Furst, César Augusto Langaro e Rafael Mascarello.

Figura 146: Placa da Associação dos Colorados na entrada de cidade (2019).
Fonte: Fernando Costella.

O Consulado realiza viagens para assistir aos jogos do Internacional em Porto Alegre, mantém uma placa na entrada de nossa cidade dando as boas vindas aos visitantes de nosso município, além de realizar encontros de integração com os colorados de nosso município e municípios vizinhos.

11.7. Maratonista

Vila Lângaro teve em sua história um maratonista que se destacou no cenário gaúcho, correndo muitos anos pela Sogipa de Porto Alegre.

Ainda jovem o senhor Volmar Costella, filho de Domingos Antonio Costella e Lourdes Gasparin Costella, começou a se destacar nas atividades de ginástica e corridas realizadas na escola. Com incentivo de seu professor de educação física Eugênio Post, Volmar Costella foi fazer testes na Sogipa de Porto Alegre no ano de 1987, sendo aprovado e neste mesmo ano passou a correr por esse clube de ginástica de Porto Alegre.

Volmar correu pela Sogipa até o ano de 1997 tendo conquistados vários títulos em maratonas, e participado de corridas em outros países como Estados Unidos, Uruguai e Argentina.

Figura 147: Placa na Sogipa em homenagem aos atletas de 1997 e medalha conquistada na tradiconal corrida de New York, Estados Unidos em 1992.
Fonte: Volamr Costella

Figura 148: Volmar Costella na maratona de Canoas- RS em 1991.
Fonte: Volmar Costella

11.8. CTG Gentil Boeira

A primeira reunião para organizar a sociedade tradicionalista aconteceu no dia 29 de janeiro de 1987, no bar do Sr. Alcides Biazzoto, às vinte horas, onde o Sr. Arcenio Angelo Biazzoto doou um terreno medindo mil e duzentos metros quadrados.

Nesta mesma noite nomearam os membros para liderarem os trabalhos: Alécio Milani, Arcenio Angelo Biazzoto, Romildo Arcari, Olinto Tognon, Ildo Tognon, Vilson Arcari, Marcos Limberger, Adão Tognon e Paulo Edson Tognon.

No dia 21 do mesmo mês e ano, reuniram-se novamente para fazer a escolha do nome da entidade. Vários nomes foram sugeridos e após uma votação foi escolhido o nome do Centro de Tradições Gaúchas de Vila Lângaro que se chamaria Gentil Boeira. O senhor Gentil Boeria era neto de João da Silva Rocha (conhecido por Jango) e sua esposa Francisca de Oliveira (conhecida por Chica), reconhecidos como os primeiros estancieiros a ocuparem e regularizarem as terras na região.

Figura 149: CTG Gentil Boeira em 2020.
Fonte: Eneide Negri

No dia 31, subsequente, foi eleita, por votação, a 1ª comissão que ficou assim disposta: Patrão: Olinto Tognon, 1º Capataz: Alécio Milani, 2º Capataz: Ildo Tognon, 1º Sota Capataz: Edson Paulo Tognon, 2º Sota Capataz: Romildo Arcari, 1º Agregado: Arcenio Biazotto, 2º Agregado: Adão Tognon e Patrão Conselheiro: Marcos Limberger.

Com muito esforço, dedicação e união conseguiram erguer o Galpão e, finalmente, no dia 31 de março de 1987, é fundada oficialmente esta entidade que recebe o nome de CTG Gentil Boeira, em homenagem a um dos primeiros moradores dessa localidade que tinha muitos hábitos gauchescos.

O Lema escolhido para essa entidade foi: "Tronco do Passado Espelho do Futuro".

Foi inaugurado em 14 de novembro de 1987, com missa crioula e a benção do Galpão. O fandango de inauguração foi com o Grupo Vaqueanos, de Soledade/RS. Desde então o CTG recebe tradicionalistas Vila lagarense e de toda a região, cultivando com muito orgulho essa tradição.

A Bandeira do CTG foi criada por Tatiana Tognon, através de um concurso com alunos das Escolas.

Muitos Patrões e Patroas aceitaram os desafios de conduzir essa entidade sem medir esforços assim deixando suas marcas registradas com grande empenho.

Figura 150: Membros da Invernada Mirim do CTG Gentil Boeira- 20/09/ 99. Marina Brasaga e Antônio Edu Brasaga, Nathalia Cechetti e Vinícios Tognon, Nátali Tognon e Jarbas Weber, Daniela Arcari e Claudio Junior Limberger, Valéria arcari e Daniel Langaro, Matheus Cechetti e Júlia Borgo, Dionata Langaro Ana Claudia Langaro, André Langaro e Anúbia Nascimento, Gustavo Costella e Patrícia Denardi, Cristiam Rovani e Fernanda Bordignon, Rubens Borgo e Letícia Costella, Marcieli Cambrus e Camila Marcon. Professor Juva.
Fonte: Eneide Negri

Figura 151: Invernada Juvenil 1999. Da direita para a esquerda: Flavia Rovani e Leandro Costella, Ana Paula M. Pinto e Diego Favaretto, Micheli Cambrus e Claudimar Segatti, Elizabete Seidler e fernando Bordignon, Maiara Cambrus e Adriano Artuzo, Patrícia Stefni e Fábio da Silva, Vanessa Costella e Rafael Parizotto, Camila Marcon com a bandeira e o professor Juva.
Fonte: Eneide Negri

11.9. Bandas Musicais

Os Andarilhos

Foi uma banda que surgiu na comunidade de Linha Salete no ano de 1979 e animavam bailes e matines na região de Tapejara, Sananduva, Campinas do Sul, Ibiaça dentre outras localidades. Seus integrantes foram: Roque Joaquim Rovani (guitara), João José Rovani (guitarra), Silvestre Tadeu Langaro (gaita), Miguel Alécio Rovani (teclado), Altamiro João Bisutti (bateria).

A banda atuou até 1982 quando seus componentes decidiram encerrar as atividades.

Os Comunicativos

O lançamento da Banda Os Comunicativos foi no salão Comunitário de Vila Lângaro no dia 07 de junho de 1980. Era formada pelos seis irmãos da família Costella: Wilson, Valdir, Moacir, Celso, Jaime e Bernardete. Mais tarde Marines, esposa de Wilson também entrou para o grupo musical. Do ano de 1984 hà 1991 a banda gravou cinco discos de vinil e mantinham uma boa agenda de trabalho, animando bailes e festas, levando o nome de sua terra, Colônia Lângaro a inúmeros lugares.

Figura 152: Foto da capa dos discos lançados pela banda.
Fonte: Wilson Costella.

As músicas da Banda rodavam em várias emissoras de rádio da região e até em alguns municípios de Santa Catarina. Com o passar dos anos os membros da banda acharam que era hora de parar e seguir outras profissões devido ao cansaço das viagens e as noites em claro animando os bailes.

Atualmente o grupo não se apresenta mais em bailes, porém continua ativo animando festas locais participando e contribuindo na liturgia da igreja com canções litúrgicas.

Banda Sedex

A Banda Sedex foi fundada por um grupo de amigos no ano de 2000 que se reuniram na casa do senhor Amauri Giotti em Linha Salete onde decidiram dar inicio a um conjunto musical. A Banda atuou por mais de 15 anos encerrando suas atividades no ano de 2015. Durante esse período alguns componentes saíram da banda sendo substituídos por outros músicos.

Figura 153: Membros da banda (2014). Da esquerda para a direita; Anedino Morais, Marcelo Beluso, Joanei Pereira, Jaime Costella, Alexandre Negri, Elias Pasa e Robson Favaretto.

Fonte Alexandre Negri.

11.10. Coral Municipal "Sentido da Vida" de Vila Lângaro

O Coral Sentido da Vida de Vila Lângaro iniciou suas atividades no dia 14 de setembro de 2018 através do Serviço de Convivência e Fortalecimento dos Vínculos do Centro de Referência da Assistência Social, sendo um grupo de caráter aberto.

O objetivo do grupo é proporcionar através do canto coral a integração e formação de vínculos entre os 16 participantes, bem como demais integrantes que venham a fazer parte do mesmo.

O Coral também participa de encontros e festivais de canto na região, sendo que no dia 18 de outubro de 2019 foi realizado o 1º Encontro de Corais de Vila Lângaro com a participação de 05 corais da região.

Os ensaios acontecem semanalmente na sede do CRAS, regido pelo professor Luis Moreira e coordenado pelo Psicólogo Douglas Biasotto.

Figura 154: Da direita para esquerda, de cima para baixo: 1ª fila: Silvania Rovani, Arno Dal Magro, Nelson Bordignon, Celso, Heitor Azeredo, Douglas Biazotto. 2ª Fila: Professor Luís Moreira, Erna Arcari, Ana Rovani, Natalina Dalmina, Maria Célia Costella, Maria Danielli, Helena Bordignon e na frente: Joice Bordignon, Elza Azeredo, Vitalina Biazotto, Terezinha Tognon, Ormida Bortolin e Celina Piovesan.

Banda Marcial Municipal de Vila Lângaro

O projeto Banda Marcial Municipal teve início em maio de 2018, com oficinas de musicalização disponibilizadas pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, juntamente com a Secretaria de Assistência Social, através de empresa contratada.

A Banda é formada por 25 integrantes sendo um grupo de músicos instrumentais, os quais são alunos da Rede Municipal e Estadual de Ensino.

É um projeto que tem como finalidade a divulgação da cultura, através de apresentações em eventos oficiais do município, integrações, festivais, concursos, além de preparar a criança, o adolescente e o jovem na sua formação pessoal, musical e cultural.

Os ensaios acontecem semanalmente no Ginásio Poliesportivo Municipal Arcênio Ângelo Biazotto, regidos por instrutor de percussão e regente para instrumentos melódicos.

Figura 155: Banda Marcial de Vila Lângaro.
Fonte: Assessoria de imprensa prefeitura municipal.

12

COMUNICAÇÃO

12.1 Fotógrafo

Arnaldo Langaro, nascido em 26 de junho de 1930, hoje com 89 anos, filho de Pedro e Matilde Langaro iniciou sua profissão de fotógrafo desde os oito anos de idade, graças a uma máquina fotográfica que ganhou de seu irmão quando este retornou do Exército.

O senhor Arnaldo Langaro desde então nunca mais tirou a máquina de seu ombro. Nos relatou, que para fazer a revelação dos filmes, solicitou ao seu pai que construísse um quarto escuro, com um quadrinho para passar o sol e ali colocou vidros e negativas para fazer as revelações das fotos.

Figura 156: Casa de Pedro Langaro e Matilde Seidler, pais de Arnaldo Langaro (1940).
Fonte: Arnaldo Langaro.

Quando tinha dez anos, Arnaldo Langaro foi solicitado para fotografar um casamento no interior de Colônia Lângaro.

Figura 157: Casamento Fotografado por Arnaldo Langaro (1940).
Fonte: Arnaldo Langaro.

Figura 158: Meio de transporte que Arnaldo Langaro usava para vender seus quadros (1948).
Fonte: Arnaldo Langaro

Figura 159: Foto do convite de casamento de Arnaldo e Célia.
Fonte: Arnaldo Langaro.

Outro fotógrafo que atuou por muitos anos em Vila Lângaro foi o senhor Rosalino Luis Dalagasperina, carinhosamente conhecido como Pía. Ele trabalhou como fotógrafo entre 1968 a 1978 quando abandonou a profissão e se dedicou exclusivamente a atividades agrícolas.

Posteriomente entre os anos de 1994 à 2006 o professor Ademir Oliboni também prestou serviços fotográficos para os munícipes de Vila Lângaro.

Atualmente o município possui dois profissionais realizando serviços de fotográficos, Edilson Bertoglio Schultz e Natália Parizotto.

Natália Parizotto que em julho de 2017 fez um curso de fotografia e passou a atuar nessa área, prestando seus serviços em festas de aniversários, casamentos e formaturas.

12.2. Serviço de Telefonia

O posto telefônico de Colônia Lângaro era uma extensão de Tapejara e ficou por muitos anos sobre o controle da família de João David Gasparin. Possuía o mesmo sistema que Tapejara. O estabelecimento e a interrupção das ligações entre as linhas de assinantes eram feitos pela intervenção da pessoa que operava a qual utilizava equipamentos chamados "cordões".

Figura 160: Primeiro Centro telefônico de Colônia Lângaro. Primerio piso Alfaiataria Gasparin. No segundo piso residência de João David Gasparin e Centro telefônico (foto sem data).
Fonte: Família Gasparin.

Possuíam um painel frontal, onde se localizava um conjunto sequencial de jaques, em paralelo com um conjunto sequencial de lâmpadas onde cada uma das lâmpadas era associada a um assinante. Etapas para realizar uma chamada: 1º Assinante levanta o fone do gancho, 2º Telefonista atende, 3º Telefonista ouve (e memoriza) o número do assinante desejado, 4º Telefonista seleciona a posição do assinante desejado, 5º Assinante chamado atende, 6º Desconexão – reposição dos cordões.

Em 1977, começou a modernização do Serviço de Telefonia dos Municípios, foi assinado o contrato com a Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações (CRT). A Companhia assumiu o compromisso de dotar a cidade de uma central automática com DDD (discagem direta à distância) e DDI (discagem direta interurbana).

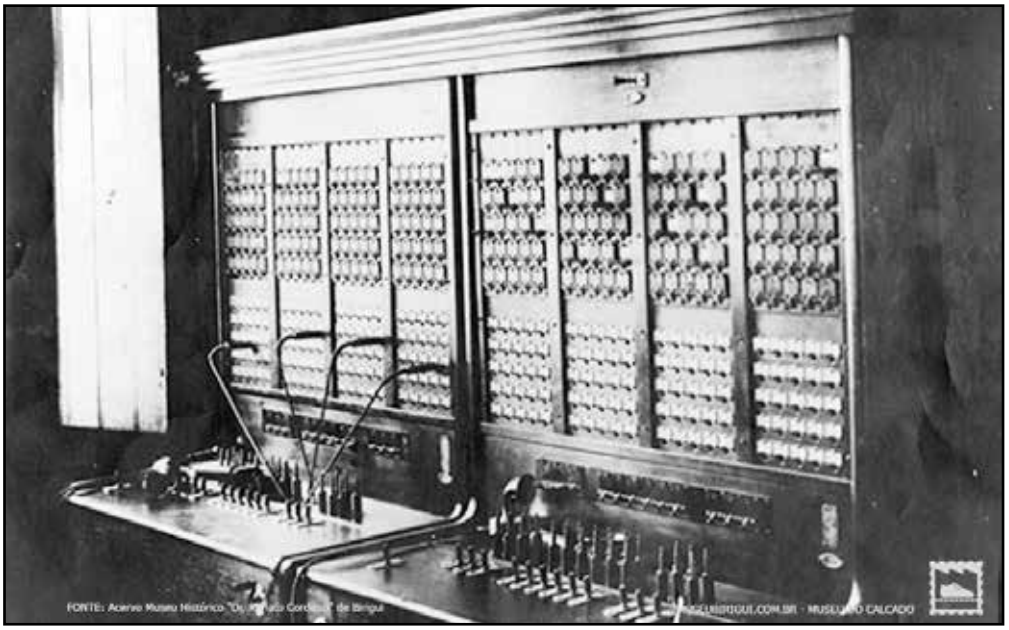


Figura 161: Vista de um Painel Telefônico, década de 70.
Fonte: Museu Histórico Birigui- 09/12/19

Os motivos da automatização das centrais telefônicas foram: 1. Baixo nível de sigilo na comunicação. 2. Ligações erradas devido à distração das telefonistas. 3. Dificuldade de memorização dos números. 4. Dificuldade de tarifação. 5. Crescimento no número de usuários.

No entanto em localidades do interior os postos telefônicos ainda permaneceram por muitos anos. Em 1985 a senhora Marines Gasparin e Célia Gasparin foram aprovadas em concurso público e passaram a trabalhar em Colônia Lângaro e Tapejara respectivamente.

Posteriormente outros telefonistas entraram também passaram a trabalhar nas centrais telefônicas do distrito de Colônia Lângaro; Claudia Tognon, Maritania Oliboni, Simone Negri Oliboni, Edilson Bertoglio Schultz.

Em meados dos anos 2000 a empresa Brasil Telecom instala uma antena de telefonia sem fio na cidade de Vila Lângaro melhorando significativamente a comunicação do município.

12.3. Rádios

Quando não existia emissora de rádio em Colônia Lângaro as pessoas em sua maioria sintonizavam em rádios da região como a Rádio Tapejara AM, Rádio Planalto AM de Passo Fundo e Caiobá FM de Tapejara.

Com o passar dos anos, em meados dos anos 2000, quando um grupo de

pessoas começou a interessar-se pelo tema das rádios comunitárias, percebeu-se que haveria a possibilidade de implantar uma emissora de rádio no município de Vila Lângaro.

A partir de então, deu-se início ao processo de documentação, levantamentos técnicos, pesquisa de opinião pública e outros trâmites legais junto aos órgãos competentes.

Após um longo período de espera, em outubro de 2008, recebeu-se um ofício do Ministério das Comunicações, onde o mesmo autorizava o início das atividades da Associação Comunitária de Comunicação e Cultura de Vila Lângaro, na frequência 87.9 FM.

De imediato, deu-se início à construção das instalações da rádio. No dia 11 de fevereiro, ocorreu a primeira transmissão em caráter experimental e logo em seguida em definitivo.

Durante todo esse percurso, várias dificuldades foram encontradas devido ao grande número de regras nas leis que regem as emissoras comunitárias. Atualmente, são mais de dez anos de história no ar, levando cultura, informação, entretenimento e vez e voz para a comunidade de Vila Lângaro.

Não podemos deixar de ressaltar a enorme contribuição de várias pessoas e empresas que contribuíram para o crescimento da Rádio Ativa FM de Vila Lângaro.

Figura 162: Rádio Ativa FM (2019).
Fonte: Ricardo Genário.

13

ENTIDADES, SINDICATOS, ASSOCIAÇÕES

13.1. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Vila Lângaro

As primeiras articulações para criação do sindicato dos trabalhadores rurais, foram em 1996. Ano posterior ao plebiscito emancipatório de Vila Lângaro. Na época, um grupo de lideranças sentiu a necessidade da criação de um sindicato local, devido a base da economia do município ser essencialmente agrícola.

No início de 1997, foi realizada uma reunião para discutir a respeito da instituição ou uma extensão de base. A partir de então criou-se uma comissão composta pelos seguintes membros: Nayr Perozzo Bedendo; Laurindo Milani; Claudimar Jacob Mascarello; Eugenio Ivo Martins Pinto; Adriana Martins Pinto de Azeredo; e Vilson Segatti, que buscou experiências, para que de fato fosse criado o tão sonhado sindicato. Neste mesmo ano, os poderes executivo e legislativo do município foram solidários e apoiaram a iniciativa.

Com muito esforço, persistência, dinamismo e vontade foi fundado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Vila Lângaro, em 31 de julho de 1997.

A primeira diretoria eleita teve a seguinte composição:

- **Presidente:** Claudimar Jacob Mascarello;
- **Secretária:** Adriana Martins Pinto de Azeredo;
- **Tesoureiro:** Amauri Antonio Denardi;
- **Suplentes da Diretoria:** Joel Dametto, Adriana da Rosa e Laurindo Milani;
- **Conselho Fiscal Efetivo:** Nayr Perozzo Bedendo, Vilson Segato e Francisco Moretti;
- **Suplentes do Conselho Fiscal:** Anildo Jose Weber, Isolda Favaretto Arcari e Tadeu Antonio Sachetti.

Conforme a atual presidente e, também secretária da primeira direção, Adriana Martins Pinto de Azeredo, “foi muito difícil o princípio com o questio-

namento por onde começar, pois não tinham estrutura física e nem material de expediente".

No entanto o presidente da Câmara Municipal de Vereadores, Bolívar Dinis Martins Pinto, juntamente com os demais vereadores, cedeu um espaço na própria câmara, para o sindicato iniciar seus trabalhos. "Aos poucos, com muita garra e dedicação, buscamos parcerias". Contamos com ajuda de várias pessoas, as quais doaram materiais de expediente, e também os membros da diretoria e lideranças, trabalharam voluntariamente. A associação dos agricultores juntou-se a nós, e nos sentimos fortalecidos", lembra Adriana.

Em 2004, concretizou-se o grande sonho da entidade, sendo a construção e inauguração da sede própria, que mais uma vez contou com a colaboração do conjunto da sociedade e principalmente dos associados que apostaram e ainda acreditam na força de um sindicato.

Nestes 21 anos de caminhada o sindicato contou com a gestão de 4 presidentes:

Claudimar Jacob Mascarello

Galeria dos presidentes do Sindicato.
Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Vila Lângaro.

- 1º mandato de 31/07/1997 a 31/05/1999;
- 2º mandato de 01/06/1999 a 31/05/2002

Aníbal Jorge da Silva

Galeria dos presidentes do Sindicato.
Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Vila Lângaro.

- 01/06/2010 a 31/05/2013

Rosa Favaretto

Galeria dos presidentes do Sindicato.
Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Vila Lângaro.

- 01/06/2013 a 31/05/2016, porém exerceu o cargo até fevereiro de 2014, pois pediu afastamento devido sua convocação no concurso da Emater/RS-Ascar.

Adriana Martins Pinto de Azeredo

Galeria dos presidentes do Sindicato.
Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Vila Lângaro.

Seu 1º mandato de 01/06/2002 a 31/05/2005, com prorrogação até 31/05/2007; e o 2º de 01/06/2007 a 31/05/2010.

Ela exerce desde 01/06/2016, sua 4ª passagem pela presidência.

Compõe ainda a diretoria atual:

- **Secretaria:** Adinandra Stefani;
- **Tesoureiro:** Josimar Dametto;
- **Suplentes da diretoria:** Jarbas Arcari Weber, Olivio Langaro e Ormida Bortolini;
- **Conselho Fiscal:** Anildo Langaro, Eloi Favretto, e Ari De Nardi;
- **Suplentes do Conselho Fiscal:** Ivan Biasotto, Adão Gaspar de Oliveira e Rosmari Della Vechia Stefani.

Atualmente o sindicato é filiado a uma Central Sindical, Confederação a CONTRAF-BRASIL, a qual abrange 14 estados brasileiros, e a uma Federação Estadual a FETRAF-RS.

No que se refere ao papel do sindicato, salientamos que é um órgão classista, de massas, autônomo e democrático, constituído para os fins de coordenação, defesa, reivindicação, representação e proteção da categoria dos trabalhadores rurais, visando entre outras, à melhoria das condições de vida e trabalho de seus representados.

Nos 21 anos de fundação, foram traçadas várias lutas, mobilizações e articulações para a busca de políticas públicas que proporcionasse uma melhor

qualidade de vida para os agricultores familiares, conquistando: crédito diferenciado ao PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - custeio e investimento; crédito fundiário, crédito emergencial; habitação rural (115 famílias beneficiadas); e defesa pelos direitos previdenciários e trabalhistas.

Além disso, o sindicato presta vários serviços: encaminhamentos de benefícios previdenciários; declaração de imposto de renda; ITR – Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural -; CCIR – Certificado de Cadastro de

Imóvel Rural -; DAP - Declaração de Aptidão ao Pronaf -; contratos; encaminhamentos de custeio e investimento; auxílio pecúlio; transferência de luz; e declarações de renda estudantil. Também o sindicato possui convênios com vários profissionais na área da saúde.

A presidente Adriana agradece a todas as pessoas que corajosamente lutaram pela organização sindical e deram início aos trabalhos de fundação; aos associados que acreditaram na entidade e colaboraram para que ela se fortalecesse; as diretorias que assumiram a coordenação e continuam atuando da melhor forma possível, sempre em benefício do agricultor.

Ela diz que "no decorrer da história do movimento sindical, assim como a da federação, foram inúmeras conquistas, projetos elaborados, e sonhos realizados, mas que muitos desafios estão pela frente". Finaliza com a frase: "A força sindical é a nossa ferramenta de luta".

13.2. Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais

O Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais(MMTR) surgiu nos "clubes de mães", nas diferentes comunidades da região (mas não apenas nelas), cujo objetivo inicial era meramente a promoção da sociabilidade, com atividades que reforçam os papéis femininos convencionais.

A década de 1980 foi marcada pela emergência de um novo sindicalismo, cujas ramificações alcançaram o mundo rural, através da formação de Sindicatos de Trabalhadores Rurais. Então como já existiam clubes de mães, principalmente na sede do distrito de Colônia Lângaro, ligado ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara e a EMATER, e tendo a grande líder Nayr Perozzo Bedendo, nossa região entra nesse movimento.

Figura 164: Folder do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais.
Fonte: Arquivo do Movimento.

A realização de encontros municipais e regionais fez com que as mulheres, apoiadas a homens que também reconheciam que a mulher deveria lutar pela sua inserção na sociedade, foi o alicerce para um encontro regional em Viamão, em março de 1982 das trabalhadoras rurais.

Nesses encontros foram levantadas as propostas que seriam apresentadas na Assembleia: direito à sindicalização, aos documentos escritos. Trabalhadora Rural, onde estava escrito Doméstica; reconhecimento como trabalhadoras com direito a receber auxílio a acidentes de trabalho, direito à aposentadoria, direito a salário-maternidade e na política.

Nayr passa a ser a representante dos municípios de Tapejara, Charrua e Ibiaçá, na Assembléia Geral de Viamão, num grupo de quarenta mulheres e levam consigo a bandeira das demais companheiras do Estado do Rio Grande do Sul, que, no início do Movimento, era de liberdade de participação e de expressão.

Agora se tornam mais consistentes e se propõem a lutar contra a discriminação que sofrem as mulheres na sociedade, pelo reconhecimento da profissão de agricultora, por uma educação de qualidade no meio rural, voltada para a realidade agrícola, pelo melhor atendimento hospitalar, pela reforma agrária

urgente e uma política agrícola para os agricultores familiares.

Em seguida, como proposta aprovada na Assembleia Geral de Viamão, por unanimidade, nasce a ideia da sindicalização da mulher que encontra resistências localizadas, mas que avança rapidamente e no dia 08 de março de 1984 (Dia Internacional da Mulher), ocorre a primeira manifestação pública, que reúne oito mil mulheres em Porto Alegre, no Gigantinho, anexo ao Estádio Beira Rio. Nesse evento, foram discutidas questões como aposentadoria, saúde, política agrícola, educação, reforma agrária, falta de terra e discriminação social.

Segundo Nayr, foi muito difícil sair do meio do mato e ir a grandes cidades, mas enfrentamos o medo, a fome, a sede. Dormimos em acampamentos feitos com lonas e no chão para sermos reconhecidas como cidadãs de uma terra maravilhosa que sustenta este País e ainda diz, as mulheres agricultoras precisam ser guerreiras e andarem lado a lado de seus companheiros, de suas famílias, somando forças para termos uma sociedade mais justa.

Figura 165: Nayr Bedendo em 2019, com 85 anos.
Fonte: Família Bedendo.

Congressos de Jovens Rurais que ocorreram nas comunidades de Vila Lângaro

O Primeiro Congresso de Jovens Rurais realizados em Vila Lângaro ocorreu nos dias 22 e 23 fevereiro de 1974. Os objetivos do Congresso foram analisar a realidade dos jovens rurais para juntos crescerem em comunidade, despertar e unir os jovens, incentivar e formar lideranças nas comunidades rurais.

Entre os palestrantes do Congresso esteve o dirigente da Frente Agrária Gaúcha (FAG) Gentil Bonato e o assessor da FAG Bispo de Porto Alegre, Dom Edmundo Kuntz. Na oportunidade, foram discutidos diversos assuntos ligados aos jovens rurais. Nesse encontro foram definidas as datas do segundo Congresso, que se realizará nos dias 6 a 8 de fevereiro de 1975, em Vila Campos, com a preocupação de organizar os grupos de jovens nas comunidades.

Nos dias 17 a 19 de fevereiro de 1977, ocorreu o Quarto Congresso de jovens, na Linha Salete, com a preocupação de reintegração entre jovens associados e grupos. Entre os temas refletidos estavam à formação e espiritualidade da juventude que foi abordado por membros da equipe de Jovens do Treinamento de Lideranças Cristãs (TLC) da Matriz, monocultura e êxodo rural, pelo secretário da FETAG, Geraldo Pegoraro.

Entre 31 a 2 de fevereiro de1991 ocorreu o Décimo Oitavo Congresso em Vila Lângaro com o tema avaliação e motivação dos grupos de jovens.

Entre 27 de fevereiro de 1992 foi realizado o Décimo Nono Congresso em Linha Salete. Entre os palestrantes esteve o Engenheiro Agrônomo da EMATER Jorge Silber, Luiz Gajardo, Wilson Zanatta que abordaram o tema Cooperativismo.

O Vigésimo Terceiro Congresso aconteceu de 8 a 10 de fevereiro de 1996 na Comunidade de Nossa Senhora Aparecida, na Linha Schleder que tratou da agricultura ecológica, medicina alternativa e farmácia alternativa que funcionam no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, contendo 70 tipos de ervas e fabricação de remédios.

Programa de Desenvolvimento Municipal: uma experiência iniciada na comunidade de Vila Lângaro

Iniciativa de várias entidades do município de Tapejara, principalmente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Cotapel e da Prefeitura Municipal, no ano de 1986, foi adotado o Programa de Desenvolvimento Municipal e da metodologia do Planejamento Participativo, com objetivo de resgatar iniciativas populares e proporcionar ações conjuntas em prol do desenvolvimento do município.

Com a conjugação de esforços de todas as entidades, foi possível o início do programa pioneiro de desenvolvimento municipal em Tapejara. Tal iniciativa

se deu com a contribuição de alunos recém egressos da UNIJUÍ- Universidade Ijuí (Ildo Costella, João Poletto, Roque Filappi e Vildo Moisés Rovani), que com assessoria da mesma, dado know-howde inserção comunitária decorrente da sua histórica atuação regional, contribuiu com o planejamento, implantação, execução, acompanhamento e avaliação, de ações conjuntas integradas entre poder público, entidades e população.

Após uma série de reuniões preparatórias e a constituição de uma coordenação de trabalhos, optou-se pela realização de um projeto piloto, no então distrito de Vila Lângaro, onde por um período de 6 meses houve um intenso trabalho envolvendo todas as comunidades pertencentes ao distrito, hoje município.

Entre as atividades, destaca-se o planejamento conjunto de ações públicas envolvendo toda a comunidade, na perspectiva que todos podem contribuir em iniciativas construídas conjuntamente e desenvolvidas pelos próprios interessados, com a participação do poder público. Um exemplo da época, que pode ser destacado, foi a limpeza de uma via pública, com a presença de máquinas do munícipio e a participação da comunidade.

Assim, este instrumento de participação cidadã, num cenário de práticas de gestão pública em função da coletividade, ficou como uma semente plantada na comunidade de Vila Lângaro, de como é possível construir iniciativas com a participação e responsabilidade de todos.

Colaboração Ildo Costella, coordenador do Programa de Desenvolvimento Municipal em 1986.

13.3. EMATER

A EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) se instalou no município de Vila Lângaro em 1998, com o bjetivo principal de dar suporte técnico aos produrores rurais do município.

Figura 166: Primeiro Encontro de Mulheres de Vila Lângaro orgnizado pela EMATER (Março 1998).
Fonte: EMATER.

Dentre os cursos oferecidos pela EMATER, está a preparação de alimentos, utilizando técnicas para manter as propriedades nutritivas dos alimentos bem como a higienização do ambiente de preparo.

Figura 167: Curso de Merendeiras realizado na Escola Rafael Pinto Bandeira Colônia Nova (2003).
Fonte: EMATER.

Emater promove oficina de artesanatos

A extensionista da Emater da área de bem-estar social, Clair Cecília Tondello, coordena curso de flores de meias de seda, bordado russo, bordado com soutache, crochê, artesanato feito com jornal e técnicas usando garrafas pet, em oito oficinas que aconteceram simultaneamente no dia 25/03/2004.

Figura 168: IX Encontro Municipal de Agricultores e Agricultoras- Salão Comunitário de São Bernardo- 22-07-2006.
Fonte: EMATER.

Curso para Feirantes

Boas práticas de fabricação e manipulação de alimentos foi a tônica do curso realizado para os feirantes da agricultura familiar de Vila Lângaro, no dia 24/10/2019, na Câmara de Vereadores do município, com a participação de seis agricultores. A iniciativa foi da Emater/RS-Ascar e o curso foi ministrado pelos assistentes técnicos regionais da Emater/RS-Ascar, Vilmar Wruch Leitzke e Luciana Gobbi.

Figura 169: Curso para feirantes (2019).
Fonte: EMATER.

13.4. Associações

ACIVAL - Associação do Comercial Industrial Prestação de Serviços e Agropecuária de Vila Lângaro

Com o desenvolvimento de Vila Lângaro e o crescimento do comércio local surgia a necessidade da criação de associações e entidades locais. Em dezembro de 1995, um grupo de empresários da época, travavam conversas buscando uma forma de fortalecer e desenvolver o comércio local trazendo, assim, o envolvimento e o fortalecimento das empresas e dos empresários.

Em meados de 1996, os então empresários que estavam a frente deste movimento, Arcenio Biazotto, Realdo Savaris, Valdecir Giotti e Vildo Moisés Rovani (in memorian) davam continuidade na busca da criação de uma associação comercial. Muitas foram às reuniões, conversas, discussões e planejamento na busca de mais pessoas para juntarem-se a este movimento: comerciantes, pres-

tadores de serviços, indústrias e agropecuária.

Em setembro de 1997 através da mobilização e organização realizou-se uma reunião que aconteceu no CTG Gentil Boeira, com membros do comércio, entidades locais, prestadores de serviços, representantes das comunidades, setor agropecuário, poder público e com membros da Associação Comercial de Tapejara – Acisat, onde trouxeram o apoio, sugestão e orientações para criação da associação.

Nesta noite reuniu-se para apoiar e discutir o assunto, aproximadamente 100 pessoas, com o apoio dos participantes criou-se a Associação do Comércio. Na mesma data constituiu-se a primeira Diretoria que estaria dando início efetivamente às atividades, assim sendo composta: Presidente: Arcenio Biazotto, Vice Presidente: Valdecir Giotti e Secretária: Marcia Celestina Borille.

Em novembro de 1997 cria-se a Associação do Comercial Industrial, Prestação de Serviços e Agropecuária de Vila Lângaro, definido como – ACIVAL, no final deste mesmo ano como forma de premiar os clientes que realizam suas compras no comércio local realizava-se o Primeiro Show de prêmios Acival.

Como não havia recursos disponíveis para a premiação cada empresa doava um prêmio para ser sorteado aos seus clientes assim como as demais despesas eram custeadas pelos empresários, o evento aconteceu na área da igreja Nossa Senhora do Rosário. Este evento tornou-se tradicional e acontece anualmente.

14

ATRATIVOS TURÍSTICOS DE VILA LÂNGARO

Pórtico do Município: construído na segunda gestão do ex-prefeito Moisés Dametto.

Figura 170: Vista do Pórtico na entrada do acesso ao município. (2019).
Fonte: Prefeitura Municipal.

Cuia de Pedras

O senhor Alécio Savaris (in memória), tinha uma paixão muito grande pelo tradicionalismo gaúcho e sonhava em deixar uma marca que representasse esse amor ao Rio Grande do Sul.

Seus familiares contam que ele, de sua casa, ficava admirando e pensando por longas horas como poderia usar as pedras do morro de sua propriedade

para formar a imagem de uma cuia.

Um dia, em 2009, subiu o morro e, de pedra em pedra conseguiu formar a bela imagem que pode ser vista do asfalto que liga a cidade à RS 463, quando inicia o perímetro urbano, a direita do sol nascente. Trabalho de um homem honrado pela sua família e pelos seus vizinhos deixando assim um grande legado para Vila Lângaro, pois desperta a atenção de muitos visitantes.

Figura 171: Cuia de Pedras (2018).
Fonte: Nelsi Savaris.

Gruta Nossa Senhora de Lourdes

Elibio Favaretto era devoto de Nossa Senhora de Lourdes, padroeira das águas e dos doentes. Em uma conversa com Aurélio e Maria Lângaro, proprietários da terra em que tinha uma nascente ao pé do morro, tiveram a ideia de fazer a gruta. Entraram em contato com Antônio Arcari proprietário que era lindeiro, pois precisavam abrir uma estrada para chegar até a fonte. Seu Antonio Arcari não só concordou como se prontificou a ajudar.

Seu Elíbio então foi conversar com o prefeito municipal que na época era o Senhor Miguel Alécio Rovani, que criou um projeto de lei e comprometeu-se em ajudar na construção.

Elibio comprou a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, a EMATER fez a preservação da fonte e em 2001 os pedreiros Pedro Cechetti, Dilmar Mertz e alguns auxiliares construíram a gruta, com tijolos, pedras e cimento. Todo o material e mão de obra custeada pela Administração Municipal da época.

Hoje continua sendo um ponto turístico muito belo, aconchegante pela paz que flui no ar, com sombra, bancos e com uma água refrescante que brota das pedras. Inúmeras pessoas fazem suas orações bem como fazem o uso da água para beber e até levam para suas casas.

Figura 172: Gruta Nossa senhora de Lourdes, Em Vila Lângaro. (2018).
Fonte: Marcelo Biazutti.

Cascata de São Roque

- Localização: Comunidade de São Roque
- Distância da Sede: 11Km
- Descrição: a cascata está localizada no Rio Carreteiro, da divisa entre Vila Lângaro e Tapejara, na comunidade de São Roque, em propriedade particular, e não é explorada turisticamente.

Figura 173: Cascata de São Roque (2019).
Fonte: Prefeitura Municipal.

Cascata no Rio do Peixe

- Localização: Comunidade de Linha Favaretto
- Distância da Sede: 3 Km
- Descrição: a cascata está localizada no Rio do Peixe, na comunidade de Linha Favaretto, à 3 Km da cidade, em propriedade particular, e não é explorada turisticamente.

Figura 174: Cascata no Rio do Peixe, Vila Lângaro (2015).
Fonte: Prefeitura Municipal.

Balneário Recanto do Lazer

- Distância da Sede: 4Km
- Descrição: o balneário possui pista oficial de veloterra e velocar, toboágua, chuveiros, área de alimentação, campo de futebol, quadra de vôlei e pesque pague e é explorado turisticamente.

Figura 175: Balneário Recanto do Lazer. (2017).
Fonte: Prefeitura Municipal.

Camping Poço Redondo:

- Localização: Comunidade de Linha Salette
- Distância da Sede: 7 Km
- Descrição: o local possui área de camping com churrasqueira, banheiro, mata, gruta, e trilha ecológica, está em propriedade particular e é explorado turisticamente.

Gruta Recanto Feliz

A gruta foi feita por causa de uma promessa que a mãe de dona Lídia Seidler fez a senhora Adelaide Tognon. Conta-se que, seu filho, Jair sofreu paralisia infantil e o médico informou que ele não iria mais caminhar.

Dona Adelaide, muito devota, pediu a Nossa Senhora das Graças que intercedesse e olhasse para seu filho, prometendo fazer uma Gruta em sua residência, onde havia a roda de água, com a imagem da santa. Seu filho Jair conseguiu

caminhar. Dona Lídia filha de Adelaide, cumpriu a promessa feita por sua mãe, muitos anos depois construiu a gruta.

Figura 176: Gruta Nossa Senhora das Graças (2020).
Fonte: Marcelo Biazutti

O senhor Urbano Seidler após desativar a roda d'água que movia um dínamo, colocou uma lona e fez uma cabana. Aos domingos de manhã com seu radinho preto a pilha sentava em um pedaço de lenha debaixo da lona para escutar o barulho da água e as músicas da emissora de rádio Carazinho, do programa Gazeta do Passado.

Com o tempo seu Urbano começou a fazer churrasquinho e cantar moda sertaneja com seus amigos. Quando conseguiu comprou um galpão usado o desmanchou e com a madeira construiu um barraco e, em seguida, construiu a gruta, auxiliado pelos pedreiros Pedro Cechetti e o seu auxiliar Dilmar Mertz.

15

FATOS QUE MARCARAM A HISTÓRIA DE VILA LÂNGARO

15.1. Ataque de Gafanhotos

No início do século XX as ocorrências de nuvens de gafanhotos se tornam mais intensas na regiãode Passo Fundo, aniquilando diferentes plantações de trigo, milho, alfafa e mesmo pequenas hortas próximas às casas. Em consequência, a população do campo, sobretudo os produtores de cereais, passou por períodos de decadência econômica e fome, pois onde passavam os gafanhotos nada sobrava.

Para afugentar faziam fogo, abriam valas e em mutirão com panos, vassouras, galhos de árvores, encurralaram os insetos, os queimavam e enterravam. Somente na década de 40 que surge um pó inseticida, o pó Efussan, para ser espalhado na presença de gafanhotos.

Em outros momentos surgiram nuvens de gafanhotos, porém em menor quantidade e, hoje, raramente os vemos.

Nuvem de Gafanhotos destroem as plantações

COM GRANDE AREA DEVASTADA PELOS GAFANHOTOS, PASSO FUNDO FAZ ANGUSTIOSO APELO AO GOVERNO

ISTO E' O RIO GRANDE DO SUL!

DESTAQUES

NOVO TEMPLO

Preparativos para a 34.ª Exposição-Feira

Figura 177: Manchete do jornal Correio do Povo de 1947, destacando o ataque dos gafanhonos na região de Passo Fundo.
Fonte: Correio do Povo.

15.2. Nevasca em Agosto de 1965

Figura 178: Vista da nevasca de 1965, nos campos de Dorival Teixeira, na localidade de Campo Redondo, Vila Lângaro. Da esquerda para a direita, Eri Teixeira, Hélio Teixeira, Dorival Teixeira, João Batista Teixeira, Antonio Brasaca e um amigo do Antonio. A direita seu Dorival Teixeira a cavalo na neve.
Fonte: Eloá Teixeira.

A maior nevasca ocorrida em 100 anos no sul do Brasil. Os flocos brancos alteraram a paisagem nas cidades e nos campos, e a neve foi se acumulando com o passar das horas.

Segundo moradores da região que presenciaram o ocorrido, a beleza da paisagem impressionava. Mas também causou muitos transtornos. O peso da neve acumulada sobre os telhados, com mais de meio metro de espessura, destruiu residências, matou animais e ainda causou acidentes em razão da baixa visibilidade nas estradas.

O solo foi coberto de branco, a mudança da paisagem despertou curiosidade. Além da admiração com o fenômeno, a confecção de bonecos nos pátios das residências e as brincadeiras com a neve marcaram a data. As notícias recebidas pelas ondas do rádio alertavam para a possibilidade de desabastecimento, tanto de alimentos como de combustíveis.

Dona Florinda José Trindade, conhecida como Mulata, nos relatou que morava próximo da igreja de São Luís do Gramadinho e como sua casa era muito frágil precisou se abrigar embaixo da igreja. Permaneceram ali até a neve baixar. Conta que as galinhas com pintinhos morreram embaixo de galhadas de árvores.

Os bois e porcos tentavam com muita dificuldade retirar a neve para encontrar pasto para comer.

Precisavam usar cadeiras velhas, palanques, tábuas, para fazer fogo. Durante os três dias ficaram trancados em casa, rezando, chorando de medo de cair o telhado da casa, que era feito de tabuinhas, devido ao peso da neve.

A noite o medo era maior, pois as árvores não suportavam o peso da neve quebravam fazendo um barulho assustador. Em muitas casas raspavam com enxada a neve do telhado para diminuir o peso.

Para ir buscar lenha, água, faziam carreiros na neve. Há relatos que recolhiam a neve em baldes e deixavam ela derreter para poder tomar, cozinhar e usar.

Foi marcante a morte de pássaros e outros animais, e algumas aves entravam na casa para fugir do frio, mas, porém, a neve foi um remédio para outras coisas, por uns três anos não foram vistos mosquitos, ratos e baratas.

15.3. Enchente

Algumas fotos de enchentes que atingiram Vila Lângaro ao longo da história.

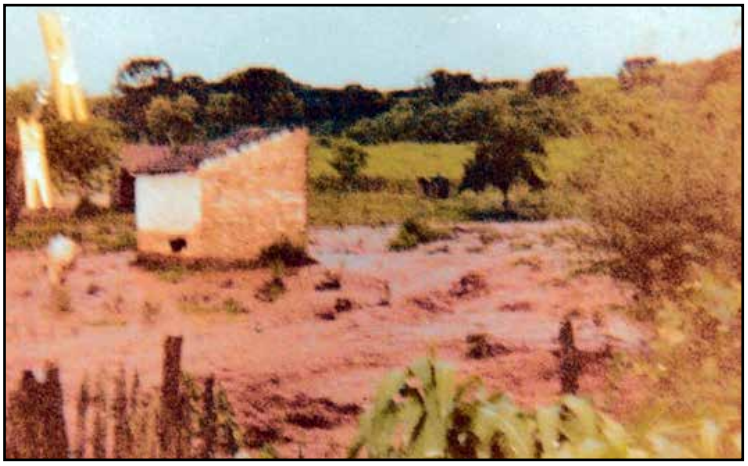


Figura 179: Enchente de 1980 atingindo algumas casas onde atualmente se localiza a sede do município de Vila Lângaro.
Fonte: Eneide Negri.

Figura 180: Enchente de 1980 onde atualmente se localiza a Rua 22 de Outubro, centro de Vila Lângaro.
Fonte: Eneide Negri

15.4. Tornado em 13/05/1987 atinge interior de Colônia Lângaro

Por volta das seis horas da manhã do dia 13 de maio de 1987 um forte vento atinge toda a região de Colônia Lângaro causando muitos estragos, deixando uma pessoa morta e várias com ferrimentos.

Vista do rastro do tornado na propriedade de Alcides Langaro, situada próximo à estrada que liga Vila Lângaro ao Rio do Peixe.

Figuras 181 e 182: vista dos estragos na propriedade do senhor Alcides Langaro, onde sua nora Odete Fantini Langaro veio a falecer.
Fonte: Família Langaro.

15.5. Chuva de Granizo

O município de Vila Lângaro, foi atingido por um temporal de granizo, seguido de muita chuva e vendaval, na noite do dia 11 de julho de 2016, por volta das 19h e 30min, na comunidade de São Roque.

Na noite do dia 13 de julho de 2016, por volta das 20 horas, nas comunidades de Colônia Nova e Campo Redondo o granizo provocou muitos estragos nas plantações e residencias.

Várias pessoas foram afetadas pelo evento adverso, que danificou cerca de 70 casas, além de galpões, aviários e chiqueiros. Aproximadamente 80 quilômetros de estradas ficaram obstruídas e vários bueiros ficaram trancados.

Houve uma grande queda de árvores, incluindo eucaliptos e pinheiros. Muitas lavouras que tinham cultivo de aveia, trigo, cevada, canola, e pastagens para o gado leiteiro, foram danificadas, perdendo totalmente a sua produção.

15.6. Tornado de 2018 em Vila Lângaro

No dia 12 de Junho de 2018 por volta das 23h30min, o município de Vila Lângaro/RS foi aterrorizado por um forte temporal que durou apenas 5 minutos, mas sua passagem foi tão forte que causou estragos em algumas propriedades rurais, em casas e galpões, arrancando árvores e destelhando até a escola do município.

Essa tempestade foi consequência de alguns fatores meteorológicos como por exemplo; o estabelecimento de uma massa de ar quente que estava no local, com uma rápida e forte passagem da massa de ar fria acompanhada que após permaneceu no Estado do Rio Grande do Sul por alguns dias com fortes precipitações de chuva e granizo.

Meses depois outro tornado atingiu a comunidade de Colônia Nova destruindo outrs residências dessa comunidade. Segue alguns depoimentos de moradores atingidos pelo tornado.

Na casa da dona Lenita Bedendo quase todo o telhado foi arrancado pela ventania. Ela ainda avalia os prejuízos, mas muitas coisas foram destruidas móveis e eletrodomésticos, os galpões da propriedade. "Aí é difícil, porque a gente trabalha para juntar um dinheirinho, contando o final do mês e olhar aqui não tem mais nada. Para recomeçar tem que ter força." (Fala de Lenita Bedendo).

Segundo Darci Broto "em torno de onze e meia da noite a gente levantou e ia descer no porão, mas não deu tempo. Foi questão de segundos, já tinha levantado. Foi só material, nós estamos aí firme e forte, graças a Deus".

Na propriedade da família Milani quase toda a estrutura da propriedade rural foi danificadas. Do galpão usado para guardar máquinas agrícolas, sementes e adubos restaram apenas ferros retorcidos. Segundo o prefeito Claudiocir Mi-

lani "O prejuízo é grande, mas mais foi o susto que a gente leva, é uma dificuldade muito grande que se leva para toda a vida, mas tudo se reconstrói devagarzinho e a gente consegue morar aqui de novo. Tudo o que foi passado a gente passa e na conversa com o pessoal o importante foi que ninguém se machucou e precisamos ficar morando aqui."

15.7. Pracinhas da Segunda Guerra Mundial

Dois cidadãos de Vila Lângaro fizeram parte da força expedicionária brasileira no períoda da Segunda Guerra mundial (1939-1945). Eles foram convocados para se juntarem as tropas brasileiras que seriam enviadas a Europa, mais precisamente a Itália.

Noé Almeida de Oliveira (in memórian): Nasceu no dia 20/08/1920, e foi para a guerra com 25 anos de idade, pois apesar de já ter dado baixa do exército quando a guerra começou seu Noé se apresentou como voluntário e partiu para o Rio de Janeiro para se juntar as tropas brasileiras que eram enviadas por navios ao velho continente.

Segundo os familiares seu Noé não gostava muito de falar sobre a guerra, mas de vez em quando contava algumas coisas aos familiares, principalmente da "pobreza e miséria que havia encontrado em meio à destruição da Itália".

Noé retornou ao Brasil após o término da guerra estabelecendo-se por um tempo em Passo Fundo e posteriormente retornando a residir no interior do município de Vila Lângaro. Seu Noé faleceu no dia 22/08/2019 em Passo Fundo com 99 anos de idade, deixando um grande exemplo de amor a pátria a todos nós.

Figura 183: Noé Almeida de Oliveira com 88 em 2008.
Fonte: Joel Almeida Teixeira

DIPLOMA
DA
Medalha de Campanha

Rio de Janeiro, GB, 23 de Jun de 1965

Gen Bda RAMIRO TAVARES GONÇALVES
Secretário do Ministério da Guerra

Figura 184: Diploma que Noé recebeu em 1965 pela participação na Segunda Guerra Mundial.
Fonte: Joel de Almeida Teixeira

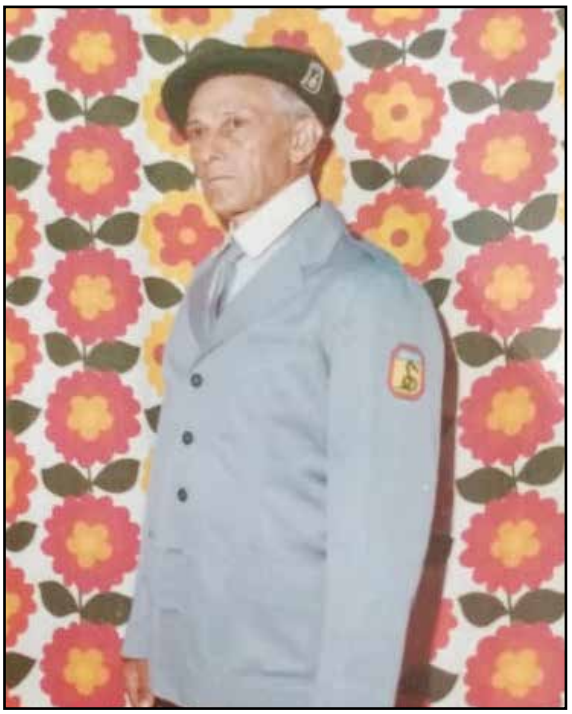


Figura 185: Noé Almeida de Oliveira vestido com sua farda de passeio.
Fonte: Joel de Almeida Teixeira

Outro pracinha que representou nossa terra na Segunda Guerra Mundial foi o senhor Santo Angelo Langaro (in Memórin). Filho de Florindo Langaro e Ana Maria Conte, nasceu em 12 de dezembro de 1920 em Colônia Lângaro e foi reservista no quartel 20° Regimento de Cavalaria, do município de Passo Fundo-RS.

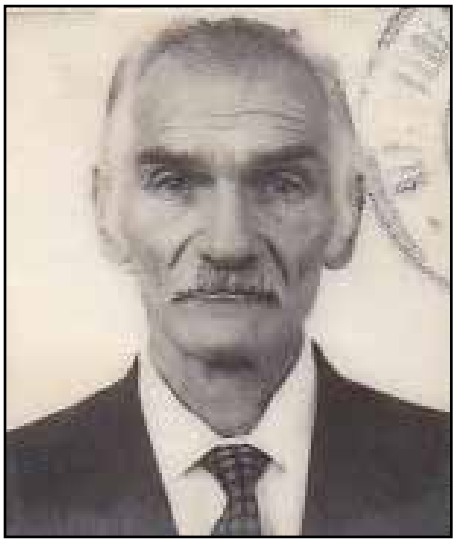
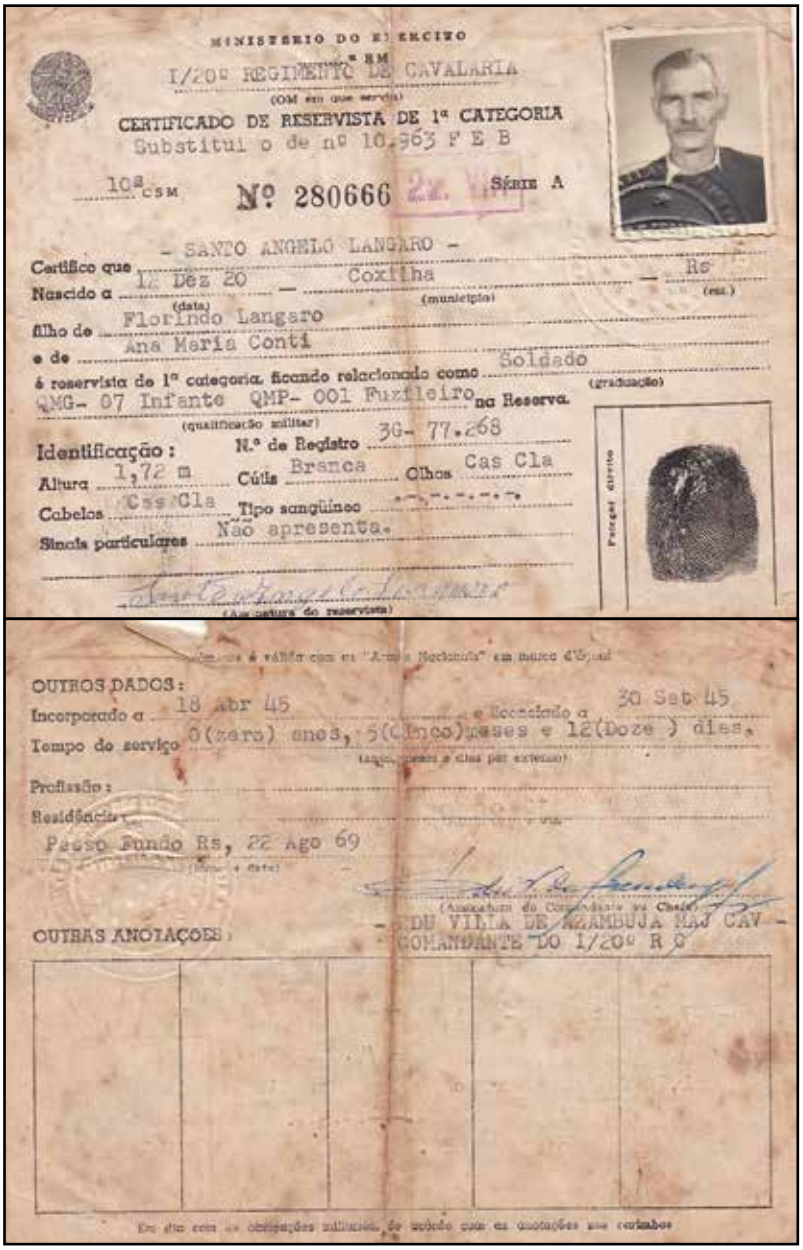


Figura 186: Santo Angelo Langaro.
Fonte: Família Langaro

O senhor Santo Langaro foi convocado para lutar no final Segunda Guerra Mundial ao lado do outros militares brasileiros que se uniram ao exército americano na Itália para livrar a mesma das mãos do exército Nazista Alemão. Santo Langaro permaneceu na Força Expediconária Brasileira no período de 18de abril de 1945 à 30 de Setembro de 1945 conforme o cerfificado de reservista nos mostra a figura 185.

Segundo seus familiares quando Santo Langaro foi para a guerra recebeu uma imagem de Nossa Senhora Aparecida de sua madrinha sendo que ela profereriu a sseguinte frase “Ela irá e voltará contigo”.

Após o término da Guerra Santo Langaro retornou para Linha Salete onde constituiu uma família e alguns filhos vivem até hoje no mesmo local. Santo Langaro esta enterrado no cemitério comunitário de Vila Lângaro.



MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

I/20º REGIMENTO DE CAVALARIA
(OM em que serviu)

CERTIFICADO DE RESERVISTA DE 1ª CATEGORIA
Substitui o de nº 10.963 F E B

10ª CSM Nº 280666 Série A

- SANTO ANGELO LANGARO -
Certifico que
Nascido a 12 Dez 20 (data) — Coxilha (município) — Rs (est.)
filho de Florindo Langaro
e de Ana Maria Conti
é reservista de 1ª categoria, ficando relacionado como Soldado (graduação)
QMG- 07 Infante QMP- 001 Fuzileiro (qualificação militar) na Reserva.

Identificação:
Altura 1,72 m
Cútis Branca
Olhos Cas Cla
Cabelos Cas Cla
Tipo sanguíneo -.-.-.-.-.-.
Sinais particulares Não apresenta.
N.º de Registro 3G- 77.268

Polegar direito

(Assinatura do reservista)

OUTROS DADOS:
Incorporado a 18 Abr 45 e Licenciado a 30 Set 45
Tempo de serviço 0(zero) anos, 5(Cinco) meses e 12(Doze) dias.
(anos, meses e dias por extenso)
Profissão:
Residência:
Passo Fundo Rs, 22 Ago 69
(local e data)

(Assinatura do Comandante ou Chefe)
- CEL VILLA DE AZAMBUJA MAJ CAV -
COMANDANTE DO I/20º R C

OUTRAS ANOTAÇÕES:

Em dia com as obrigações militares, de acordo com as anotações nos verbetes

Figura 187: Certificado de reservista do Pracinha Santo Angelo Langaro (1969).
Fonte: Familiares de Santo Langaro.

Figura 188: Cantil e recepiente utilizado para alimentação utilizado pleo senhor Santo Langaro na Segunda Guerra Mundial.
Fonte: Família Langaro

Considerações finais

O presente trabalho resgatou parte da história do município de Vila lângaro, uma história que foi construída por várias gerações, transformando o espaço geográfico desde a época da chegada dos imigrantes, formação município, sua trajetória destes 25 anos e emancipação.

Nesse tempo vivido, várias gerações se dedicaram a construir a história de Vila Lângaro e muitos deles jamais poderiam imaginar que aquele pequeno vilarejo que se formara a partir de 1910 se tornaria um dia município.

Por isso esta obra manterá viva grande parte da história construída pelo povo de Vila Lângaro que servirá para que as futuras gerações possam vir a conhecer um pouco das memórias deste município e dos que foram protagonistas desta história.

Ao concluir este trabalho, a população e o Governo Municipal de Vila Lângaro nestes 25 anos de emancipação política – administrativa, comemoram mais uma conquista em sua gloriosa trajetória, a de preservar e difundir a sua memória e história de seu povo.

Referências bibliográficas

PEREIRA, Cláudio Nunes. Genealogia Tropeira, Passo Fundo e arredores séculos XVIII e XIX vol III. Coletânea de material histórico e genealógico. Passo Fundo 2008.

MAESTRI, Mário. O escravismo no Brasil.11ª edicção, Atual Editora 1994.

MAESTRI, Mário. Os senhores da serra: a colonização italiana do Rio Grande do Sul. 2.ed. Passo fundo: UPF, 2000.

SPANHOL, Itamar Antonio. Histórico da paróquia Nossa Senhora da Saúde, 90 anos bodas de Álamo.Tapejara, 2016.

ZANOLLA, Pe. Darcy. Raízes e história de uma comunidade. 50 anos da paróquia Santo Antônio. Água santa, 1994.

LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane Cruxên. A colonização Alemã no Rio Grande do Sul- uma interpretação sociológica. Porto Alegre; movimento, Instituto Estadual do livro, 1996.

NONNENMACHER, Marisa Schneider. Aldeamento Kaigang no Rio Grande do Sul (século XIX). Ed. Porto Alegre, Edipucrs, 2000.

GUIMARÃES, Anete Rosane Krebs. Caminhos percorridos pelos alemães - na colônia Guarani/Santa Rosa. Fundo Municipal da Cultura - Santa Rosa--RS 2015.

HAMMES, Hugo. ROCKENBACH, Silvio A. antes e depois - O Rio Grande do Sul e a imigração alemã. Porto Alegre: Consulado Geral da República Federal da Alemanha, 1999.

ECKER, Adari Francisco. A Trilha dos Pioneiros, Passo Fundo : Berthier, 2007

BUENO, Fidélis. Geografia Tropeira. Subsídios ou estudo do tropeirismo. Castro. Edição do Autor, 2008.

RODERJAN, Roselys Velloso. "Raízes e Pioneiros do Planalto Médio" Coedição da Prefeitura Municipal de Carazinho/Universidade Passo Fundo/ Empresa Jornalística Diário da Manhã. Carazinho, 1991

CAFRUNI. JORGE E. Passo Fundo das Missões. Estudo Histórico do Período Jesuítico, editora Nação. Porto Alegre 1966.

OLIVEIRA, Heron Lisboa de. Quilombo da Mormaça – Em Busca do Território: uma luta das mulheres negras 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view-File/366/418>. Acessado em: jan. 2020

Arquivos da Prefeitura Municipal de Vila Lângaro-RS, acesso em 2019.

https://cidades.ibge.gov.br/

http://www.pmpf.rs.gov.br/files/formacao_historica_pf.pdf

Quilombolas. Disponível em: http://www.incra.gov.br/pt/quilombolas.html Acesso em:

http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2008/Heron%20Lisboa%20de%20Oliveira.pdf. Acesso em dezembro 2019.